

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

TÂNIA DE OLIVEIRA AMARAL

**LUGAR E ESPAÇO VIVIDO DOS MORADORES DE UM BAIRRO PERIFÉRICO:
ESTUDO DE CASO NO CESÁRIO ALVIM JUIZ DE FORA-MG**

JUIZ DE FORA

2014

TÂNIA DE OLIVEIRA AMARAL

LUGAR E ESPAÇO VIVIDO DOS MORADORES DE UM BAIRRO PERIFÉRICO:
ESTUDO DE CASO NO CESÁRIO ALVIM JUIZ DE FORA-MG

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre e Geografia.
Área de Concentração: Espaço e Ambiente.
Linha de Pesquisa: Dinâmicas Sócio-espaciais.

Orientador: Prof. Dr. Francisco de Assis Penteadó Mazetto

JUIZ DE FORA

2014

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de geração
automática da Biblioteca Universitária da UFJF,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Amaral, Tânia de Oliveira .
Lugar e Espaço Vivido dos Moradores de Um Bairro
Periférico: Estudo de Caso no Cesário Alvim Juiz de Fora-MG /
Tânia de Oliveira Amaral. -- 2014.
138 f.

Orientador: Francisco de Assis Penteado Mazetto
Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de
Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-
Graduação em Geografia, 2014.

1. Geografia Urbana. 2. Geografia Humanista . I. Mazetto,
Francisco de Assis Penteado , orient. II. Título.

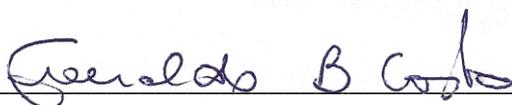
LUGAR E ESPAÇO VIVIDO DOS MORADORES DE UM BAIRRO PERIFÉRICO:
ESTUDO DE CASO NO CESÁRIO ALVIM JUIZ DE FORA-MG

TÂNIA DE OLIVEIRA AMARAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia, Área de Concentração Espaço e Ambiente, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 08/09/2014

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Everaldo Batista da Costa (Membro externo)
Universidade de Brasília



Prof. Dr. Francisco de Assis Penteado Mazetto (Orientador)
Universidade Federal de Juiz de Fora



Prof. Dr. Leonardo de Oliveira Carneiro (Membro interno)
Universidade Federal de Juiz de Fora

À minha avó Maria (in memorian).

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que fizeram esse momento possível. Foram muitos os que contribuíram para construção desse trabalho, por isso, peço desculpas se, por ventura, a memória me falhar nesse momento.

Agradeço primeiramente a **Deus**, que está presente em todos os momentos me dando força e me ajudando a seguir em frente.

Ao estimado amigo e orientador **Francisco de Assis Penteado Mazetto**, que ao acreditar nesse trabalho desde o início, tornou esse momento de alegria e superação possível. Agradeço-lhe a contribuição intelectual, as críticas e sugestões sempre motivadoras, com certeza suas intervenções contribuíram com o crescimento intelectual e pessoal. A você muito obrigada.

Aos professores **Leonardo de Oliveira Carneiro** e **Clarice Cassab** manifesto minha gratidão as contribuições, críticas e sugestões, tanto na construção do trabalho quanto na época do exame de qualificação.

Aos **professores** das disciplinas cursadas no programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora, que durante as disciplinas, contribuíram com indicações bibliográficas e sugestões que enriqueceram o desenvolvimento da pesquisa e da dissertação.

A minha gratidão aos meus pais **Amélia** e **Geraldo** que sempre estiveram presentes me apoiando nos momentos mais difíceis. Muito obrigada por me ajudarem a tornar esse sonho possível.

Aos estimados amigos discentes do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora. Gostaria de deixar um abraço especial para **Elaine** e **Simone**, pelos momentos que partilhamos nessa caminhada.

A todos aqueles que foram **entrevistados**. Vocês deram a maior contribuição, tornando essa pesquisa possível. Sou muito grata por vocês me receberem em suas casas e dividirem comigo e com este trabalho parte de suas experiências no Cesário Alvim.

A querida amiga **Renata** que contribuiu para construção do trabalho através das nossas conversas e sugestões de bibliografias. A você muito obrigada por estar presente nos momentos importantes.

A querida amiga **Carla** por estar sempre disposta a ajudar e, por dizer a palavra certa no momento certo, o que me ajudou a chegar até aqui. Muito obrigada!

Aos amigos de sempre que deram sua contribuição ao se mostrarem presentes. A vocês **Genuse, Liliane, Priscila e Elaine** um grande abraço por participarem dos momentos difíceis e dos momentos de alegria.

Aos amigos que tive a grata oportunidade de conhecer melhor durante o mestrado. **Kely e Gutierrez** devo muito dessa conquista a vocês. Muito obrigada!

Aos meus queridos **irmãos**, vocês são exemplo de perseverança e caráter.

Aos meus queridos e amados sobrinhos **Flávia, Enzo, Lara, Lucas, Débora, Daniela, Gustavo, Manuela, Gabriela e Rafaela**. Vocês são a luz dos meus dias.

Ao meu namorado **Thiago** pelo carinho, dedicação e paciência.

Aos **primos** que moram no Cesário Alvim, vocês tornaram essa pesquisa possível. Muito obrigada pela hospitalidade e pelo carinho.

A **Vanete** por revisar o texto.

Ao amigo **Eduardo Santos** pela construção dos mapas.

A banca de defesa **Dr. Leonardo de Oliveira Carneiro e Dr Everaldo Batista da Costa** por aceitarem prontamente a participar da avaliação desde trabalho.

Ao Curso de **Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora** por possibilitar as condições necessárias para construção dessa pesquisa.

Ao **conselho Nacional de desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ)**, cujo fornecimento de bolsa de pesquisa permitiu grande dedicação a esse trabalho.

Enfim, reitero meu agradecimento a todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram com o trabalho.

A todos, muito obrigada!

“Construir e pensar são, cada um a seu modo, indispensáveis para o habitar. Ambos são no entanto, insuficientes para o habitar se cada um se manifestar isolado, cuidando do que é seu ao invés de escutar um ao outro”.

MARTIN HEIDEGGER (2012, p.140)

RESUMO

Nos países periféricos, as cidades passaram por um extraordinário crescimento provocando o surgimento das maiores metrópoles. Isso ocorreu, sobretudo, a partir da segunda metade do século XX. Com o crescimento urbano as periferias se expandiram e, nelas foram residir, na maior parte das vezes, a população mais carente. O presente trabalho materializa a preocupação em compreender as vivências dos moradores da periferia urbana: quais são os significados e valores que eles atribuem ao lugar onde vivem. Para buscar a compreensão das vivências daqueles que moram nas periferias, partimos para o estudo de caso no bairro Cesário Alvim, de Juiz de Fora MG. Este bairro foi selecionado para se realizar um estudo utilizando os princípios da Geografia Humanista. Algumas questões de caráter humanista foram levantadas, referentes às relações dos moradores com o lugar. Para aplicar os conceitos de topofilia e topofobia de Yi-Fu Tuan, uma pesquisa de campo foi realizada, na qual, os sujeitos foram entrevistados com o propósito de avaliar como se identificam com o lugar e o seu espaço vivido. A metodologia da pesquisa foi ajustada com o objetivo proposto e com o referencial teórico adotado. A investigação qualitativa com base teórica na fenomenologia foi utilizada por ser a que mais atende aos propósitos que se pretendeu no trabalho realizado. A pesquisa qualitativa aplicada ajudou a compreender o fenômeno a partir da perspectiva do sujeito. Nosso trabalho se constituiu assim num esforço para compreender a periferia urbana a partir da perspectiva de seus moradores, através do estudo de caso no bairro Cesário Alvim.

Palavras-Chave: Periferia Urbana; Pesquisa Qualitativa; Fenomenologia, Lugar.

ABSTRACT

In peripheral countries, cities have undergone extraordinary growth causing the emergence of the largest metropolis. This occurred mainly from the second half of the twentieth century. With urban sprawl expanded the peripheries and have them reside in most cases, the poorest population. This work embodies the concern to understand the experiences of the residents of the urban periphery: what are the meanings and values that they attribute to the place where they live. To get an understanding of the experiences of those who live in the suburbs, we left for the case study in Cesário Alvim neighborhood of Juiz de Fora MG. This district was selected to conduct a study using the principles of Humanistic Geography. Some issues were raised humanistic character, concerning relations with the residents of the place. To apply the concepts of topophilia topophobia of Yi-Fu Tuan, a field survey was conducted in which the subjects were interviewed in order to assess how they identify with the place and your living space. The research methodology was adjusted with the goal proposed and the theoretical approach. Qualitative research with theoretical basis in phenomenology was used to be the one that serves the purpose it was intended to work. The qualitative applied research helped to understand the phenomenon from the perspective of the subject. Our work thus constitutes an effort to understand the urban periphery from the perspective of its residents through the case study in Cesário Alvim neighborhood.

Keywords: Urban Periphery; Qualitative Research; Phenomenology, Place.

LISTAS DE TABELAS

TABELA 01: Renda <i>per capita</i> das Famílias residentes no Cesário Alvin com cadastros no Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal – CadÚnico.	28
--	----

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01: Mapa do Cesário Alvim e entorno -----	26
FIGURA 02: Trilha de acesso ao Cesário Alvim, passando pelo Bairro Santa Cândida-----	29
FIGURA 03: Rua Cesário Alvim, a rua mais movimentada do bairro -----	31
FIGURA 04: Rua C, a última conquista de seus moradores foi a pavimentação da rua-----	32
FIGURA 05: O que restou do prédio que desabou no dia 1 de janeiro de 2010-----	35
FIGURA 06: Casa construída na encosta -----	36
FIGURA 07: Construção na rua Arminda França Mendes -----	38
FIGURA 08: Lote sendo vendido na rua C-----	39
FIGURA 09: Rua Cesário Alvim na década de 1960-----	92
FIGURA 10: Condomínio na rua Cesário Alvim -----	94
FIGURA 11: Rua de Todos os Santo depois do asfalto-----	95
FIGURA 12: Rua de todos os Santos no início da sua construção-----	96
FIGURA 13:Centro de Juiz de Fora, vista da rua-----	116

LISTA DE ANEXOS

ANEXO I – MAPA- TERRITÓRIO SOCIOASSISTENCIAL CESÁRIO ALVIM E
LIMITES TERRITORIAIS----- 137

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
I - A PRODUÇÃO DA CIDADE ENTRE O CONSTRUÍDO E O VIVIDO	24
1.1 Vivendo a cidade: no contexto do Cesário Alvim.....	25
1.2 No cenário de uma cidade de país capitalista periférico: Juiz de Fora.....	40
1.2.1 A Construção de Juiz de Fora.....	41
1.2.2 Dinâmica atual de Juiz de Fora.....	43
1.2.3 Habitação em Juiz de Fora.....	47
1.3 Cidade: construção e vivências.....	49
1.3.1 Produção da Cidade no capitalismo.....	52
II-TRAJETÓRIAS DA PESQUISA: A BUSCA PELA COMPREENSÃO DO CESÁRIO ALVIM	60
2.1 Caminhos da pesquisa: metodologia qualitativa.....	60
2.1.1 A perspectiva fenomenologia.....	64
2.2. Diário de campo: registro das emoções dos sujeitos e reconstruindo a história do lugar..	67
2.3 O Trabalho em campo: dando voz aos sujeitos da pesquisa.....	71
2.3.1 Participantes da pesquisa.....	75
2.4 Compreendendo a fala dos moradores do Cesário Alvim.....	77
III - AS VIVÊNCIAS COM O LUGAR DOS MORADORES DO CESÁRIO ALVIM	80
3.1 Análise do lugar a partir de Milton Santos e Yi-Fu Tuan.....	80
3.2 Desvelando a história do lugar: a partir dos sujeitos da pesquisa.....	87
3.3 Discursos dos moradores do Cesário Alvim sobre o lugar onde vivem.....	103
IV - O ESPAÇO VIVIDO DOS MORADORES DO CESÁRIO ALVIM -----	110
4.1 Abordagem do conceito: Espaço Vivido-----	110
4.2 Desvelando o Espaço Vivido dos sujeitos da pesquisa-----	115
4.3 Juiz de Fora e o Espaço vivido dos moradores do Cesário Alvim-----	119

4.4 Trajetórias dos moradores do Cesário Alvim: entre o Lugar e o Espaço vivido-----	122
V – CONSIDERAÇÕES FINAIS-----	127
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS-----	132
ANEXOS-----	138

Introdução

As metrópoles dos países periféricos apresentam graves problemas sociais. E nesse contexto, as periferias das pequenas e médias cidades se tornam cada vez mais populosas. Nelas, geralmente, encontramos condições desfavoráveis de habitação, com casas feitas a partir de autoconstruções, muitas vezes, com materiais precários. Além disso, o acesso aos serviços e equipamentos urbanos costuma ser mais difícil, como por exemplo, o transporte público.

Porém, esses locais não podem ser definidos apenas pelas carências ou pelas condições desfavoráveis ali encontradas, pois são vividos e experimentados por seus moradores e é ali o espaço de vivência e do contato. Essas vivências fazem com que esses lugares sejam apreendidos de forma simbólica, tanto individual como coletivamente.

As ruas não são construídas apenas por asfalto, mas também por símbolos que as representam. As casas não são feitas apenas de tijolos, mas também são coloridas por emoções, lembranças e sonhos. Assim sendo, não podemos entender as periferias urbanas apenas como um lugar com infraestrutura precária ou como sinônimo de violência, da forma como comumente são apresentadas pela grande mídia. Também há uma realidade material produzida e que é dotada de valor e de significado.

O Brasil é uma semi-periferia do sistema capitalista global¹; neste contexto, se encontra Juiz de Fora (cidade localizada na mesorregião da Zona da Mata Mineira) que abriga o bairro Cesário Alvim. Essa cidade tem uma topografia acidentada e apresenta várias áreas periféricas, onde podemos observar diversas construções irregulares, geralmente em encostas, o que leva ao aparecimento de muitas áreas que apresentam risco de deslizamento. O bairro Cesário Alvim é um exemplo dessa realidade.

Nossa relação com o referido bairro é anterior a esse trabalho, pois teve início há aproximadamente 12 anos atrás, devido à mudança de uma familiar da pesquisadora para esse local. Inicialmente, nos chamou a atenção o relevo da área, visto que apresenta grande declividade. Há uma rua, por exemplo, construída a partir de um corte realizado no meio da encosta bastante íngreme, apresentando risco de deslizamento, tanto no lado esquerdo como no lado direito da rua, pois não existem contenções nos barrancos formados pelo corte.

¹ Ver: BECHER, Bertha K. e EGLER, Cláudio A. G. **Brasil: Uma Potência Regional na Economia-Mundo**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. 1998.

Devido à permanência desse familiar no bairro em questão, as visitas ao local se tornaram comum e, com o tempo, outros aspectos passaram a chamar a atenção, como a bela vista para o centro de Juiz de Fora e a proximidade com ele, já que o acesso à Praça da Estação se faz com cerca de quinze minutos de caminhada.

Deste modo, o Cesário Alvim começou a fazer parte do nosso espaço vivido, a se tornar familiar e ser lembrado principalmente pelas relações familiares ali presentes. Mas o risco ambiental no que se refere ao deslizamento continuou a nos inquietar, sempre foi um aspecto que chamou a nossa atenção. Nas conversas com os parentes moradores dali pudemos perceber que, para eles, o fato daquele local ser uma área de risco não parecia muito relevante, pois isso nunca foi mencionado nas conversas. Na verdade, acreditávamos que eles não percebiam aquele local como uma área de risco.

Com a graduação no curso de Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora, a caracterização da rua C como uma área de risco de deslizamento de encosta foi confirmada através do estudo de Geologia em Risco Ambiental. Dessa forma, o conhecimento acadêmico pôde comprovar aquilo que empiricamente já nos parecia evidente. Por outro lado, a leitura relacionada à Geografia Urbana nos ajudou a compreender a produção do espaço urbano a partir do modo de produção capitalista, onde a desigualdade inerente ao sistema sócio econômico vigente se traduz numa apropriação desigual do espaço urbano. Assim, podemos entender melhor porque as periferias existem como tal. Mas, novas questões foram delineadas: Como os moradores da periferia compreendem o lugar onde vivem? Será que nesses lugares estão presentes os sentimentos de topofilia ou de topofobia?

Compreender a periferia a partir das vivências de seus moradores passou a ser uma questão a nos inquietar. Ela aparece na grande mídia representada como o local da precariedade, das construções irregulares. É também relacionada por suas ausências, como ausência de saneamento, ausência de escola, de saúde, entre outros aspectos ou ainda como o lócus da violência urbana. Mas acreditamos que a periferia é mais que isso para aqueles que vivem ali; ela é o lugar onde se desenrola o cotidiano com uma vida em comum. Portanto, o espaço de vida que é cotidianamente experimentado.

Tendo em vista as questões acima colocadas, escolhemos o bairro Cesário Alvim como área de estudo para elaboração da monografia para a colação de grau na modalidade bacharelado, no curso de Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora do ano de 2010. Aqui se faz necessário apresentar algumas considerações sobre a referida pesquisa, mas é preciso salientar que, o presente trabalho faz parte de um novo estudo sobre o bairro em questão, portanto foi realizado um novo trabalho de campo.

Escolhemos o Cesário Alvim por ser um local conhecido e que apresentava algumas características que nos inquietava como a questão do risco ambiental como assim está classificado pela Defesa Civil do Município. Esse risco eminente levou às questões como: Será que os moradores percebem que estão vivendo numa área de risco? Qual o sentimento dos moradores em relação ao lugar onde vivem?

Ressalta-se que o referido trabalho foi realizado apenas nas Ruas C e D; a primeira também recebe o nome de Rua Rosalina Praxedes Albuquerque. Não dispusemos de tempo para estender a pesquisa para as demais ruas do bairro. A escolha das ruas se deu porque ambas se encontram na área onde a encosta tem maior declividade e a questão central do trabalho era o risco ambiental.

Essas questões iniciais motivaram o nosso estudo. Todavia, durante o nosso trabalho, devido às observações realizadas em campo, surgiram novos temas e questões que foram colocados na construção da nossa pesquisa. Entre muitos, podemos citar: A história do bairro a partir do relato dos moradores; o atendimento pelo transporte coletivo; as relações sociais dentro da comunidade; as organizações entre os moradores e a luta por melhorias. Assim, foi ganhando destaque a história da construção das duas ruas analisadas e as relações de solidariedade entre os moradores na época.

Como nosso tempo para a realização do trabalho de campo era curto, essa foi uma pesquisa de cunho exploratório, que nos proporcionou a compreensão de alguns aspectos sobre o bairro, mas não pudemos nos aprofundar como gostaríamos. Esse trabalho nos possibilitou conhecer melhor o bairro através do depoimento de moradores e suscitou o aparecimento de novas questões.

É preciso destacar que o que buscávamos era o ponto de vista do sujeito da pesquisa, queríamos compreender o bairro Cesário Alvim a partir da perspectiva dos moradores. Por isso, optamos por uma pesquisa qualitativa e usamos duas técnicas, que foram a entrevista semi-estruturada e a observação não estruturada, anotávamos aquilo que nos chamava atenção.

As duas ruas em questão começaram como uma construção irregular e surgiram sem nenhuma infraestrutura urbana, como asfalto, saneamento, coleta de lixo, água encanada. Depois, com a luta dos moradores, esses equipamentos foram, paulatinamente, sendo construídos, sendo que a última conquista foi o asfaltamento da Rua C.

Para que esses equipamentos e serviços chegassem às ruas C e D, os moradores tiveram que se reunir e lutar junto aos órgãos públicos para conquistarem seus direitos e para

isso fizeram uso das mídias como rádio e televisão. Dessa forma, foi se criando uma relação de proximidade entre aqueles que vivem no lugar em questão.

Essa relação de solidariedade entre os vizinhos apareceu, em vários momentos, na fala dos participantes da pesquisa, sempre como um ponto muito positivo do lugar onde vivem. Esse fator foi fundamental para que os participantes apresentassem o sentimento de topofilia para com o lugar onde vivem. Apenas um dos oito participantes não gostava do local e sua vontade de mudança estava relacionada com os vizinhos, pois dizia não ter uma relação muito boa com eles. Os demais sujeitos da pesquisa afirmaram que poderiam contar com os vizinhos se necessitassem. Este bem estar social contribuiu muito para que a permanência no Cesário Alvim seja agradável. Essa relação de solidariedade entre os moradores das ruas C e D reforça a imagem positiva sobre o lugar de vivência.

Tendo em vista o que foi exposto anteriormente, pudemos compreender que o sentimento de topofilia pelo Cesário Alvim está vinculado às relações de solidariedade entre os moradores das ruas C e D. Além desse fator, outros podem estar relacionados à topofilia, como a conquista da casa própria que foi possível para muitos cidadãos no bairro analisado.

Vale ressaltar que o risco ambiental apareceu no discurso dos participantes porque houve um deslizamento de encosta que atingiu um prédio e matou todos aqueles que estavam presentes no local. A trágica ocorrência foi nas primeiras horas do ano de 2010. Este evento só não causou uma tragédia maior porque os familiares e amigos que estavam presentes para festa de final de ano já haviam se retirado do local. Esse acontecimento foi muito significativo para todos, pois trouxe à tona o risco eminente ao qual estavam expostos. Mas não foi o suficiente para decidirem sair do bairro Cesário Alvim ou mesmo para se mobilizarem no sentido de exigir da Prefeitura obras preventivas como os muros de arrimo.

É possível dizer que, com o passar do tempo, os locais onde habitamos se tornam um lar para nós, pois as vivências, os encontros, vão transformando o local em algo familiar que é colorido por nossas lembranças e emoções, o bairro então se transforma em um lugar que tem significado para nós. Assim ocorre com os sujeitos da pesquisa, o Cesário Alvim faz parte da história de vida deles e, por isso, se torna tão difícil deixá-lo. Já quanto à mobilização popular sabemos que no Brasil ainda estamos num longo aprendizado, no exercício de uma democracia incipiente, dando seus primeiros passos de verdadeira participação popular no processo político.

Mesmo sendo uma pesquisa exploratória, pudemos chegar ao ponto de saturação nas entrevistas, visto que as respostas estavam se repetindo e nos diálogos não estava surgindo mais nenhuma novidade. Aqui não pudemos trazer as falas dos sujeitos, já que não caberia

analisá-las novamente, mostramos apenas algumas de nossas reflexões a que chegamos durante o trabalho em questão. Durante nosso estudo, conseguimos compreender um pouco da dinâmica das ruas analisadas e das vivências dos sujeitos da pesquisa. Entretanto, ainda ficou muito por ser compreendido e, para isso, é preciso mergulhar no universo do sujeito e permanecer por mais tempo em campo.

Cabe ressaltar que novas questões foram surgindo durante o nosso trabalho; as ruas C e D têm uma história diferente das demais ruas do bairro, pois essas tiveram como origem uma ocupação irregular e surgiram sem nenhuma infraestrutura. Já as demais ruas são mais antigas e as construções são mais elaboradas. Além disso, percebemos que os sujeitos da pesquisa não conheciam os moradores das demais ruas. Assim, surgem novas questões: Será que os moradores das demais ruas percebem o Cesário Alvim de uma forma diferente dos que vivem nas ruas C e D?

Assim sendo, fomos novamente ao bairro Cesário Alvim para compreendermos essas questões acima mencionadas e buscar novamente apreender os significados que os moradores das ruas C e D dão ao lugar onde vivem. Portanto, precisamos dar voz a novos sujeitos. Nosso objetivo principal é compreender os diferentes significados atribuídos ao bairro Cesário Alvim, pelos moradores das ruas C e D e demais moradores do bairro. Dessa forma, surgem também novas questões: Os sentimentos de topofilia e topofobia atribuídos ao lugar onde vivem pelos sujeitos da primeira pesquisa estarão também presentes nos moradores das demais ruas do bairro? Ou será que estão presentes apenas nos moradores das ruas C e D devido ao histórico de união de seus moradores?

A infraestrutura do Cesário Alvim e o atendimento pelo serviço de transporte público urbano já foram devidamente analisados no primeiro trabalho e, por isso, não devem ser retomados. O acesso a serviços de saúde e equipamentos urbanos como padaria, mercado, escola, também já foram analisados.

Vale dizer que o bairro Cesário Alvim está inserido em um contexto de uma cidade de porte médio da Zona da Mata Mineira e essa cidade faz parte do espaço vivido dos moradores do bairro Cesário Alvim. Está entre os objetivos de nosso trabalho analisar o espaço vivido dos moradores do Cesário Alvim. Como eles vivenciam Juiz de Fora? Quais os lugares dessa cidade que eles realmente têm acesso e convívio?

Não podemos nos esquecer de que o bairro Cesário Alvim está inserido no contexto de uma cidade capitalista que se encontra na semi-periferia desse sistema. Neste ínterim, a cidade de Juiz de Fora está inserida na região mais industrializada e urbanizada do país e aquela que apresenta os maiores contrastes entre riqueza e pobreza.

O bairro Cesário Alvim é influenciado por esse contexto macroeconômico. Ele próprio é o resultado das desigualdades inerentes ao modo de produção capitalista, visto que as encostas são ocupadas porque nem todos têm renda suficiente para morar num local com relevo mais favorável e as construções são feitas de forma inadequada, sem as devidas adaptações ao relevo pela mesma razão. Portanto, a sua existência mostra uma característica importante do modo de produção vigente que é a acumulação por um lado e a falta por outro, ou seja, a grande concentração de riqueza por uma minoria. Nota-se também a omissão do poder público municipal, que permite a ocupação dessas áreas inadequadas à urbanização.

A cidade é reveladora das contradições do sistema sócio econômico no qual vivemos, a sua construção e apropriação se dão de forma desigual. O acesso às melhores áreas da cidade é restrito a uma pequena parte da população que comanda no nível local o jogo das finanças públicas e privadas.

Essa dinâmica global influencia o Cesário Alvim, mesmo que nele não haja nenhum grande empreendimento, percebe-se a influência por atores distantes. O fato de ser uma área muito negligenciada pela Prefeitura mostra seu desprestígio e que os detentores do capital e do poder político não encontraram interesse nela. A sua condição de periferia com equipamentos urbanos deficitários é um resultado da dinâmica do capital e das desigualdades presentes no sistema.

Alguns lugares da cidade são selecionados para a modernização, ou seja, para receberem maior capital, os quais são determinados de forma intencional de acordo com as suas virtualidades e o lucro que podem possibilitar aos detentores do capital. Nem todos os lugares se tornaram modernos, muitos continuaram esquecidos e apenas como periferia desse processo global, não tendo um papel determinante. O sentido de periferia tratado neste trabalho se refere mais à condição social do bairro do que de localização geográfica afastada do centro.

Para este trabalho, faz-se importante o levantamento de algumas questões para definir os objetivos do nosso trabalho: Como as condições externas ao Cesário Alvim influenciaram na sua construção?

O que buscamos é compreender um bairro periférico a partir da fala dos sujeitos da pesquisa, queremos revelar suas vivências e as representações que eles têm sobre o lugar onde vivem e os símbolos com os quais identificam o Cesário Alvim. Na literatura científica, há um rico material sobre a produção das cidades e sobre as periferias. Contudo, ainda falta muito por conhecê-la de dentro, ou seja, a partir daqueles que moram nelas e que ali constroem suas vidas.

Poderíamos ter escolhido outro bairro periférico de Juiz de Fora para a nossa análise, mas optamos pelo Cesário Alvim por alguns motivos. Primeiro, pela familiaridade com o local que é de longa data e pelo nosso conhecimento prévio adquirido no trabalho de pesquisa anterior, que nos deixou novas questões. Além disso, vale dizer que o Cesário Alvim tem algumas características que o difere um pouco das outras áreas periféricas de Juiz de Fora, pois ele é um bairro localizado muito próximo ao centro. Outro aspecto interessante é o fato de algumas ruas (C e D) serem mais precárias e as demais ruas terem construções mais estruturadas, tendo duas dinâmicas bem distintas no mesmo local de reduzida dimensão.

O conceito de lugar estará presente nessa abordagem, principalmente, quando analisamos as vivências e as representações dos moradores sobre o bairro, pois este conceito nos ajuda a compreender o local onde os sujeitos da pesquisa vivem como sendo conhecido, experimentado e, por isso, tem significado para eles.

Nesse debate, foram incluídos autores como Yi-Fu Tuan (1980, 2013) e Milton Santos (2008). Escolhemos esse referencial teórico porque abordaremos o lugar dentro da perspectiva do espaço vivido e experimentado e também na sua relação com a totalidade de mundo, ou seja, a dialética entre o global e o local que na sua construção se influenciam.

Topofilia e topofobia foram abordados a partir da análise teórica de Yi-Fu Tuan (1980) e servirá de referência para analisar os resultados da pesquisa. Espaço vivido será abordado a partir da perspectiva da Geografia Humanista.

A produção do espaço urbano será analisada a partir de Lefebvre (1999), que nos ajuda a contextualizar a produção desse espaço a partir do advento da indústria e do modo de produção capitalista.

Otília Arantes (2007) discute a cidade a partir do novo ciclo de acumulação do capital, que tem transformado a cidade em mercadoria. A construção simbólica da cidade será abordada a partir de Carlos Rodrigues Brandão (2009). Santos (2006, 2008), também vai contribuir com a discussão sobre a produção material e simbólica da cidade.

A metodologia adotada na pesquisa precisa estar de acordo com o objetivo e com o referencial teórico. Assim, a investigação qualitativa é a que mais atende aos propósitos que se pretendem no trabalho aqui proposto, pois temos como objetivo compreender as vivências dos moradores do Cesário Alvim. A metodologia que utiliza a pesquisa qualitativa ajuda a compreender o fenômeno a partir da perspectiva do sujeito.

A fenomenologia oferece uma base teórica que ajuda a compreender as vivências plenas de significados, ricas nas relações com o lugar. A fenomenologia está de acordo com a

pesquisa qualitativa, pois esta se revela como um princípio adequado para se levantar os dados subjetivos propostos.

Com relação aos procedimentos para a coleta dos dados, a observação e a entrevista são duas técnicas que foram utilizadas. Isso porque uma complementa a outra, pois a entrevista fornece a fala do sujeito, já a observação possibilita checar na prática as respostas, além de permitir registrar o comportamento no seu contexto.

O tipo de entrevista adotado é a semi-estruturada. Neste tipo de entrevista, o entrevistador levanta questões relacionadas ao seu tema de pesquisa, mas deixa que o entrevistado responda nos seus próprios termos, ou seja, está aberto ao diálogo. Esse tipo de entrevista é interessante porque levanta os temas relevantes para o pesquisador, sem criar uma “camisa de força”, pois deixa o sujeito da pesquisa falar livremente, sem constrangimento.

A preocupação em compreender as vivências dos moradores de um bairro periférico está pautada no fato de que se conhece muito pouco sobre as experiências dos moradores das periferias, assim também pouco se sabe sobre significados que os moradores desses locais atribuem ao lugar onde vivem.

A mídia apresenta a periferia como o lugar das ausências, onde a infraestrutura é deficitária e como o local da violência; então ela passa a ser associada à violência e à precariedade. Todavia, acreditamos que ela seja muito mais do que isso e que seus moradores constroem símbolos diferentes sobre o lugar, pautados em suas vivências.

Por outro lado, mesmo na academia se conhece pouco sobre o cotidiano dos que moram nessas áreas. Logo, investigar os sentimentos que os moradores de um bairro periférico atribuem ao lugar onde vivem é contribuir com informações sobre as vivências nas periferias.

Essas informações podem contribuir para o planejamento das cidades de forma mais democrática, pois acreditamos que para construção de uma cidade que atenda à demanda de todos os cidadãos é necessário ouvir a todos que nela habitam.

Ainda que constitua um desafio considerar aspectos subjetivos relacionados à construção da periferia, são necessárias pesquisas como esta que busquem compreender os sentimentos e os significados que estão relacionados às vivências dos moradores das periferias.

Sobre a estrutura do trabalho, destaca-se que será desenvolvido em quatro capítulos: o primeiro capítulo abordará a produção material e simbólica das cidades, tendo como foco o bairro Cesário Alvim e a cidade de Juiz de Fora. Discutiremos a produção das cidades a partir do modo de produção capitalista e a sua transformação em mercadoria para o capital

hegemônico. Por outro lado, também discutiremos a atribuição de valor e significado a cidade.

A nossa análise teve início no bairro Cesário Alvim caracterizando-o melhor e apresentando um pouco da sua história e a possível relação com as vivências dos moradores. Depois, contextualizamos o bairro analisado com a cidade de Juiz de Fora, em seguida, abordamos as periferias no modo de produção capitalista e, por fim, a produção da cidade foi analisada a partir do referido modo de produção.

O segundo capítulo aborda o estudo do bairro Cesário Alvim, utilizando os princípios da Geografia Humanista como possibilidade de compreender a periferia a partir das vivências dos moradores. Discutimos as práticas da pesquisa como a permanência em campo da pesquisadora e o diário de campo. Abordamos o olhar sobre a periferia de dentro a partir das representações dos moradores e a interpretação do pesquisador que observa, mas que não pertence ao lugar. Nesse capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados no presente trabalho tendo como referência a metodologia qualitativa.

Já o terceiro capítulo disserta sobre o lugar na perspectiva dos moradores do Cesário Alvim. O primeiro passo foi discutir o conceito de lugar a partir de dois autores principais: Tuan e Santos; o lugar como revelador das vivências mais íntimas e ao mesmo tempo como revelador das dinâmicas globais. O segundo passo foi apresentar as representações dos sujeitos da pesquisa sobre o lugar onde vivem.

Finalmente, o quarto capítulo resgatará o espaço vivido dos sujeitos da pesquisa. Discutiremos o espaço vivido na Geografia Humanista, apresentaremos a trajetória dos moradores do Cesário Alvim e sua integração no espaço urbano de Juiz de Fora.

Com base no referencial teórico e as questões previamente discutidas, passaremos para o segundo ponto, a definição dos objetivos que nortearam a elaboração da nossa pesquisa.

Tendo em vista todas as questões levantadas anteriormente, podemos definir os objetivos do nosso trabalho. A pesquisa teve como objetivo geral analisar as vivências dos moradores do bairro Cesário Alvim, Zona Leste da cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, buscando investigar os mecanismos que direcionam a construção simbólica e material do bairro estudado. Dessa forma, se procurou atingir os seguintes objetivos específicos:

a) Entender a construção do lugar a partir da história do lugar, a partir do relato dos moradores mais antigos.

b) Avaliar os sentimentos de Topofilia e Topofobia, presentes na comunidade estudada e os significados que os moradores atribuem ao lugar onde vivem;

c) Compreender o espaço vivido dos moradores do bairro analisado.

I - A PRODUÇÃO DA CIDADE ENTRE O CONSTRUÍDO E O VIVIDO

Nosso objetivo principal aqui é analisar o bairro Cesário Alvim. Este capítulo trará uma caracterização do bairro. Para compreensão do Cesário Alvim, devemos estabelecer uma ligação entre o bairro e a cidade em que ele se encontra. Para tanto, realizaremos um esboço sobre a evolução de Juiz de Fora e, por fim, discutiremos a construção das cidades no modo de produção capitalista.

Em um primeiro momento, apresentaremos de forma mais detalhada o Cesário Alvim, desvelando sua história e sua dinâmica atual. Portanto, buscamos destacar as transformações que vêm ocorrendo no referido bairro para compreender a sua constituição atual. Para que possamos analisar o Cesário Alvim, devemos ter um olhar sobre a cidade de Juiz de Fora. Em seguida, daremos ênfase a Juiz de Fora com um breve histórico sobre a sua formação e evolução; devemos ter esse olhar sobre o passado para que possamos compreender como Juiz de Fora vem se consolidando como cidade pólo da Zona da Mata Mineira. O retorno ao passado tem como objetivo a compreensão da dinâmica atual da cidade. Nossa investigação se baseia na informação e reflexão de diversos autores que têm como campo de estudo o município de Juiz de Fora. Por último, discutimos a construção da cidade a partir de sua produção material e simbólica, sendo que esses dois momentos não se excluem, ao contrário, complementam-se, visto que, ao mesmo tempo em que a cidade é um local onde estão presentes diversos interesses, muitas vezes contraditórios, há uma construção simbólica sobre ela, pois faz parte do espaço vivido por seus habitantes e alguns locais acabam se tornando lugar para aqueles que o vivenciam.

Em resumo, partimos do lugar, Cesário Alvim, ou seja, nossa exposição tem início no empírico, no nosso local de estudo. Posteriormente, apresentamos o contexto em que está inserido o Cesário Alvim, ou seja, a cidade de Juiz de Fora para, a partir do empírico, trazermos a teoria que norteia o nosso trabalho. Buscamos, então, a construção teórica, que ajudará a desvelar o nosso lugar de estudo.

1.1 - Vivendo a cidade: no contexto do Cesário Alvim

Nesta breve apresentação sobre o Cesário Alvim, procuramos destacar o processo de construção do bairro e a sua condição atual. Podemos classificar o Cesário Alvim como um bairro periférico. Como já ressaltamos anteriormente, o bairro em questão encontra-se próximo ao centro de Juiz de Fora, por isso a sua condição de bairro periférico não se refere a sua localização, mas à sua infraestrutura e às condições das moradias.

Nesta pesquisa, consideramos bairro a divisão feita pela secretaria de Assistência Social da Prefeitura de Juiz de Fora, a qual não coincide com a divisão proposta pelo IBGE². Neste trabalho da secretaria de assistência social, o bairro é chamado de Território Sócioassistencial (TSA).

Segundo o funcionário Eduardo de Oliveira Santos, Geógrafo por formação, que trabalhou na confecção dos mapas e na definição dos Territórios Sócioassistenciais, a divisão foi feita de acordo com o trajeto do ônibus urbano e com a identificação da população. Assim, os TSAs são identificados de acordo com o nome que os moradores do local já atribuíam a eles. Usaremos a palavra Bairro para o que a Secretaria de Assistência Social denomina TSA.

Optamos por essa divisão da Secretaria de Assistência Social porque os dados socioeconômicos que analisamos referem-se à classificação da Secretaria de Assistência Social.

Em relação à origem do bairro aqui estudado, o nome “Cesário Alvim” surge oficialmente no ano de 1961, quando uma lei municipal cria a Rua José Picorreli e aponta a sua localização no referido bairro.

O Bairro Cesário Alvim está na parte Leste de Juiz de Fora, Região de Planejamento Santa Cândida, divisão em região de planejamento feita pelos órgãos municipais. O bairro está localizado entre Santos Anjos, Santa Cândida, São Bernardo, São Sebastião, Jardim do Sol e Vitorino Braga, bairros da porção Leste da cidade. Na parte oeste, o Cesário Alvim faz divisa com o bairro da área central denominado Costa Carvalho, como podemos ver no mapa 1.

² É específica da Secretaria de Assistência Social, pois não há uma única divisão dos bairros proposta pela Prefeitura de Juiz de Fora. As secretarias municipais têm divisões dos bairros divergentes, assim, numa mesma residência as correspondências chegam com endereços distintos.

O Cesário Alvim fica próximo ao centro de Juiz de Fora. Pela parte Sul do bairro, se tem acesso à Praça da Estação, na parte Norte se chega ao Hospital Doutor João Felício e ao Colégio Santos Anjos. Em aproximadamente quinze minutos de caminhada, se vai da rua mais afastada do Cesário Alvim, rua D, até a Praça da Estação, área central de Juiz de Fora. Andando, por cerca de vinte e cinco minutos, se chega à frente do Shopping Santa Cruz, localizado na rua São Sebastião, essa rua faz parte do centro. Assim, pode-se dizer que, para quem mora no Cesário Alvim, o acesso ao centro da cidade é muito rápido. Mas caminhar até o centro é mais simples do que retornar andando, pois o caminho de ida passa apenas por descidas, já na volta para casa só há subidas, isso vale para aqueles que moram nas ruas C e D, que estão mais próximas ao bairro Santa Cândida, na parte mais elevada do bairro. Para as ruas que estão mais próximas da Avenida Brasil, na volta, a subida é menor.

O estar perto do centro é um fator benéfico para aqueles que conseguem economizar a passagem de ônibus. No que se refere aos serviços, por exemplo, supermercado, para quem está no bairro analisado, é mais fácil ir ao centro do que recorrer a algum outro estabelecimento localizado num bairro próximo. Há um Supermercado chamado Bahamas localizado à AV. 7, Avenida essa que já está no bairro Costa Carvalho, esse bairro está na área central. Por isso, o centro é parte importante do espaço vivido dos moradores dali. O espaço vivido dos sujeitos da pesquisa será analisado no quarto capítulo.

Todavia, mesmo sendo próximo ao centro, o transporte público para as ruas C e D é bastante deficitário, pois o ônibus que deixa mais perto é a Linha 422, Santa Cândida, que tem um ponto em frente à Escola Municipal Santa Cândida. Há somente dois veículos fazendo esse trajeto e ele demora em torno de quarenta minutos para percorrer todo o caminho. Assim sendo, o tempo de espera é bastante longo. Como já foi dito, a caminhada até o centro não é longa, mas dependendo das condições físicas do morador, ela pode ficar inviável, como para um morador idoso, ou alguém que esteja com uma criança de colo, dentre outros casos.

Por um lado, o Cesário Alvim está localizado na região Leste de Juiz de Fora, essa está na margem esquerda do rio Paraibuna e vem sendo ocupada pelas camadas mais carentes da população e, essa é a zona mais povoada e populosa de Juiz de Fora, sendo que experimentou uma ocupação desordenada de seu espaço, sem qualquer planejamento por parte do poder público municipal. Mas, por outro lado, o bairro analisado está próximo da região central, a área mais dinâmica de Juiz de Fora.

A tabela abaixo apresenta dados da Secretaria de Assistência Social sobre os moradores do Cesário Alvim que são atendidos por algum programa social do governo federal.

Tabela 1: Renda *per capita* das Famílias residentes no Cesário Alvim com cadastros no Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal – CadÚnico.

Extrema Pobreza	Faixa da Pobreza	Superior à Faixa da Pobreza
<i>Renda per capita</i> igual a R\$0,00: 01 família	<i>Renda per capita</i> superior a R\$70,00 e inferior ou igual a R\$140,00: 07 famílias	<i>Renda per capita</i> superior a R\$240,00: 17 famílias
<i>Renda per capita</i> inferior ou igual a R\$70,00: 03 famílias	-	-

Fonte: Prefeitura de Juiz de Fora. Secretaria de Desenvolvimento Social. CadÚnico, julho de 2012.

Quando nos referimos a esses dados da Secretaria de Assistência Social, podemos ter um panorama geral, ou seja, uma tendência das condições socioeconômicas dos moradores do Cesário Alvim, pois nem todos os moradores são atendidos por algum dos programas sociais. Os dados revelam que no bairro há 3 famílias que estão abaixo da linha da pobreza, 07 famílias que estão na faixa da pobreza e das 27 famílias cadastradas, 17 tem uma renda *per capita* superior à faixa da pobreza. Dentro desse panorama, podemos perceber que no Cesário Alvim a maior parte das famílias não está na faixa de extrema pobreza.

No dia 11 de março de 2013, fomos fazer um trabalho de campo para podermos observar o bairro. Quando saímos do ônibus, havia duas opções: poderíamos passar por um atalho atrás da escola ou dar a volta por outra rua. Optamos pelo atalho e antes de começarmos a caminhar, encontramos vários adolescentes na saída da rua D e presenciamos a venda de drogas. Isso ocorreu durante o dia, por volta das 14 horas. Como podemos observar na foto, essa trilha percorre um local bastante ermo. É fácil esconder drogas no local e quando a polícia se aproxima, elas são jogadas no terreno baldio.



Figura 2
Trilha de acesso ao Cesário Alvim, passando pelo Bairro Santa Cândida.
Foto de Tânia de Oliveira Amaral, 2010.

Posteriormente, em conversa com uma participante da pesquisa, nos foi relatado que há pouco tempo um homem foi morto nesse local e que durante a noite está sendo arriscado chegar às residências por este caminho por causa da venda e uso de drogas no local. Vale dizer que, mesmo dando a volta pela Rua da Escola, ainda se estará muito perto deste local. É importante ressaltar que a violência não está relacionada às condições socioeconômicas dos moradores. Historicamente, o tráfico de drogas e a violência urbana vêm ocorrendo no Brasil, fato que está relacionado à desigualdade social, mas não somente a ela.

A violência não apareceu como um fator muito importante na primeira pesquisa realizada em 2010, agora parece que está se intensificando no bairro. Isso não deixa de ser um dado preocupante, pois essa violência é um fator limitante para os moradores, já que transforma alguns lugares, antes seguros, em dominados pelo tráfico de drogas. Esse sentimento de insegurança pode se estender para todo o bairro. Discutiremos melhor esse dado no terceiro capítulo em que analisaremos a representação dos moradores sobre o lugar onde vivem.

Na rua D, o caminhão do DEMLURB, empresa de limpeza urbana de Juiz de Fora, não tem recolhido o lixo, o que tem gerado transtorno para os residentes dessa e até das ruas

do entorno, visto que os moradores teriam que deixar o lixo na Rua Olímpio Major Duarte, mas, constrangidos por colocar os sacos de lixo na porta dos vizinhos, acabam por jogá-los no terreno baldio próximo ao colégio Santa Cândida, local retratado na figura 2.

No que se refere aos serviços públicos fundamentais, como de saúde e educação, os moradores do bairro os possuem nas proximidades. A UAPS – (Unidades de Atenção Primária à Saúde) mais próxima daqueles que vivem no Cesário Alvim é a UAPS do bairro São Sebastião. A educação básica, até o 9º ano do ensino fundamental, é encontrada perto da rua D, na Escola Municipal Santa Cândida.

O comércio é inexistente nas ruas C e D e nas demais ruas encontram-se apenas alguns botecos. Estabelecimentos como padaria só são encontrados na Rua Cesário Alvim e mercado, na Avenida Sete, rua transversal à Rua Cesário Alvim.

A Cesário Alvim é a rua mais movimentada do bairro e também a mais larga, o local onde há uma maior oferta no número de ônibus, pois nessa via não passa apenas o Santa Cândida, mas também o São Benedito, entre outros. Com relação aos estabelecimentos comerciais, essa é a única rua com mais ofertas. Nela encontramos uma pizzaria, uma padaria bastante antiga no bairro e várias oficinas mecânicas e borracharias. Portanto, tal rua é a área mais movimentada do bairro com maior trânsito de carros e movimento de pessoas, as demais ruas são mais pacatas. A Cesário Alvim dá acesso a outros bairros da região leste de Juiz de Fora, como o São Bernardo, mas nos finais de semana se torna também bastante pacata, com pessoas sentadas nas calçadas ou lavando o carro.



Figura 3

Rua Cesário Alvim, a rua mais movimentada do bairro.

Foto de Tânia de Oliveira Amaral, 2014.

O bairro Cesário, por ser muito próximo ao centro, carece de serviços como de saúde ou estabelecimentos comerciais; assim, os seus moradores têm que se deslocar para a região central ou para os demais bairros da área leste de Juiz de Fora.

No que se refere à infraestrutura urbana como iluminação pública, abastecimento de água, coleta de lixo, há cerca de quinze anos, quando foram construídas as primeiras casas na Rua D, não havia nenhum desses itens mencionados. Foi através dos movimentos dos moradores que esses serviços se tornaram disponíveis no local.

O asfaltamento da rua C, como podemos observar na figura 3, foi a última conquista dos moradores. Esse fato foi muito importante para eles, visto que, anteriormente, quando chovia, o acesso a essa rua ficava limitado, pois era muito difícil o acesso de carro. Os idosos ou pessoas com problemas de locomoção não conseguiam ir para casa de táxi ou de carro, representando um grande problema para os que vivem nessa rua.



Figura 4

Rua C, a última conquista de seus moradores foi a pavimentação da rua.
Foto de Tânia de Oliveira Amaral, 2014.

Essas ruas estão numa área de encosta íngreme, pela legislação existente, elas não deveriam ser ocupadas. Mas o que ocorre em Juiz de Fora é que muitos bairros e ruas surgem, como no caso das ruas C e D, primeiro como loteamento irregular, depois as pessoas constroem e vão morar lá. Posteriormente, a infraestrutura é construída e o bairro ou rua é legalizado nos órgãos públicos. Por exemplo: as primeiras casas da rua C foram construídas em 1998, mas essa só se torna uma rua reconhecida pela prefeitura através de uma lei de 2004, ou seja, doze anos depois dela existir de fato.

Diferente dos bairros periféricos, os bairros de classe média e classe média alta são, em geral, planejados e as casas são construídas de acordo com as aspirações dos proprietários seguindo com mais atenção as normas técnicas. Para TUAN, aqueles que dispõem de melhores condições escolhem onde morar e podem definir como será sua habitação, assim tendem a se identificar mais com a sua morada e a construir significados positivos sobre ela e o lugar onde vivem. Diferentemente da classe operária que não dispõe de recursos para definir onde morar nem em que tipo de habitação.

A classe operária e as pessoas pobres não vivem em casas e bairros planejados por elas. Mudam-se quer para residências deixadas pelos ricos, quer para novos conjuntos habitacionais. Em ambos os casos, a estrutura física não reflete os ideais de seus moradores. O sentimento, se é que existe, se desenvolve tão lentamente quanto a familiaridade (TUAN,2013, p.209).

Neste ponto, a afirmativa de Tuan se ajusta melhor ao caso estadunidense, pois nos Estados Unidos, país em que reside o autor, os pobres moram em conjuntos residenciais ou em áreas decadentes deixadas pelos ricos. Neste contexto, a sua afirmativa pode ser aplicada. Mas no caso brasileiro, os bairros periféricos são, na maioria das vezes, construídos pelos próprios moradores, em áreas irregulares e com ajuda mútua. Por exemplo, quando vão “bater laje” e reúnem vários parentes e amigos que colaboram com o processo. Além disso, a casa própria representa uma conquista, a possibilidade de sair do aluguel, pois, quando a renda é baixa, esse gasto acaba por comprometer o orçamento da família. O que temos observado na nossa pesquisa no Cesário Alvim é que seus moradores têm um sentimento de familiaridade pelo lugar, na maioria das vezes lhe atribuem significados positivos.

A população absoluta do Cesário Alvim, segundo dados do IBGE do ano de 2012, é de apenas 1.228 (mil duzentos e vinte e oito) habitantes. A população do bairro analisado é pequena, devido a limites de natureza física, pelo relevo com declividade muito acentuada, mas, principalmente, pela pequena extensão da sua área, já que o Cesário Alvim fica entre duas zonas já densamente ocupadas, o centro e a Zona Leste. Quase toda área da encosta voltada para o centro da cidade foi ocupada pelo bairro.

Para nossa análise qualitativa, o fato de ser um bairro pequeno é adequado, pois assim é mais fácil conhecê-lo, entrar em contato com seus moradores. Destarte, para trabalhar com entrevista semi-estruturada, que demanda mais tempo no diálogo com o sujeito da pesquisa, um local com menos pessoas é mais propício para se aprofundar nos aspectos mais interiores e subjetivos dos sujeitos. No entanto, é importante salientarmos que as condições materiais da cidade são definidas pelo sistema sócio-econômico, pela forma como a sociedade produz, amplia e distribui a riqueza. O bairro Cesário Alvim está inserido numa sociedade em que impera o modo de produção capitalista (assim como Juiz de Fora e, numa escala maior, o Brasil) e, sendo periferia desse sistema, o espaço vai refletir essa condição.

As construções materiais são moldadas por este sistema excludente, em que a produção material da cidade é coletiva. Todavia, os benefícios são usurpados por uma pequena elite que em muitos casos é de fora da cidade, ou até de outro país. As contradições se expressam na paisagem e nas pessoas; as manifestações da desigualdade se dão em todos os âmbitos da vida social. “As disparidades se expressam nas construções, na existência e/ou

qualidade de infraestrutura, na roupa e rostos, na rudez ou suavidade de traços.” (CARLOS, 1994, p.52)

O morar na periferia ou no condomínio fechado é definido pela forma como o sujeito se insere na sociedade de classes. Como no capitalismo quase tudo pode se transformar em mercadoria, até a terra, o solo urbano, as opções de local para morar, assim, muitas vezes, a forma e as condições da habitação são definidos pelo local que o sujeito ocupa na nossa sociedade hierarquizada.

O modo pelo qual o indivíduo terá acesso à Terra, como condição de moradia, vai depender do modo pelo qual a sociedade estiver hierarquizada em classes sociais e do conflito entre parcelas da população. Assim, o tipo, o local, tamanho e formas de moradia vão depender e expressar o modo como cada indivíduo se insere dentro do processo de produção material geral da sociedade (CARLOS, 1994, p.171).

A existência da periferia é reveladora da nossa sociedade hierárquica e desigual, em que a maioria da população é “expulsa” das áreas mais nobres da cidade onde se encontram os melhores serviços e equipamentos. No caso de Juiz de Fora, morar na periferia significa, quase sempre, viver em área de alagamento ou com declividade acentuada sujeita a deslizamentos.

As áreas com o relevo mais suave e mais distante dos cursos d’água são muito caras e, desse modo, são compradas por aqueles com condição financeira favorável. O Cesário Alvim, como destacado anteriormente, não é uma exceção. Porém, a questão natural é muito agravada pelos tipos de moradias construídas nesses locais, que são feitas sem a devida orientação técnica, a qual poderia amenizar o risco. Certamente existem técnicas que amenizam o risco dessas áreas inadequadas, mas elas também revelam elevados custos que inviabilizam sua utilização por essas populações.

Na rua C, encontramos apenas um muro de arrimo, construído porque houve uma denúncia e a defesa civil exigiu que ele fosse feito pelo proprietário do imóvel. Na rua D, não observamos nenhum desses muros. Eles encarecem muito a obra, pois dependem de um gasto muito grande de cimento, de ferragens e de mão-de-obra.

O risco gerado pela forma do relevo e pelas construções sem a devida orientação técnica acabou se traduzindo no desabamento de um prédio na Rua C, no primeiro dia de 2010. Na figura 5, podemos observar o resto dos escombros.



Figura 5

O que restou do prédio que desabou no dia 1 de janeiro de 2010.

Foto: Tânia de Oliveira Amaral, 2010.

Vale dizer que o relevo e o tipo de solo onde ocorre a construção não são os principais fatores que levam ao risco de desabamento dos imóveis. Esse risco se relaciona, principalmente, ao tipo de construção que são feitas sem a devida orientação técnica, que poderia minimizar o risco. Muitas casas são construídas sem essa orientação, pois encareceria muito a obra. Portanto, essa questão do risco está muito mais relacionada a um fator social, devido à desigualdade social presente em Juiz de Fora, do que a um fator ambiental propriamente.

Na figura abaixo, uma moradia construída na encosta, sendo um exemplo de moradia que está em condição de risco de desabamento.



Figura 6

Casa construída na encosta

Foto: Tânia de Oliveira Amaral, 2014.

Para o nosso trabalho, é importante reconhecer os mecanismos que direcionam a produção material das cidades e da periferia. Mas, além desses mecanismos, buscamos compreender a produção simbólica da periferia e o que viver nesses lugares representa para os seus moradores. Além de apontarmos as ausências de infraestrutura, queremos compreender o que ela significa para as pessoas que a vivenciam. Então, concordamos com VIEIRA:

Importa então identificarmos, em nossas pesquisas, os aspectos representacionais e subjetivos que envolvem o sujeito e os grupos sociais aos quais ele pertence. Os processos sociais excludentes impactam em diferentes graus, e tão importante quanto identificar a ausência de equipamentos ou serviços é identificar os significados das ausências e assim humanizar as políticas públicas (, 2010, p.58).

A construção simbólica dos moradores das periferias, as formas como eles valorizam e atribuem significados ao lugar onde vivem são muito ricas e reveladoras de suas vivências de ser e habitar naquele espaço. Essas construções simbólicas dão sentido às suas relações com o lugar onde vivem e a sua forma de se posicionar diante de sua condição perante a sociedade em que vivemos.

Vale dizer que as relações materiais advindas do modo de produção capitalista e a representação do poder hegemônico propagada principalmente pela grande mídia influenciam na percepção dos moradores das periferias sobre o local que habitam. Mas os valores e os significados que dão ao lugar estão pautados nas suas vivências, por isso a fala desses sujeitos não é uma reprodução fiel do discurso dominante, mesmo que nela possamos, em alguns momentos, encontrar elementos desse discurso.

É preciso ressaltar que, quando estamos trabalhando com uma área maior, como é o caso de uma cidade, essa área maior é uma abstração e a unidade menor como a rua é o lugar experimentado no cotidiano. O significado com o qual definimos a nossa rua e os locais próximos não se estende de forma linear ao bairro como um todo. “A rua onde se mora é parte da experiência íntima de cada um. A unidade maior, o bairro, é um conceito. O sentimento que se tem pela esquina da rua local não se expande automaticamente com o passar do tempo até atingir todo o bairro” (TUAN, 2013, p.208).

No que se refere ao Cesário Alvim, apesar de ocupar uma área pequena em relação aos padrões de Juiz de Fora, tem contextos muitos diversos no seu interior. A heterogeneidade do local estudado poderá contribuir para que os moradores atribuam significados ainda mais diversos sobre o lugar, dependendo da rua em que vivem. Por isso, abordamos os diferentes olhares sobre o Cesário Alvim, pois as vivências dos moradores não se referem a toda área do bairro, assim como as suas construções simbólicas também não estão relacionadas a toda sua extensão.

A construção das ruas C e D são mais recentes, como foi salientado anteriormente, assim como o saneamento e a infraestrutura urbana foram construídos há muito pouco tempo. Portanto, os moradores mais antigos dessas duas ruas vivenciaram o processo de construção desse lugar. Já as demais ruas são formadas, na sua maioria, por habitações mais antigas que remontam a décadas passadas.

Na rua C, é rara a passagem de um carro; assim, as crianças costumam brincar na rua, alguns moradores colocam as cadeiras no passeio para ficar observando o movimento, costume principalmente dos mais velhos, hábito que remete ao tempo em que os vizinhos saíam de casa para conversar e socializar com os outros moradores.

Sobre as moradias, é preciso salientar que desde o estudo realizado em 2010 no bairro, houve melhorias nas construções; novas obras estão sendo desenvolvidas, como a construção de um prédio na Rua Arminda França Mendes, cuja obra está sendo construída com a devida orientação técnica. No local já podemos perceber a construção do muro de arrimo, pois nos fundos há uma encosta íngreme, como podemos observar na figura 7.



Figura 7
 Construção na rua Arminda França Mendes.
 Foto de Tânia de Oliveira Amaral, 2014.

Vale dizer que Juiz de Fora tem passado por um forte processo de especulação imobiliária, o que tem elevado muito o valor dos imóveis, como veremos a seguir. No Cesário Alvim, isso também tem ocorrido; há um lote na rua C que está sendo vendido pelo valor de 40 mil reais³. Nesse lote, os custos de uma construção regular serão altos, visto que ele está em uma encosta e assim deverá ser feita uma obra de contenção. Também há uma mina d'água, o que obrigará a construção de uma obra de drenagem, pois o solo é muito frágil.

³ No período analisado, esse é o valor de um carro popular zero.



Figura 8

Lote sendo vendido na rua C.
Foto: Tânia de Oliveira Amaral, 2014.

As ruas C e D são mais recentes e, como já foi dito anteriormente, muitas das moradias do local eram autoconstruções e algumas ainda estavam por acabar. Pudemos observar que essas vêm recebendo melhorias, como, por exemplo, na rua D a casa de uma participante da pesquisa que está sendo reformada. A moradora está trocando instalação elétrica, pois a anterior era muito improvisada. Ela está melhorando uma casa construída sobre sua laje para que essa possa ser alugada e melhorar a renda familiar. Todavia, nesse caso ainda há mais por fazer, como a construção de um muro de arrimo na frente de sua casa porque a habitação é construída abaixo do nível da rua e há uma encosta na frente. Outra participante da pesquisa cobriu a laje e assim transformou-a numa possível área de lazer, colocando lá uma mesa e uma churrasqueira. Esse espaço é importante nas periferias, principalmente quando o terreno é pequeno e não há uma área nos fundos em que se possam realizar eventos de confraternização.

Esses são apenas dois exemplos do que vem ocorrendo no lugar estudado; temos observado mais obras e moradores dessas ruas que estão melhorando suas moradias. Sempre que passamos pelas ruas, temos visto o desenvolvimento de construções. Isso ocorre graças ao aumento da renda dos brasileiros, principalmente das classes mais baixas e devido a maiores facilidades para se conseguir financiamento, aumento da oferta de crédito e o consequente

endividamento da população. Mas vale dizer que isso não tem suprimido a desigualdade social que no Brasil é histórica e vem se mantendo. No caso de Juiz de Fora, o quadro de desigualdade de renda é bastante grave como em outras cidades médias brasileiras, em que a maioria de sua população é classificada como de baixa renda, sendo que 12 mil pessoas vivem em estado de extrema pobreza, segundo estudo publicado no jornal Tribuna de Minas.

De forma geral, as casas das ruas do Cesário Alvim que estão mais próximas ao centro são maiores e com acabamento mais bem trabalhado, mas é importante ressaltarmos que ainda essas ruas são partes de um bairro periférico, estão numa área que historicamente vem sendo relegada para aqueles com um menor poder aquisitivo. O bairro como um todo é formado por construções modestas. Portanto, o Cesário Alvim apresenta características de bairro periférico, apesar de muito próximo ao centro da cidade. É basicamente residencial, mas, apesar da sua pequena extensão e de sua pequena população, vem se apresentando bastante heterogêneo.

A condição do bairro que apresenta moradias com risco de desabamento não é uma exceção em Juiz de Fora, pois na cidade as áreas de encosta vêm sendo ocupadas de forma irregular, como discutiremos em seguida.

1.2 No cenário de uma cidade de país capitalista periférico: Juiz de Fora

Para compreendermos melhor a nossa área de estudo, é preciso situá-la dentro do contexto da cidade na qual está inserida. Por isso, faremos uma breve análise sobre a cidade de Juiz de Fora, partindo da sua condição atual de pólo regional, passando por sua história e retornando aos dias atuais para apresentarmos as condições de habitação.

Hoje, Juiz de Fora é uma cidade média, pois segundo dados do censo de 2010 do IBGE, sua população é de 516.247 habitantes. Ela está localizada na mesorregião da Zona da Mata Mineira. Devido a seu porte e diversidade nos serviços urbanos que presta, tornou-se a cidade pólo na sua mesorregião e estende sua influência até o território fluminense.

A condição de pólo regional está relacionada ao tamanho da cidade e à importância que o setor terciário tem adquirido nas últimas décadas. Juiz de Fora vem se afirmando como uma importante prestadora de serviços para os municípios do seu entorno. Destaca-se que o município em questão tem uma tradição industrial e operária. “Marcada, ao longo do tempo, por uma intensa migração da Zona da Mata Mineira, exercendo forte polarização sobre os municípios vizinhos, a cidade de base industrial e operária foi se transformando em núcleo de

referência em prestação de serviços” (VALLE, 2012, p.70). Porém, os grandes centros como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, passaram a atrair a maior parte das indústrias e, assim, Juiz de Fora perdeu a concorrência para eles. Por isso, o setor terciário foi se desenvolvendo e a cidade foi se tornando uma referência regional na prestação de serviços e no comércio. Hoje, a maior parte dos postos de trabalho abertos na cidade está neste setor da economia. Segundo Valle (2012, p.70):

(...) segundo levantamento realizado em 2005 pela Prefeitura – Secretaria de Planejamento e “Desenvolvimento Econômico (SPDE) – o perfil econômico de Juiz de Fora tinha na indústria sua maior fonte arrecadadora, no comércio o maior número de estabelecimentos e na prestação de serviços o maior número de oferta de postos de trabalho.

É preciso salientar que em Juiz de Fora há muitos e variados estabelecimentos comerciais; no setor de educação há várias instituições de ensino superior; na saúde, são encontrados diversos hospitais com serviços de alta complexidade, esses serviços atendem à população local e aos moradores das cidades próximas. Portanto, a cidade aqui analisada ocupa um papel de destaque na dinâmica regional. Durante a semana, a cidade recebe muitos moradores dos municípios vizinhos que se deslocam para Juiz de Fora em busca de serviços que não são encontrados nos demais municípios da mesorregião.

De acordo com dados da Prefeitura de Juiz de Fora – PJF e da Câmara de Dirigentes Lojistas de Juiz de Fora – CDIJF, atualmente a cidade, de segunda a sábado, praticamente duplica sua população, pois durante a semana, ela recebe grande contingente populacional que aqui vem buscar atendimento de saúde, educação, comércio e lazer, entre outros. (CHAVES, 2012, p.27).

Mesmo sendo um polo regional, a paisagem de Juiz de Fora é marcada pela desigualdade social, representada pelo grande número de bairros periféricos carentes, os quais possuem infraestrutura deficitária e suas habitações são feitas, principalmente, a partir de autoconstruções e a população, no geral, tem renda baixa.

1.2.1 A Construção de Juiz de Fora

Para analisarmos as condições de Juiz de Fora na atualidade, é necessário desvelar um pouco de sua história e de seu desenvolvimento como cidade com influência regional. Juiz de Fora vem se constituindo como pólo regional desde o início da sua formação.

Conforme registros históricos, a importância da cidade de Juiz de Fora vem de sua localização entre a antiga sede do Império brasileiro, Rio de Janeiro, e Ouro Preto, primeira capital da Província de Minas Gerais, polarizando assim, através dos caminhos vicinais, toda uma região hoje denominada de Zona da Mata Mineira (CHAVES, 2013, p.23).

A ocupação da área que deu origem à cidade analisada está relacionada ao período de exploração das jazidas de ouro em Minas Gerais. “As origens da cidade de Juiz de Fora remontam ao período de expansão da mineração, particularmente a partir de 1709, com a construção do “Caminho Novo”” (MIRANDA, 1990, p. 85).

A ocupação do local, onde posteriormente se constituiu a cidade de Juiz de Fora, está relacionada ao ciclo econômico do ouro, o que atendia aos anseios da metrópole. No início, o lugar funcionava como entreposto onde as tropas se abasteciam, e o comércio já começava a aparecer.

Atribui-se o início da ocupação à fazenda de um juiz de fora, localizada à margem esquerda do rio Paraibuna, onde hoje se encontra o bairro Vitorino Braga, antigo Botanágua. Assim sendo, a cidade começa a se constituir onde na atualidade é a zona leste de Juiz de Fora, muito próximo ao Cesário Alvim. Contudo, apesar dessa área ser de ocupação antiga, como vimos anteriormente, o Cesário Alvim só é reconhecido como bairro pela prefeitura na década de 1960.

Posteriormente, a cidade foi se desenvolvendo na outra margem do rio seguindo o sentido norte-sul da Avenida Rio Branco, onde se foi constituindo o centro da cidade e os locais mais valorizados no seu entorno, escolhidos para a moradia da elite, deixando a Zona Leste, na margem esquerda do Paraibuna, desprestigiada.

O processo de ocupação da atual região central foi intensificado após 1836, quando o engenheiro alemão Henrique Halfeld estabelece contrato com o governo provincial a abertura da estrada do Paraibuna com o objetivo de ligar Juiz de Fora a Vila Rica definindo assim o traçado da principal avenida da cidade (hoje Avenida Rio Branco) bem como suas principais artérias (MIRANDA, 1990, p. 89).

A vila foi elevada ao nível de cidade em 1856, pois já haviam se constituído os aparatos para administração pública como a construção do Fórum e da cadeia pública. Mas desde a década de 30 daquele século, havia sido definido o caráter urbano da vila com a construção da principal via e com a definição do centro.

Foi a construção da estrada União Indústria que deu mais dinamismo econômico à cidade e fez com que ela se tornasse um importante entreposto comercial. “No entanto, a

dinamização por assim dizer definitiva, bem como a definição do suporte de maior entreposto comercial da região foi adquirida pela cidade de Juiz de Fora com a construção da estrada União e Indústria” (MIRANDA, 1990, p. 92).

Em Juiz de Fora é construída, já com status de capital regional, a primeira usina hidrelétrica da América Latina. Em 1889 tem início a iluminação de Juiz de Fora, a partir da energia gerada em Marmelos. Esse fato demonstra o seu grau de capitalização. A partir daí houve um aquecimento no setor industrial com o aparecimento da indústria têxtil, que se tornou muito forte no município. Porém, já na primeira metade do século XX, o setor industrial começa a diminuir sua importância.

Segundo Miranda (1990), as razões do decréscimo industrial que ocorreu em Juiz de Fora a partir da década de 1920 não estão relacionadas apenas à concorrência com o Rio de Janeiro e Belo Horizonte, mas também tem causas internas. A autora cita o estudo de Maria Carlota Paula para apontar as causas da crise industrial: o aspecto familiar das indústrias, declínio da representação política no âmbito nacional e estadual, obsolescência na estrutura de serviços. Além desses fatores apontados, há a crise de vinte e nove que marcou o período e afetou toda economia nacional, devido à diminuição das exportações.

Nos anos 70 e 80, Juiz de Fora volta a receber investimentos na área industrial com grandes projetos, como a EMBRAPA, as Siderúrgicas Paraibuna de Metais e Mendes Junior e a construção da BR-040. Contudo, estes investimentos não mudaram a realidade de Juiz de Fora, a cidade não se tornou um grande centro industrial e a economia não se desenvolveu como esperado.

Com a diminuição da importância do setor secundário, devido à perda de competitividade, o capital disponível em posse da elite foi em boa medida investido no setor imobiliário. Dessa forma, houve um aumento da especulação e, sobretudo, elevação do valor da terra e dos imóveis.

1.2.2 Dinâmica atual de Juiz de Fora

Atualmente, podemos verificar que a população de Juiz de Fora continua crescendo. Em 1970, segundo dados do IBGE, a população residente no município era de 238.510. Em quatro décadas essa população mais que dobrou, e em 2010 atingiu o número de 516.247 habitantes. No início desse século, Juiz de Fora já contava com 456.796 habitantes. Esses dados nos mostram que o perfil demográfico do município se mantém em ritmo de crescimento, o que revela a importância de Juiz de Fora como pólo regional, pois tem sido

uma cidade que atrai muitos migrantes, que vêm em busca de um ensino de qualidade, de emprego e de melhores condições de vida.

Depois de um crescimento econômico na década de 1970, houve um período de estagnação econômica nas décadas de 1980 e 1990, devido à crise econômica que atingiu o Brasil. No início desse século, Juiz de Fora vem recebendo investimentos, o que está ocasionando crescimento econômico, refletindo principalmente nos setores de serviços e comércio. Esses investimentos têm como origem o capital público e privado.

A cidade de Juiz de Fora tem sido foco de atração de grandes empreendimentos da construção civil, de instituições de ensino superior, de investimentos em geral, ocasionando um crescimento econômico em diversos setores, principalmente de serviços e do imobiliário, além de aumentar seu fluxo interno e externo. E uma forma de aumentar o fluxo interno e externo de uma cidade é dotá-la de equipamentos e serviços, para o aumento da sua infraestrutura. A partir desse conjunto, as cidades tornam-se atrativas, seja no setor social, econômico e cultural (CHAVES, 2013, p.98).

A copa do mundo de 2014, descoberta de novas reservas de petróleo no PRESAL, as Olimpíadas de 2016 no Rio de Janeiro, estão ajudando a dinamizar e economia de Juiz de Fora. Os investimentos visam tornar Juiz de Fora mais competitiva, o que está de acordo com a nova tendência da globalização, em que as cidades competem entre si e, por isso, buscam se tornar atrativas. A cidade em questão tem recebido mais investimentos por estar muito próxima ao Rio de Janeiro, local onde ocorrerão os grandes eventos esportivos.

Acompanhando as novas tendências da globalização, que perpassam a contínua busca de desenvolvimento econômico, a cidade de Juiz de Fora está passando atualmente por um novo processo de ordenamento urbano espacial orientado em função do capital industrial, comercial, sobretudo, imobiliário (CHAVES, 2013, p.91).

Dessa forma, a cidade pólo da Zona da mata mineira vem recebendo uma série de obras, o que está lhe dando uma nova configuração espacial. Essas transformações pelas quais a cidade vem passando estão organizadas de acordo com planos da prefeitura que estão estruturados a partir de cronogramas⁴.

A área central está sendo reestruturada. As duas vias mais movimentadas da cidade, Avenida Barão do Rio Branco e Avenida Presidente Itamar Franco, receberam obras. Em 2011, começaram as obras na Avenida Rio Branco: pontos de ônibus foram modificados para

⁴ Durante o governo de Tarcisio Delgado, no ano de 2000, foi lançado o Plano de Estratégias de Juiz de Fora (PLANOJF 2000), cujos objetivos principais eram requalificar a acessibilidade e aumentar a oferta de serviço em saúde e educação.

tornar a circulação mais rápida, o asfalto foi trocado e ao mesmo tempo foram feitas obras de drenagem. Este é um importante ponto de ligação entre as diversas regiões urbanas de Juiz de Fora, por isso, tem intenso fluxo de veículos. Na Avenida Presidente Itamar Franco, o asfalto foi trocado. Essa Avenida liga a área central ao portal Sul da UFJF e à área Oeste de Juiz de Fora e nela estão localizados o Hospital Monte Sinai e o Independência Shopping. Essas e outras obras estão previstas no projeto “Nova Juiz de Fora”⁵.

As obras não se enceram na reestruturação das duas avenidas, mas há uma série de outras que deverão ser feitas para melhorar o trânsito. “Com o fim das obras da Avenida Barão do Rio Branco, estão previstas as obras para a construção de 02 mergulhões, 03 viadutos e 04 novas pontes interligando a área Central à Avenida Brasil e outras vias secundárias” (CHAVES, 2013, p.87).

Dentre as obras previstas, há uma que deve melhorar o acesso entre a Zona Leste de Juiz de Fora e o centro da cidade. O “Mergulhão da Rua Benjamin Constant, que permitirá a conexão entre as avenidas Brasil e Barão do Rio Branco, com tráfego no sentido Zona Leste-Centro” (CHAVES, 2012, p.88). As demais obras têm a mesma finalidade: facilitar o fluxo de veículos na cidade, sendo que a maior parte deverá atender ao núcleo central⁶.

Cabe dizer que os investimentos que Juiz de Fora vem recebendo não beneficiam todas as áreas da cidade, portanto, os locais que estão sendo modernizados se destacam pela melhor infraestrutura e se tornam mais valorizadas, logo são áreas que vêm atraindo mais moradores, com melhores rendas. Outros locais não estão recebendo as intervenções urbanas necessárias. As áreas para onde o capital está se deslocando são a área Central, a Sul e a Oeste.

Após os incentivos e grandes investimentos que passaram a receber de capital particular e público, em um período bem curto, as regiões Sul e Oeste começaram a oferecer novos espaços construídos, ou seja, novos loteamentos residenciais, novas áreas de lazer, novos condomínios verticalizados, novas áreas comerciais. Espaços esses que se transformaram nas novas urbanizações de Juiz de Fora. E, através de um grande marketing, os empresários e possuidores dessas novas urbanizações passaram a vendê-las para um público selecionado (CHAVES, 2013, p.91).

⁵ Em 2008, durante a campanha eleitoral da gestão 2008/2012, que realizou as citadas obras urbanísticas na área central, foi introduzido o projeto NOVA JUIZ DE FORA, que foi um plano urbanístico que surgiu apresentando projetos e ações em diversas áreas, seja na educação, na saúde, entre outros, e tendo como principal viés a reestruturação urbanoviária do centro da cidade. Essa reestruturação viária é uma demanda antiga, já observada no Plano Diretor (2004) e que começou, de certa forma, a ser trabalhada (Chaves, 2013, p.93).

⁶ Sobre as obras previstas ver: CHAVES, Telma S.; JUIZ DE FORA – MG: uma análise da reestruturação urbana – entre o discurso e a realidade. 2013.154f. Dissertação (Mestrado em Geografia)- Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.2013.

A cidade está sendo reestruturada para atender aos interesses do capital. Dessa forma, a maior parte da população acaba por não ter suas demandas mais urgentes atendidas. Portanto, as periferias continuam carecendo de melhor infraestrutura e a população mais pobre necessita de serviços públicos de qualidade.

Devido às intervenções que vêm recebendo algumas regiões, elas estão sendo mais valorizadas; devido ao marketing, estas áreas estão sendo vistas como as melhores para se morar em Juiz de Fora. “Inovações no mercado imobiliário de alta renda, edifícios residenciais surgem conectados aos serviços de lazer oferecidos bem próximos a essas regiões” (CHAVES, 2013, p102).

O Independência Shopping foi o primeiro shopping de Juiz de Fora com arquitetura moderna, com diversas lojas, ampla praça de alimentação e salas de cinema modernas. Foi um empreendimento que tem atraído investimentos para Zonas Oeste e Sul da cidade. O seu comércio visa atender as classes média alta e alta da cidade e região. Essas regiões estão recebendo infraestrutura completa : “Essas regiões ao receberem as intervenções urbanísticas estão se transformando em áreas que vêm se destacando pela total infraestrutura urbana dentro da cidade, pois, juntamente com elas, agregam tudo que é de moderno e novo”(CHAVES, 2013, p.92).

Nas cidades, existe seletividade espacial. Alguns locais recebem investimentos enquanto os demais vão desvalorizando.

Criam-se sítios sociais, uma vez que o funcionamento da sociedade urbana transforma seletivamente os lugares, afeiçoando-os às suas exigências funcionais. É assim que certos pontos se tornam mais acessíveis, certas artérias mais atrativas e, também, uns e outras, mais valorizadas (SANTOS, 2013, p.106).

As obras que vêm ocorrendo em Juiz de Fora estão ligadas, na maioria dos casos, aos interesses do capital privado que acabam se beneficiando com elas. “Muitas dessas operações urbanas estão ligadas à participação da iniciativa privada, a algum interesse particular, com o objetivo de viabilizar projetos urbanísticos em áreas previamente determinadas” (CHAVES, 2013, p. 92).

Como as obras não atendem a demanda da população como um todo, acabam gerando contraste na cidade. Enquanto encontramos áreas valorizadas dotadas de total infraestrutura, podemos ver bairros onde há necessidade de muitas melhorias. O Cesário Alvim é um exemplo de local que carece de melhores condições.

1.2.3 Habitação em Juiz de Fora

A especulação imobiliária em Juiz de Fora é muito intensa e desde o início da urbanização, o poder público tem um papel importante nesse processo. Foram abertos vários loteamentos, mas algumas áreas se mantiveram para serem vendidas depois da construção de infraestrutura e assim serem negociadas por um valor mais elevado. O poder público teve um papel fundamental nesse processo, pois coube a ele construir as vias de acesso e implantar o saneamento básico, que era deficitário em quase toda a cidade.

As áreas em que o poder público atuava iam se valorizando; dessa forma, contribuiu para a especulação, pois esses equipamentos eram construídos de forma intencional, relacionados aos anseios da elite juizforana em detrimento das necessidades da população que, na sua maioria, vivia em condições desfavoráveis.

A especulação imobiliária em Juiz de Fora continua muito intensa, pois a cidade se desenvolveu a partir do vale do rio Paraibuna e posteriormente se expandiu para as encostas. Portanto, há uma limitação ao crescimento da cidade devido à topografia do sítio urbano. A escassez de terra eleva o valor da propriedade urbana. “Devido a esse padrão de crescimento concentrado, a cidade possui hoje uma relação de custo do solo urbano situada entre as mais caras do país” (MIRANDA, 1990, p. 67).

A escassez do solo urbano eleva a especulação imobiliária e essa, por sua vez, acentua a escassez, formando um ciclo vicioso, o que, aliado à oferta de serviços precários em algumas áreas, valoriza acentuadamente alguns lugares da cidade em detrimento dos demais, o que conduz à periferização, como aponta Santos (2013, p.106):

Havendo especulação, há criação mercantil da escassez e acentua-se o problema do acesso à terra e à habitação. Mas o déficit de residências também leva à especulação, e os dois juntos conduzem à periferização da população mais pobre e, de novo, ao aumento do tamanho urbano. As carências em serviços alimentam a especulação, pela valorização das diversas frações do território urbano.

O valor elevado do solo urbano propicia o aparecimento de loteamentos irregulares, que são feitos antes da construção da infraestrutura básica e sem aprovação da prefeitura, portanto nem sempre estarão de acordo com as normas do zoneamento urbano estabelecidas pelos órgãos municipais. Quando as habitações já estão construídas no local, os moradores do loteamento reivindicam a legalização da rua ou bairro, o que acaba ocorrendo porque assim aumenta a arrecadação municipal de IPTU. Como vimos anteriormente, esse é o caso das ruas

C e D do bairro Cesário Alvim. Em Juiz de Fora, desde os anos 80, prevalece a política de regularização fundiária.

Devido ao preço da terra e à desigualdade social em Juiz de Fora, há um grande número de bairros periféricos, onde encontramos construções precárias, o que, aliado à topografia acidentada da cidade, faz com que haja muitas moradias que se encontram em condição de risco de desabamento, como é o caso do bairro analisado.

A reportagem do jornal Tribuna de Minas do dia 23/10/2010, destaca: “36 mil juizforanos em imóveis de alto risco”. Na classificação de risco da defesa civil, nível 3 é alto e nível 4, muito alto. São mais de dez mil famílias vivendo em áreas de risco, são muitas vidas ameaçadas nos períodos de chuva.

Em Juiz de Fora, o problema com a habitação é mais grave devido ao relevo irregular. As encostas são ocupadas de forma desordenada, assim o risco é iminente para muitas famílias que passam o verão com medo. As políticas habitacionais não conseguiram resolver o problema da moradia nessa cidade.

No capitalismo o local onde se vai morar depende da classe social e o tipo de habitação é definido pela posição que se ocupa na sociedade de classes. Numa cidade como Juiz de Fora, em que a desigualdade social é elevada, apenas uma parte da população pode viver em bairros planejados, pois a outra parte não possui renda para morar nesses locais.

O sítio urbano é visto como uma mercadoria e ordenado de modo a refletir na paisagem urbana a desigualdade social. As amenidades como a arborização, proximidade com o centro, equipamentos como mercado e praças elevam o valor da terra.

Dessa forma, a ocupação do espaço urbano é regulada pelo valor que a terra urbana adquire, sendo este o principal elemento de sua apropriação. Ao Território construído são adicionadas infraestrutura, sistema viário, equipamentos, serviços, que, juntamente com a existência ou falta de amenidades, compõem o valor da terra. A cidade torna-se, assim, uma mercadoria potencial de consumo, exatamente como qualquer produto: consumo que se realiza segundo as possibilidades de renda de seus habitantes (VALLE, 2012, p.79).

O bairro Cesário Alvim, apesar de estar próximo ao centro, não possui outras amenidades. O valor do seu solo só não é maior porque sua topografia é desfavorável e, além disso, está numa área de Juiz de Fora que historicamente é pouco valorizada.

Em resumo, a questão da habitação em Juiz de Fora é marcada pela existência de áreas muito valorizadas por serem locais que estão recebendo mais investimentos e pela especulação que vem ocorrendo há muito tempo e, por outro lado, pela existência de diversos bairros periféricos, com infraestrutura deficitária.

Vale dizer que as camadas mais desfavorecidas da população dependem de programas assistenciais do governo que atendem algumas demandas da sociedade, pois assim garante a reprodução da mão-de-obra, ao mesmo tempo em que atende a interesses eleitorais.

É preciso salientar, no entanto, que tem havido, em menor escala, a provisão de bens e serviços pelo Estado à população de baixa renda, o que ocorre tanto em função da garantia de força de trabalho para o setor produtivo, quanto em função de interesses políticos dessas camadas marginais (MIRANDA, 1990, p. 60).

As cidades capitalistas são produzidas de forma a atender, sobretudo, às demandas do poder econômico que visam à reprodução ampliada do capital; essa questão será discutida no próximo tópico.

Como grande parte do Brasil, Juiz de Fora não conseguiu resolver o déficit habitacional. Esse fato é o resultado de políticas públicas que privilegiam a classe média em detrimento da população mais pobre.

É uma ilusão pensarmos que a habitação e os demais problemas urbanos serão resolvidos sem atacar a problemática social, como a desigualdade social que está presente desde o início da formação do Brasil. “É um equívoco pensar que problemas urbanos podem ser resolvidos sem solução da problemática social. É esta que comanda e não o contrário” (Santos, 2013, p.106).

1.3 Cidade: construção e vivências

Tendo apresentado o Cesário Alvim e Juiz de Fora, passaremos a analisar a produção das cidades a partir do capitalismo. Mas, além da construção material das cidades, discutiremos a construção simbólica desse espaço.

A cidade, essa construção humana onde as pessoas coabitam, é uma invenção antiga na história da humanidade. Desde que o homem começou a produzir excedente e a se tornar sedentário, começaram a se esboçar as primeiras cidades, porque alguns indivíduos do grupo puderam se liberar do trabalho na agricultura e exercerem outras funções. Na antiguidade, alguns agrupamentos urbanos se destacaram pelo seu poder político e pela concentração de pessoas, como por exemplo, Atenas e Roma, entre outros que poderíamos citar.

Na antiguidade, as cidades exerciam o poder sobre as áreas próximas e às vezes até áreas distantes. Assim, sua principal função era administrativa, eram as cidades políticas. No fim da Idade Média, os mercadores e a mercadoria tomam conta da cidade e assim surge a

cidade mercantil. Mas é, sobretudo, no capitalismo que a cidade se transforma e ocupa um papel de destaque, tendo novas funções e tornando-se peça fundamental na acumulação de capitais.

No século XX, o fenômeno urbano tomou novas proporções - a urbanização se estendeu aos países periféricos, como na América Latina e na África, onde os aglomerados urbanos passaram a fazer parte da paisagem. Contudo, com esse crescimento, se destacam diversas questões como o aumento da violência, trânsito caótico, periferias, em que as condições de vida são as piores possíveis, falta de saneamento, entre muitos outros fatos que poderíamos destacar. Essas contradições encontradas nas cidades, como, por exemplo, condomínios de alto padrão ao lado de bairros com moradias precárias, são manifestações do modo de produção capitalista, visto que a desigualdade é uma constante nesse modo de produção. Nas cidades, a diferença entre ricos e pobres, entre os proprietários dos meios de produção e os que não detêm riqueza, é enorme e se destaca na paisagem. Nessas aglomerações, a desigualdade revela-se no espaço, o qual se torna uma mercadoria e é apropriado por aqueles que possuem algum capital.

A cidade é marcada pelo heterogêneo, pelo encontro dos mais diversos grupos sociais e culturais, de pessoas e de ideias. Mas também por ser o lugar da mercadoria, a cidade se torna uma vitrine para o capital, é onde a mais valia se realiza. Nela as mercadorias são vendidas e tornam-se novamente dinheiro, reserva de valor. Os atores econômicos mais poderosos, ou seja, aqueles que detêm as riquezas, planejam as cidades de forma que essas facilitem a acumulação de capital, assunto esse que retomaremos mais adiante.

Dessa forma, o espaço urbano é apropriado pelo capital que tenta produzir as cidades de acordo com o seu interesse, ou seja, aumentar o lucro. Porém, os cidadãos que vivenciam esse mesmo espaço têm objetivo divergente, o qual constitui a reprodução da vida. Assim sendo, esse espaço é apropriado, pensado e vivido de maneiras muito distintas - de um lado, as grandes corporações, as empresas e os detentores do capital de maneira geral; do outro, as pessoas que veem na cidade a condição para a reprodução de sua existência.

Por outro lado, há o poder público que está inserido nesse conflito de interesses. É verdade que, em boa parte das vezes, ele tende para o lado dos atores hegemônicos, construindo a cidade para a reprodução do capital. Mas, algumas vezes, por pressão popular ou para garantir a reprodução da mão-de-obra, ele acaba tendo que investir no social.

Vale dizer que o capital hegemônico tem tido um grande poder na produção do espaço urbano e que os apelos da classe menos favorecida muitas vezes não têm sido atendidos, pois

temos visto cidades com viadutos modernos, com bairros nobres bem equipados e a periferia sendo deixada em segundo plano, praticamente abandonada.

Assim, para nós, existe essa divergência de interesses na construção do espaço urbano. Ele pode ser produzido de acordo com as normas da reprodução do capital, mas é habitado, vivenciado e por isso é atribuído a ele significado. É nele que o cidadão, no seu cotidiano, constrói sua existência, encontra-se e convive com o outro e assim desenrola suas relações.

Então, a cidade é uma produção material objetiva, que podemos apreender na paisagem, construção material histórica, a qual ocorre de acordo com o momento histórico. É, portanto, marcada pela contradição presente no atual modo de produção. Todavia, é ao mesmo tempo uma construção simbólica, pois a cidade tem significado para quem a vivencia. Dessa forma, a cidade é uma construção material e simbólica.

Nosso objetivo nesse tópico é discutir a construção do espaço urbano a partir da ação dos atores hegemônicos e da dinâmica daqueles que a vivenciam e atribuem outro valor a ela.

1.3.1 Produção da Cidade no capitalismo

As cidades como conhecemos hoje, são marcadas pela influência da indústria e da ação do capital. As indústrias surgiram fora das cidades, mas se aproximaram dessa, pois ela reunia pessoas (mão de obra), capital e mercado consumidor. Após essa aproximação o espaço urbano se transformou, pois passou a ser modificado de forma a atender as demandas do capital industrial.

A produção do espaço urbano passou a ocorrer de acordo com a necessidade de reprodução do capital. Para tal, o ordenamento do espaço passou a ser pensado em termos da racionalidade industrial, ou seja, da busca pelo lucro. Uma parte importante da cidade foi reservada à indústria e à comercialização de seus produtos, locais esses sempre bem dotados de infraestrutura. De acordo com Lefebvre, a cidade como temos hoje é uma construção histórica do capitalismo:

A cidade, como tal, faz parte dessas condições históricas, implicadas no capitalismo. Ela resulta da destruição das formações sociais anteriores e da acumulação primitiva do capital (que se completa nela e por ela). (...) Nesse quadro, o das relações sociais objetivadas, efetua-se a circulação de mercadorias, a criação do comércio e do mercado, ponto de partida do capital do século XVI (LEFEBVRE, 1999, p.140 e141).

O autor ressalta a grande centralidade do comércio nas cidades como ponto de partida do capital, influência essa que remonta à cidade comercial. A sua existência foi condição para a acumulação primitiva, além do que, sua importância não se encerrou no novo modo de produção porque os produtos manufaturados precisam do comércio para chegar ao consumidor e o dinheiro retornar ao capitalista.

O filósofo francês ainda vai mais adiante ao refletir sobre o pensamento de Marx e afirmar que: “no entanto, a cidade como tal, continua, para ele, uma força produtiva.” Lefebvre (1999, p.142). A cidade se torna mais do que um produto da ação do capital, ela mesmo se torna condição para a reprodução do capital, ou seja, um fator de produção, assim passa a ser como uma engrenagem de uma fábrica, isso ocorre porque é nela e através dela que se realiza a mais-valia.

A cidade é a condição para a realização da produção, a circulação e a distribuição. Assim, ela é o centro desse processo. Em outras palavras: “A cidade é, portanto, enquanto ligada às forças produtivas (e conseqüentemente à formação da mais-valia), a sede deste vasto processo contraditório” (LEFEBVRE , 1999, p.146).

O espaço urbano é transformado de acordo com as necessidades do capital. Os lugares são escolhidos tendo em vista o aumento do lucro; esse é um reflexo da divisão internacional do trabalho e das divisões locais. A cidade é moldada para promover a produção.

O espaço urbano, com sua concentração de pessoas, mercadorias, mercado, pesquisas e meios de escoamentos é condição para a realização da produção. Assim sendo, as corporações devido ao seu poder econômico transformam aquele espaço para atender aos seus interesses.

A partir da década de 1970, teve início uma nova forma de acumulação de capital e de realização da mais-valia. A indústria deixou de ser a mola principal que movimenta a economia. Esse novo processo foi denominado por muitos autores como acumulação flexível. A partir do período em questão, o setor terciário da economia tornou-se mais dinâmico. A cultura passou a ser revalorizada, vários museus foram construídos, cinema, espetáculos teatrais, shows receberam mais incentivos, pois nesses empreendimentos o retorno do investimento é mais rápido. Onde a velocidade é cada vez mais valorizada, essas áreas tornam-se mais atrativas. Foge aos objetivos desse trabalho discutir essa nova forma de acumulação de capital. O que nos interessa saber é se a partir de então as cidades perderam sua importância como fator de produção. Parece-nos que não; o que ocorreu foi o inverso. Elas mesmas se tornaram mercadoria e entraram na competição globalizada:

A partir da desorganização da sociedade administrada do ciclo histórico anterior, cultura e economia parecem estar correndo uma na direção da outra, dando impressão de que a nova centralidade da cultura é econômica e a velha centralidade da economia tornou-se cultural, sendo o capitalismo uma forma cultural entre outras rivais. Faz com que convirjam: participação ativa das cidades nas redes globais via competitividade econômica, obedecendo, portanto, a todos os requisitos de uma empresa gerida de acordo com os princípios da eficiência máxima (ARANTES, 2007, p. 27).

Aqueles que eram os detentores do capital passaram a investir nas cidades. Com o nome de revitalização urbana, recuperaram centros históricos, construíram museus etc. O objetivo dessa reestruturação é torná-las competitivas, localmente e até globalmente, e assim atrair mais pessoas e lucro. A autora em questão cita o exemplo emblemático de Barcelona, que foi revitalizada em 1992, ano em que foi sede das Olimpíadas, e desde então passou a atrair turistas em quantidade ainda maior. Como vimos anteriormente, Juiz de Fora está passando por esse processo de reestruturação urbana para se tornar mais competitiva.

Por trás desses projetos, está o interesse em construir uma imagem positiva da cidade e torná-la atrativa para o capital e para pessoas. Para tal, muitas vezes fazem uso da cultura local, tornando-a visível através do marketing. Esse processo é mais uma tentativa de usar a cidade com o objetivo de obter mais capital nessa acumulação sem fim.

Cabe dizer que nem todo espaço urbano recebe melhorias, apenas aqueles que interessam ao capital e que mais uma vez os interesses da maioria não são atendidos em detrimento dos projetos de alguns poucos.

Vale ressaltar, ainda, que essa imagem artificial que foi deliberadamente produzida sobre a cidade pode influenciar na percepção daqueles que vivem no espaço urbano, alvo do marketing, porém quem ocupa esse espaço, quem o vivencia e constrói sua história também possui outros símbolos e significados sobre o lugar.

Ao mesmo tempo em que os atores do poder hegemônico produzem o espaço urbano, os cidadãos também constroem o espaço. Seu objetivo é o de garantir melhores condições de existência. Podemos entender esse encontro de interesses tão diversos através das categorias de verticalidade e horizontalidade, propostas por Milton Santos.

As verticalidades são as redes e representam os interesses desenraizados, as ordens distantes. São portadoras dos interesses daqueles que detêm o capital. A horizontalidade é o espaço banal, espaço de todos, da vizinhança, da co-presença, cuja maior marca é a solidariedade, devido à contiguidade. Assim:

As redes constituem uma realidade nova que, de alguma maneira, justifica a expressão verticalidade. Mas além das redes, antes das redes, apesar das redes, depois das redes, há o espaço banal, o espaço de todos, todo o espaço, porque as redes constituem apenas uma parte do espaço e o espaço de alguns (SANTOS, 2008b, p.139).

Portanto, apesar das redes e junto às redes está o espaço banal, mesmo com a tentativa dos poderosos de impor sua racionalidade técnica e de controlar os espaços, os cidadãos também criam espaço. As redes são apenas uma parte do espaço, há o espaço de existência que não pode ser totalmente absorvido pelas redes. Esse é o espaço onde pode ocorrer a transformação porque é o espaço de todos onde se encontram diversas racionalidades diferentes da racionalidade dominante.

As redes e o espaço banal são muitas vezes o mesmo lugar, por isso nele se encontram diversas racionalidades, que podem ser conflitantes:

O território, hoje, pode ser formado de lugares contíguos e de lugares em rede. São, todavia, os mesmos lugares que formam redes e que formam o espaço banal. São os mesmos lugares, os mesmos pontos, mas contendo simultaneamente funcionalizações diferentes, quiçá divergentes ou opostas (SANTOS, 2008, p.139)

No cotidiano e na experiência do encontro com o outro, ao mesmo tempo em que se cria cultura, se cria economia:

Gente junta cria cultura e, paralelamente, cria uma economia territorializada, um discurso territorializado, uma política territorializada. Essa cultura da vizinhança valoriza, ao mesmo tempo, a experiência da escassez e a experiência da convivência e da solidariedade (SANTOS, 2006, p.144).

Ainda segundo Santos (2006,p.144), o conjunto das condições acima enunciadas permite dizer que o mundo do tempo real busca uma homogeneização empobrecedora e limitada, enquanto o universo do cotidiano é o mundo da heterogeneidade criadora.

A ação dos agentes do poder hegemônico na criação do espaço urbano impõe uma racionalidade técnica que visa homogeneizar os espaços, por isso, as cidades tornam-se mais parecidas. Uma análise precipitada nos levaria a crer que o sentido de lugar e a atribuição de valor ao espaço vivido já não ocorrem mais e que os signos da cidade são apenas construções artificiais. No entanto, o homem continua a construir espaço e a vivenciar num determinado lugar, por isso atribui significados a ele.

Ao mesmo tempo em que se produz a materialidade, produz-se cultura, valores e significados, o espaço urbano não é apenas o espaço material, mas também o espaço simbólico, que transforma e é transformado pela construção da vida material, criando de forma simultânea o mundo material e o mundo simbólico que se fundem e estão na construção

da vida e do cotidiano. Esses valores que dão sentido à vida influenciam na transformação do espaço. Assim sendo, ao mesmo tempo em que o espaço é construído, os valores também são construídos e modificados.

Como já explicitamos anteriormente, as verticalidades e as horizontalidades estão simultaneamente presentes na construção do espaço. A primeira representa a racionalidade técnica matemática; já na segunda, estão presentes diversas racionalidades. Quando a ordem distante vai se implantar em um determinado lugar, ela acaba sendo influenciada por essas diversas racionalidades.

Em tais circunstâncias pode-se dizer que a partir do espaço geográfico cria-se uma solidariedade orgânica, o conjunto sendo formado pela existência comum dos agentes exercendo-se sobre um território comum. Tais atividades, não importa o nível, devem ser criação e alimentação do meio geográfico local. Tal conjunto indissociável evolui e muda, mas tal movimento pode ser visto como uma continuidade, exatamente em virtude do papel central que é jogado pelo mencionado meio geográfico local (SANTOS, 2006, p. 109)

A construção do espaço urbano não é apenas pautada pela técnica, assim como a razão instrumental é apenas uma das formas de pensar este espaço. Esta razão encontra-se com diversas racionalidades que se cruzam, se chocam, se contrariam e entram em conflito. Como as horizontalidades admitem diversas racionalidades na construção desse espaço, elas estão presentes e não são apenas racionalidades vindas dos atores do poder hegemônico.

As horizontalidades, pois, além das racionalidades típicas das verticalidades que as atravessam, admitem a presença de outras racionalidades (chamadas de irracionalidades pelos que desejariam ver como única a racionalidade hegemônica). Na verdade, são contra-racionalidades, isto é, formas de convivência e de regulação criadas a partir do próprio território e que se mantêm nesse território a despeito da vontade de unificação e homogeneização, características da racionalidade hegemônica típicas das verticalidades (SANTOS, 2006, p. 110).

Em um mesmo lugar, estão presentes ações do poder hegemônico e ações marcadas pela solidariedade, pela vizinhança e pelos signos da co-presença. Não é apenas uma racionalidade técnica que produz o espaço, mas, antes, essa construção ocorre na interseção no encontro desses diversos momentos. “Na realidade, a mesma fração do território pode ser recurso e abrigo, pode condicionar as ações mais pragmáticas e, ao mesmo tempo, permitir vocações generosas (SANTOS, 2006, p. 112).

Se não existe apenas uma lógica na construção da cidade, nela se encontram lógicas que não estão apenas pautadas nas ideias de aumentar o lucro ou de obter maiores vantagens econômicas. A construção (dessas outras racionalidades) está ligada aos acontecimentos do

cotidiano, da vizinhança e a co-presença. Dessa maneira, a cidade é vivida e percebida como um valor, mas não valor na apreensão econômica do termo, e sim como algo vivido e experimentado.

É preciso lembrar que a construção do espaço urbano não é apenas uma produção material, mas ao mesmo tempo uma construção simbólica. A cidade é lembrada, vivida e ganha sentido à medida que a habitamos, que transitamos por ela, que trabalhamos nela, que encontramos coisas e pessoas e vivemos juntos nesse espaço. Portanto, os cidadãos se pautam nas vivências, por isso, os seus objetivos são tão diversos dos objetivos dos donos do capital.

A vivência e o habitar urbano estão muito relacionados ao conviver com o outro, pois nossas experiências ocorrem na interseção com o outro, com a subjetividade, experiências e afetos do outro e é nesse encontro que transformamos a cidade e ao mesmo tempo somos transformados e o outro também muda. Nós construímos mais que cidades, construímos a nós mesmos nesse encontro com o lugar e com o outro. Brandão também destaca a importância desse encontro na sua análise:

(...) Sabemos bem que das sociedades mais primitivas às mais complexas, em boa medida o lidar com espaços e o criá-los para a vida, implica uma série de procedimentos dirigidos ao conviver-com-o-outro na experiência interativa, afetiva e social em nome da qual, em suas múltiplas faces, uma casa ou uma cidade acolhem nossos corpos e nossos afetos (BRANDÃO, 2009, p. 23).

Esses espaços construídos como uma cabana, casa ou cidade acolhem nossos afetos, nossas experiências interativas, assim somos construtores de cidades, de relações e de significados, acolhemos e somos acolhidos. O Lugar nos restitui o mundo, pois através dele nossos corpos têm sua existência espacial e agem interativamente no encontro com o outro.

Vale lembrar que a cultura é um aspecto fundamental do comportamento humano; somos seres culturais, por isso atribuímos valor ao que está à nossa volta, ou seja, damos sentido ao que nos rodeia, não construímos apenas matéria, mas damos sentido a essa construção. Por isso, a construção material não é regida apenas por uma lógica instrumental, com uma finalidade prática, mas por significados que estão relacionados ao sentido que damos às coisas.

Uma lógica instrumental e utilitária parece dominar e dirigir motivações e atuações que, tanto nos outros animais quanto em nós, os humanos, parecem estar destinados apenas à sobrevivência material de indivíduos e à reprodução da espécie. E isso é originalmente verdadeiro, mas apenas em parte, ao menos entre nós, seres “naturalmente culturais (BRANDÃO, 2009, p. 23).

É preciso insistir num aspecto que é fundamental: ao transformarmos os lugares também mudamos pessoalmente e isso ocorre por não vivermos isolados, então transformamos o lugar com o outro, ou seja, na relação com o outro. Viver é sempre conviver e não fazemos nada sozinhos. Nessa relação de encontro, mudamos o sentido que atribuímos, pois nossa sensibilidade e nossos valores são colados na intercessão. Afetamos e somos afetados, somos obrigados o tempo todo a nos rever.

Nossa existência é espacial, estamos com e no espaço, estamos ligados a ele, nele encontramos com o outro e realizamos nossa existência, nós o modificamos. Mas não fazemos como as abelhas ao construir colmeias, pois primeiro projetamos, imaginamos aquilo que será construído e então construímos a partir de uma intencionalidade; mais que isso, nossas ações são influenciadas pela cultura e por nossa subjetividade.

Brandão vai além ao afirmar que mais do que habitarmos, somos habitados por lugares e territórios:

E uma “cartografia da pessoa” haveria de entrever que cada um de nós habita e é habitado por espaços e lugares, terras e territórios, regiões e paisagens interiores. E, também, ao construí-las criamos entre nós, interativa e socialmente, nossos sistemas de ações e de signos, símbolos e palavras que conduzem em nossas diversas culturas os nossos saberes, nossos significados, nossas sensibilidades e nossas sociabilidades (BRANDÃO, 2009, p. 17.)

Construímos mais que espaços econômicos, pois os espaços não são feitos apenas de materialidade, são cenários das vivências, povoados de signos e significados habitados por lembranças coloridas e pelas emoções; fazem parte da nossa história. “Lugares onde trabalhamos e produzimos bens e serviços, como querem os economistas. E, no entanto, um multiforme cenário de símbolos, mais do que de pedras ou de barro” (BRANDÃO, 2009, p. 23).

Vale dizer que um aspecto fundamental da nossa existência é o fato de habitarmos, pois esse ato nos coloca em algum lugar e nos leva ao encontro do nosso próximo na nossa rua, bairro ou cidade. Nesse habitar modificamos o lugar, por isso a dimensão do labor é tão importante. Nessa relação encontramos com o outro.

Não habitamos “espaço em-si-mesmo”, mas apenas os tempos-espaços que se dão a nós: que percebemos, que tornamos uma realidade vivida e pensada, que transformamos, transformando-nos a nós próprios, pra habitar e sobreviver como indivíduos, grupos humanos e a espécie humana (a dimensão do labor) e para socializarmos a natureza e a realizarmos para nós, como cultura (a dimensão do trabalho) (BRANDÃO, 2009, p. 27).

Esse espaço que habitamos, com o tempo, torna-se lugar porque ganha significado para nós, ele se torna conhecido. Ao habitar, ao tornar espaço em lugar, ao conviver com o outro, construímos significados. Por isso, os que habitam as cidades atribuem significados a ela, essa passa a ser colorida por nossas emoções e a ter um sentido.

Em resumo, a cidade, invenção da humanidade que propicia o encontro de coisas, pessoas, ideias, tem como característica fundamental a capacidade de reunir, já que não cria nada de novo, mas reúne uma infinidade de coisas. Objeto da imaginação e do interesse humano, alvo dos que querem garantir o aumento do capital e assim manter o *status quo*. Simultaneamente, ela é vivida e experimentada.

Poderíamos ter optado por uma construção teórica que privilegiasse apenas a produção material da cidade, esse seria um aspecto importante do seu entendimento. Contudo, cremos que o urbano é mais que isso, pois há uma construção simbólica. O simbólico e o material não são dimensões isoladas, visto que ocorrem simultaneamente e estão ligados, influenciando-se e complementando-se.

Retomando a cidade como o lugar do encontro, nela se destaca, sobretudo, o conflito de interesses entre os detentores do capital e os que a habitam. Ambos necessitam do espaço urbano, os primeiros querem torná-la um meio de produção, têm como objetivo construí-la para o aumento da reprodução do capital. Já os cidadãos têm como meta a reprodução da vida e a melhoria das suas condições de existência.

A cidade é muito mais do que um monte de tijolos, areia e cimento, ela se torna lugar para aqueles que a vivenciam porque habitam e trabalham, convivem com o outro, transitam pelos mais diversos lugares. Assim, ela passa a ter significado e ser dotada de valor. Não são apenas as ruas que passam a ser conhecidas, mas elas passam a lembrar momentos importantes da vida de quem a habita.

Com o tempo, a cidade vivida deixa de ser um objeto desconhecido alheio e passa a ser colorida por cantigas, lembranças de encontros, lugares familiares, casas de amigos, parentes, lugares que não devemos ir, sentimentos. Ela passa a nos chamar a atenção não como uma novidade, mas como algo experimentado e que faz parte da nossa história. Fazemos parte da cidade e nela nossa história pessoal encontra-se com outras trajetórias.

Essa construção simbólica do espaço urbano dá-se na medida em que é produzida e vivenciada pelos cidadãos que ali habitam. Nesse encontro com o lugar e com o outro, são tecidas relações e são construídos símbolos sobre o lugar. Por exemplo, o local de um encontro inesperado com uma pessoa querida pode se tornar um lugar importante na nossa história de vida e sempre que estivermos ali, lembraremos do ocorrido.

Por fim, é preciso ressaltar que as contradições inerentes ao modo de produção capitalista estão inscritas no espaço urbano, que esse é um aspecto fundamental da sua construção. Todavia, para os cidadãos, ela é mais do que essa produção material, a cidade é um espaço vivido e experimentado. Por isso, é importante entendermos o espaço urbano nessa dinâmica entre vivido e produzido.

TRAJETÓRIAS DA PESQUISA: A BUSCA PELA COMPREENSÃO DO CESÁRIO ALVIM

Em pesquisa qualitativa o processo de construção do trabalho é importante, por isso a descrição dos procedimentos metodológicos, assim como do contexto de realização da pesquisa são informações relevantes. Neste capítulo detalharemos os procedimentos metodológicos, a estruturação e a aplicação do trabalho em campo.

Primeiro discutiremos sobre a metodologia qualitativa, levantando seus princípios e traremos uma breve análise da fenomenologia, que é um dos seus aportes teóricos mais influentes. Em seguida, descreveremos os procedimentos metodológicos que foram usados na elaboração da pesquisa. Posteriormente, abordaremos aplicação da metodologia em campo. Por último, discutiremos o método empregado na análise dos dados obtidos através do trabalho de campo.

2.1 Caminhos da pesquisa: metodologia qualitativa

A metodologia adotada na pesquisa precisa estar de acordo com o objetivo e com o referencial teórico. A metodologia qualitativa é a que mais atende aos propósitos desse trabalho, pois temos como objetivo compreender o Cesário Alvim a partir das vivências de seus moradores. A metodologia qualitativa ajuda a compreender o fenômeno a partir da perspectiva do sujeito. “No contexto da metodologia qualitativa (...) não se busca estudar o fenômeno em si, mas entender seu significado individual ou coletivo para a vida das pessoas” (TURATO, 2005, p.509).

O que se procura com essa metodologia é o ponto de vista do sujeito, sua apreensão dos fatos. Para compreender as vivências dos moradores de um bairro periférico, é preciso escutá-los, para, então, identificar a história do lugar, o significado que os sujeitos da pesquisa atribuem ao lugar onde vivem, assim como o sentimento de topofilia e de topofobia.

A pesquisa qualitativa tem como finalidade a apreensão do fenômeno pelo sujeito que o vivencia, para isso o contexto no qual está inserido o participante da pesquisa é relevante. Esse contexto contribui para a construção de significados que o sujeito expressa através do diálogo. Portanto, a descrição do mesmo é um dado importante para pesquisa.

O pesquisador é instrumento importante nessa abordagem, pois a interpretação da fala dos sujeitos da pesquisa tem um papel fundamental nesse tipo de análise, sendo que essa depende do contexto de elaboração da pesquisa. A análise do pesquisador, ao contrário das investigações convencionais, nunca é neutra, mas sim interpretativa segundo a “realidade” que foi apreendida no campo. Dessa forma, o contexto de realização do trabalho de campo é um dado que deve ser considerado, pois ajuda a compreender os caminhos seguidos pelo pesquisador para construção dos dados analisados. O contexto da imersão em campo já é, portanto, um dado do trabalho.

O mundo vivido é pleno de significados e para desvelá-los é preciso uma metodologia que traga a tona esses significados para que esses possam ser compreendidos. É através dos relatos das experiências que buscamos compreender as vivências dos moradores do Cesário Alvim.

Na procura da consciência subjetiva do sujeito da pesquisa, a subjetividade é um elemento que deve ser considerado nesse tipo de análise, enfocando a relevância que o fenômeno tem para o sujeito. A subjetividade é um elemento importante na construção do trabalho, diferente das pesquisas tradicionais que pretendem chegar aos resultados usando apenas a lógica formal e, assim, negam a subjetividade. A subjetividade emerge das experiências vividas pelo sujeito.

Nesse tipo de pesquisa busca-se o conhecimento que o sujeito da pesquisa tem sobre um determinado fenômeno, conhecimento que é adquirido pelo sujeito através das suas vivências. No trabalho pretendemos analisar o bairro Cesário Alvim a partir dos significados que os seus moradores atribuem ao lugar onde vivem. O lugar não é apenas apreendido de forma objetiva, ou seja, racional, mas é vivido e, por isso, colorido por emoções e sentimentos.

Vale dizer que, no que se refere à escolha do local para estudo, em pesquisa qualitativa, diferente das pesquisas tradicionais, essa escolha é intencional. Essa ocorre devido a interesses do trabalho, mas também a propósito dos meios, tanto de acesso e de permanência no local, assim como pelo conhecimento prévio por parte do pesquisador do local de estudo.

Ao contrário do que ocorre com as pesquisas tradicionais, a escolha do campo onde serão colhidos os dados, bem como dos participantes é proposital, isto é, o pesquisador os escolhe em função das questões de interesse do estudo e também das condições de acesso e permanência no campo e disponibilidade dos sujeitos (ALVES-MAZZOTTI e GEWANDSZNAJDER, 1998, p. 162).

No que se refere ao trabalho aqui proposto, cabe dizer que o Cesário Alvim foi escolhido de forma proposital. Em primeiro lugar, por razões de interesse do estudo, pois possui características de bairro periférico, com muitas construções inadequadas e uma população de classe média baixa. Em segundo lugar, foi escolhido, pela facilidade de acesso ao campo, pela sua localização próxima ao centro e finalmente pela familiaridade da pesquisadora com o lugar e seus moradores, em especial uma moradora cujos laços são de parentesco. Portanto, há um conhecimento prévio da área a ser estudada, que não se restringe apenas ao saber acadêmico, mas que surge da convivência e das visitas feitas ao local. Em relação ao trabalho, esse fato facilita a aproximação com as pessoas, além do que, não sendo um indivíduo estranho aos que vivem ali, a interferência enquanto observador será minimizada.

Nas ciências humanas tem aumentado o número de trabalhos com abordagem qualitativa. Contudo, a sua origem remonta as pesquisas etnográficas desenvolvidas pelos antropólogos. “Todos os autores, ao que parece, compartilham o ponto de vista de que a pesquisa qualitativa tem suas raízes nas práticas desenvolvidas pelos antropólogos, primeiro e, em seguida, pelos sociólogos em estudos sobre a vida em comunidades” (TRIVIÑOS, 1997, p.120).

É preciso ressaltar que é difícil uma definição precisa do que seja a pesquisa qualitativa porque sob esta denominação estão presentes diversas abordagens com princípios filosóficos distintos. Todavia, há traços em comum que podem caracterizar a pesquisa qualitativa.

As principais características da pesquisa qualitativa foram descritas por Bogdan (apud Triviños, 1987) as quais, é necessário descrever para a melhor compreensão da abordagem dessa pesquisa:

- 1) A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento-Chave.

O pesquisador atua na realidade do sujeito da pesquisa, o que diverge do ambiente controlado do laboratório. Os dados são gerados a partir da percepção do pesquisador que é um instrumento chave no trabalho, pois além da subjetividade do participante da pesquisa a subjetividade do pesquisador também é considerada.

2) A pesquisa qualitativa é descritiva.

A pesquisa qualitativa é essencialmente descritiva. As descrições estão impregnadas dos significados que o ambiente lhe outorga. A interpretação dos dados tem como fonte a percepção do fenômeno no seu contexto.

3) Os pesquisadores qualitativos estão preocupados com os processos e não simplesmente com os resultados e os produtos.

Nesse tipo de abordagem o processo é relevante e não apenas o resultado final. Dessa forma, busca desvelar o que está presente no fenômeno, mas não é visível, assim sua finalidade é desvelar aquilo que não é aparente.

4) Os procedimentos tendem a analisar seus dados indutivamente.

A pesquisa qualitativa parte do fenômeno social. As interpretações surgem, então, relacionadas ao contexto. A análise é gerada a partir do contexto em que o pesquisador está investigando.

5) O significado é a preocupação essencial na abordagem qualitativa.

O que se busca nesse tipo de pesquisa é o significado que o sujeito atribui ao fenômeno. Os significados que os sujeitos atribuem ao fenômeno dependem do próprio meio em que estão inseridos, por isso, os significados estão relacionados ao contexto.

Assim dois pontos fundamentais na construção desse trabalho foram o aporte teórico, no qual se baseou a pesquisa e o contexto que vivenciam os participantes da pesquisa. Por isso, um maior envolvimento da pesquisadora foi fundamental para a elaboração do trabalho. Em campo pudemos vivenciar e partilhar um pouco do cotidiano dos moradores do bairro Cesário Alvim.

Acreditamos que para compreendermos essa realidade vivida pelos sujeitos da pesquisa são necessários elementos que vão além das estatísticas ou dados numéricos; é preciso escutá-los e, para isso, é preciso nos envolver no seu universo.

Pensamos que é necessário termos elementos para compreender a realidade vivida pelos pesquisados, que vão além das informações obtidas em entrevistas, questionários, dados do IBGE e demais fontes secundárias. Assim, quanto mais interagirmos com o universo pesquisado, tanto mais conquistaremos a sua confiança e maior será a riqueza de detalhes por nós apreendida (SANTOS, 2009 p.128).

As técnicas da metodologia qualitativa geram um relevante material, com relato de experiências que envolvem o lugar vivido pelos participantes da pesquisa. Esses dados foram analisados a partir do nosso aporte teórico, com influência principalmente da Geografia Humanista⁷. Essa tem a fenomenologia como um dos seus paradigmas mais influentes, por isso, se faz necessário uma discussão sobre os principais fundamentos da fenomenologia.

2.1.1 A perspectiva fenomenologia

A fenomenologia enquanto princípio filosófico inspirou a construção do nosso trabalho. Apresentaremos alguns princípios da fenomenologia que contribuíram para o desenvolvimento da nossa pesquisa. A fenomenologia oferece uma base teórica que ajuda a compreender os significados atribuídos às vivências.

O precursor da fenomenologia é o alemão Edmund Husserl, (1859/1938). Esse movimento deu origem na França ao existencialismo de Sartre e Merleau-Ponty, pensadores que iriam influenciar a Geografia. Todavia, nesse momento vamos nos ater principalmente à fenomenologia de inspiração Husserliana.

A fenomenologia surgiu em resposta à crise vivida pelas ciências humanas e ciências “exatas” e, ao mesmo tempo, da filosofia, que passavam por um grande questionamento de seu método e de sua validade. As bases do positivismo foram abaladas e seus fundamentos começaram a ser contestados como a objetividade, assim como sua validade e sua contribuição. A fenomenologia inicialmente é uma crítica ao método científico tradicional e sua objetividade, por isso propõe uma nova forma de pensar a experiência.

A fenomenologia busca na consciência o significado dos fenômenos. A resposta está na própria consciência e não numa objetividade que pudesse extrair os fatos e encontrar leis

⁷ Na década de 70, surge uma nova abordagem na Geografia que ficou conhecida como “Geografia Humanística”, hoje a denominação mais usual e de Geografia Humanista. A matéria prima da Geografia Humanista são as emoções, o pensamento humano, as experiências que os lugares despertam e os valores sobre esses lugares, a riqueza da Geografia está justamente em buscar na experiência o entendimento de mundo.

gerais: “Em termos gerais, portanto, a fenomenologia poderia ser definida como um modo filosófico de reflexão a respeito da experiência consciente e uma tentativa para explicar isso em termos de significado e significância.” (BUTTNER, 1976, p.171).

A Consciência para Husserl é sempre consciência dirigida para um objeto, ela só existe em relação com o objeto, assim como o objeto só existe em relação à consciência. Então, se define a consciência como intencional: “O princípio da intencionalidade é que a consciência é sempre “Consciência de alguma coisa”, que ela só é consciência estando dirigida para um objeto”. (DARTIGUES, 1973, p. 24). Dessa forma, a fenomenologia rompe com a tradicional separação entre sujeito e objeto.

A fenomenologia prima pelo significado dado pela consciência no momento imediato da experiência, na vivência imediata. Portanto, a tarefa primeira é saber como a consciência intencional se direciona a um objeto e produz o significado. Desta forma, a fenomenologia pretende chegar às coisas mesmas.

Nesse sentido, a fenomenologia contribui para se entender como são produzidos os valores, as ideias sobre o mundo que nos cerca e, a partir daí, agirmos. Não se trata, portanto, de uma busca simples de causa e efeito, mas de uma reflexão sobre o próprio ato de conhecer e de vivenciar.

As ciências positivas buscam um distanciamento em relação ao objeto: “A atitude fenomenológica, ao contrário, demanda um retorno à evidência, aos próprios fatos, como são produzidos, e uma investigação dos atos da própria consciência” (BUTTNER, 1976, p.169). E, na medida em que busca entender como é produzido o conhecimento, ela é uma reflexão sobre o próprio ato de produzir o conhecimento sobre o trabalho científico: “Pois, se é verdade que os fenômenos se dão a nós por intermédio dos sentidos, eles serão sempre como dotados de um sentido ou de uma “essência”. Eis porque, para além dos dados dos sentidos, a intuição será uma intuição da essência ou do sentido” (DARTIGUES, 1973, p. 21).

A fenomenologia ajuda a entender as vivências: “A tarefa efetiva da fenomenologia será, pois, analisar as vivências intencionais da consciência para perceber como aí se produz o sentido dos fenômenos, o sentido desse fenômeno global que se chama mundo” (DARTIGUES, 1973, p. 29).

A fenomenologia se ocupa, pois, em entender como se processa, na consciência, as vivências, como se desdobra o sentido de mundo, como os lugares, as pessoas, os acontecimentos, adquirem um sentido na consciência intencional.

Pensar sobre ato da consciência é pensar sobre o ato de produzir conhecimento, mas, sobretudo, é buscar compreender o estar no mundo e como no desenrolar da vida são criados

os valores e os significados sobre o mundo, o que inclui os sonhos, a imaginação, a dinâmica da vida, com seus conflitos, encontros e desencontros.

Ao analisar a consciência intencional que se dirige na experiência imediata ao objeto, a reflexão fenomenológica está, na verdade, refletindo sobre o produzir conhecimento. Assim, a tarefa da fenomenologia é possibilitar a reflexão sobre a produção do trabalho científico.

Para se chegar às essências, Husserl propõe o método fenomenológico. Com esse método, pretende voltar às coisas mesmas através da redução fenomenológica, que seria suspender o mundo colocando-o entre parênteses, ou seja, para chegar à essência é preciso deixar todas as teorias e concepções anteriores.

O que a redução fenomenológica propõe é que se abandonem todos os valores e significados pré-concebidos sobre o objeto de estudo. Então, as teorias científicas formais impedem de ver a essência, pois é preciso se despirmos das concepções pré-formadas que na verdade só confundem. O mundo não deve ser visto a partir de teorias e formulações científicas, mas percebido na sua realidade.

Para explicar a herança cultural e a dimensão coletiva e a individual, Husserl propõe: “A noção de intersubjetividade, tomada tanto no sentido de herança cultural como no de interação social, poderia ajudar a unir as dimensões pessoais e coletivas da experiência humana” (BUTTIMER, 1976, p.192).

A intersubjetividade rompe com a separação entre indivíduo e a coletividade, através da herança cultural, social e interação social, pois os valores culturais são passados na relação com o outro. Os valores culturais influenciam o indivíduo que, apesar de ser único, traz consigo as questões do seu tempo e as marcas de sua cultura. Como uma situação herdada, a intersubjetividade circunda a vida imediata, mas deve ser compreendida também como a forma do indivíduo recriar seu estar no mundo.

Segundo Melo (2005, p.4): “No bojo desse contexto, a Geografia Humanística, a partir dos preceitos fenomenológicos, critica o obstáculo entre o mundo da ciência e o mundo vivido pleno de geografias existenciais e coletivas ou intermúndio.” Mas traz para o mundo da ciência as projeções, os sentimentos, sonhos, valores, Geografias íntimas revestidas de sentido de significados; o entendimento de mundo não é buscado na ciência, mas, sim, nas vivências, na experiência direta com o lugar.

Portanto, a Fenomenologia contribui para a Geografia não apenas com seu método, mas com a possibilidade de desvelar essas Geografias introspectivas, tanto na amplitude coletiva, quanto existencial, trazendo para a Geografia a vivência no espaço, a relação com o

lugar, assim como os sentimentos de pertencimento ou de estranhamento de um determinado lugar e a relação íntima com os espaços vividos que traz à tona sentimentos diversos.

Da fenomenologia “O que se pode obter, no final, é uma perspectiva que seria o preâmbulo, mais do que a fórmula operacional, para os métodos de pesquisa” (BUTTIMER, 1976, p.3). Portanto, a aplicação da fenomenologia está mais relacionada aos seus propósitos, do que na prática como um método.

Os pressupostos da fenomenologia revelam uma tentativa de compreender as vivências e os significados que os moradores do Cesário Alvim atribuem ao bairro. Assim, o homem é interpretado considerando a sua subjetividade e como agente que atua na transformação do seu espaço vivido.

Vale dizer que, como colocado anteriormente no nosso trabalho, consideramos a subjetividade, mas não nos furtamos à crítica, pois o Cesário Alvim está inserido na sociedade capitalista; a sua materialidade manifesta a desigualdade que é inerente ao referido modo de produção, por isso a análise crítica também está presente no nosso trabalho.

2.2. Diário de campo: registro das emoções dos sujeitos e reconstruindo a história do lugar

Definido o aporte teórico e a metodologia do trabalho, foram definidos os procedimentos metodológicos a serem adotados na pesquisa. O trabalho de campo foi o instrumento para a obtenção de dados para construção do trabalho.

Com relação às técnicas de pesquisa optamos por três procedimentos metodológicos:

- a) Observação
- b) Entrevista
- c) Informante chave

A observação e a entrevista se complementam, pois a entrevista fornece a fala do sujeito, já a observação possibilita checar as respostas na prática, além de permitir registrar o comportamento no seu contexto. A observação foi do tipo não estruturado, aquela em que os comportamentos a serem observados não são previamente determinados. Os fatos observados foram anotados no diário de campo, para posterior análise. Ela ocorreu durante todo o processo de construção do trabalho, principalmente, no início da pesquisa, já que nessa fase

do trabalho, procura-se um maior conhecimento sobre a área estudada e foi através da observação que surgiram novas questões.

Durante e posteriormente ao período das entrevistas, as observações foram úteis para confrontar as falas dos participantes com o que observamos em loco. A observação constitui um importante instrumento de pesquisa. Pudemos checar, em campo, algumas informações que nos foram relatadas durante o processo de entrevistas e as informações foram confirmadas ou descartadas.

A dinâmica do bairro, o comportamento dos moradores, as transformações que vêm ocorrendo no Cesário Alvim foram objeto de nossas observações e se constituíram em dados para a construção da pesquisa. Nesse sentido o diário de campo foi o meio para o registro e a sistematização das informações. Os acontecimentos que nos chamavam a atenção eram registrados no diário de campo e isso ocorria algumas vezes em loco ou posteriormente em ambiente mais reservado.

Neste tipo de trabalho, o pesquisador é um elemento importante e a sua subjetividade é considerada, pois este anota no seu diário suas impressões pessoais, por isso suas vivências e a relação com o local pesquisado devem ser consideradas.

A observação participante (...). Ela exige do pesquisador suas impressões pessoais e subjetivas sobre o que vai ser pesquisado e, portanto, requer uma relação estreita com seus sujeitos de pesquisa, para, assim, conseguir compreender os modos pelos quais determinada sociedade ou grupo pensa e age sobre seu mundo. (BORGES, 2009, p.185).

A entrevista é uma técnica de investigação que tem como finalidade a obtenção de dados para a construção do trabalho, dessa forma: “Pode-se definir entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação” (GIL, 1999, pág.119). Ela é uma técnica de coleta dados sobre a vida social e que não podem ser apreendidos pela simples observação. Por meio dessa técnica se consegue informações sobre sentimentos, valores, significados atribuídos pelos seres humanos.

A entrevista possibilita a construção de dados em profundidade sobre o comportamento humano, por isso é uma técnica muito recorrente em pesquisa social, sendo utilizada em várias disciplinas.

A entrevista não é uma simples conversação, mas tem uma finalidade, que é a coleta de dados; assim concordamos com Rosa e Arnoldi (2008, p.17):

Analisando a “Entrevista” como uma técnica de coleta de dados, podemos afirmar que não se trata de um simples diálogo, mas, sim, de uma discussão orientada para um objetivo definido, que, através, de um interrogatório, leva o informante a discorrer sobre temas específicos, resultando em dados que serão utilizados na pesquisa.

Através da técnica em questão o pesquisador busca compreender as vivências dos sujeitos da pesquisa. Portanto, “através do diálogo, que é na verdade quase um monólogo, o entrevistador tenta alcançar um conhecimento que o outro não possui, mas vivencia” (ROSA e ARNOLDI, 2008, p.41).

A entrevista pode ser classificada, de acordo com o nível de estruturação e o roteiro de questões utilizadas. Segundo Rosa e Arnoldi (2008, pg.30), a entrevista pode se classificada em:

- a) Estruturada
- b) Semiestruturada
- c) Livre

A entrevista estruturada é aquela em que o pesquisado responde um roteiro de entrevista estruturado, geralmente de múltipla escolha, o que possibilita a análise estatística dos dados. Além disso, leva um tempo menor para a sua aplicação, se comparado aos outros tipos de entrevista, o que possibilita atingir maior número de pessoas. Por conter respostas objetivas as questões são mais direcionadas impossibilitando a variedade de respostas e o aparecimento de novos temas que pudessem contribuir com o trabalho.

Na entrevista semiestruturada o roteiro deve ser elaborado de forma que o participante da pesquisa possa transcorrer livremente sobre os seus pensamentos e sentimentos. Nessa as questões são abertas, permitindo maior dialogo entre o entrevistado e o entrevistador, dessa forma, novos temas podem surgir para contribuir com o desenvolvimento da pesquisa.

Por sua vez, nas entrevistas livres não há um roteiro com questões para serem feitas a todos os participantes da pesquisa; esse tipo de entrevista é feito através de relato oral que coleta informações do entrevistado.

O tipo de entrevista semiestruturado adotado no trabalho permite identificar valores atribuídos à subjetividade. Quanto mais estruturada, ou seja, mais objetiva for a entrevista, as respostas serão mais preestabelecidas, tendo assim menor possibilidade de diálogo. “As entrevistas mais estruturadas são aquelas que predeterminam em maior grau as respostas a serem obtidas, ao passo que as menos estruturadas são desenvolvidas de forma mais

espontânea, sem que estejam sujeitas a um modelo preestabelecido de interrogação” (GIL, 1999, pág.119).

O pesquisador deve buscar a forma de entrevista mais adequada aos objetivos do seu trabalho, assim o tipo de entrevista deve ser adequado ao tipo de informação que o pesquisador necessita para responder a sua questão.

O tipo de entrevista adotado na nossa pesquisa é a semiestruturada.

“Nestas, também chamadas focalizadas, o entrevistador faz perguntas específicas, mas também deixa que o entrevistado responda em seus próprios termos (...)Esse tipo de entrevista é interessante porque levanta os temas relevantes para o pesquisador, sem criar uma “camisa-de-força”, pois deixa o sujeito da pesquisa falar livremente. (ALVES-MAZZOTTI e GEWANDSZNAJDER, 1998, p. 163).

Optamos por essa técnica porque buscamos compreender os significados que os moradores do Cesário Alvim atribuem ao bairro em que vivem. Por isso, a fala dos sujeitos da pesquisa é importante. Tendo um roteiro, pudemos conversar sobre temas relevantes para o trabalho, o que nos possibilitou um direcionamento do diálogo.

Vale dizer que além das entrevistas e a observação, os informantes contribuíram para a construção do trabalho. Pudemos identificar no bairro, moradores mais antigos que conhecem bem a comunidade e que estavam dispostos a nos ajudar. Nas idas ao campo, íamos até suas casas para conversarmos de maneira informal e esses diálogos nos forneceram informações importantes sobre o Cesário Alvim.

As entrevistas são muito importantes para a construção do trabalho, mas os diálogos informais, através dos quais os sujeitos da pesquisa expõem livremente suas impressões, foram considerados. Os diálogos informais foram registrados no diário de campo como aponta SANTOS (2009, p.28):

Os grupos sociais devem ser concebidos como sujeitos-objeto dos processos históricos. Assim, deve haver situações que vão além dos questionários e entrevistas formais, pois, justamente em diálogos informais, o pesquisador pode obter informações de grande relevância, que podem ocorrer num momento em que o pesquisado se dispõe a falar além das respostas dos questionários, situação que permite a ambos adquirir mais conhecimento.

No diário de campo, foram registradas as nossas percepções sobre o bairro analisado, os diálogos informais, acontecimentos do cotidiano. Esses dados foram registrados logo após a imersão em campo, para que os acontecimentos e as impressões não ficassem esquecidos, mas tivemos que recorrer à memória porque os registros não eram feitos na frente do participante. Para evitarmos que o sujeito ficasse inibido, o registro era feito na casa de uma

prima da pesquisadora que mora no bairro. Também não gravamos as entrevistas porque o gravador poderia inibir o sujeito da pesquisa.

O diário de campo é um documento pessoal e não há um padrão para sua construção, podendo ser feito de diversas maneiras pelo pesquisador, portanto esse é um instrumento de pesquisa que ajuda no registro das impressões do pesquisador.

Esse foi um instrumento valioso para construção da nossa pesquisa, visto que, nele pudemos registrar nossas emoções e percepções sobre o Cesário Alvim. Essas se perderiam se não fossem sistematizadas através do diário. Venâncio ressalta a importância de se usar o diário de campo:

Por mais que os gravadores, as câmeras fotográficas, os questionários e os roteiros de entrevista sejam técnicas indispensáveis, não conseguem registrar as emoções momentâneas, tanto por parte do pesquisador quanto por parte dos entrevistados, nem tampouco conseguem registrar a nossa percepção da paisagem e organização dos espaços e as vivências dos moradores. É, pois, essa a importância de o pesquisador ter sempre em mãos um diário para fazer esses registros (VENÂNCIO, 2009, p.319).

É preciso ressaltar que a observação e os informantes tiveram como finalidade complementar e verificar as informações que foram obtidas nas entrevistas

2.3 O Trabalho em campo: dando voz aos sujeitos da pesquisa

Definida a forma de abordagem em campo, partimos para o trabalho no nosso local de estudo, o bairro Cesário Alvim. Em pesquisa qualitativa, como apontado anteriormente, o contexto de realização do trabalho é um dado importante e, por isso, deve ser descrito, para se garantir a fidedignidade do trabalho, portanto a sua contribuição acadêmica.

Nossa atividade em campo teve início em agosto de 2013 se estendendo até maio de 2014, mas anteriormente já fazíamos algumas visitas informais. No referido período foram realizadas 17 visitas ao bairro Cesário Alvim. Dessas, por duas vezes a pesquisadora permaneceu por dois dias no bairro; isso ocorreu nos dias quatro e cinco de fevereiro e dez e onze março de 2014. Essa permanência em campo teve como finalidade a observação, a conversa com informantes e a realização das entrevistas. Esses procedimentos foram realizados como descritos no presente capítulo.

Foram realizadas 11 entrevistas no período de fevereiro a maio de 2014, em diferentes dias da semana e horário. Elas ocorreram na casa dos participantes da pesquisa, em alguns

casos com a presença de mais de um membro da família, o que acabou contribuindo com a realização da mesma porque esses também ajudavam a complementar algumas informações.

Fomos acolhidos pelos participantes em suas casas. Isso é interessante porque o lar do participante é o local onde ele vive e isso o deixava mais à vontade. Além disso, em pesquisa qualitativa o contexto é muito importante para o trabalho. A residência é o local privilegiado e o lugar fundamental na vida do sujeito da pesquisa.

Em nenhuma das novas vistas ao Cesário Alvim realizamos mais de duas entrevistas, devido ao conteúdo denso do diálogo e do tempo de realização da mesma, que era entre uma hora e uma hora e meia. Em cinco idas ao Cesário Alvim realizamos apenas uma entrevista.

O roteiro para entrevista semi-estruturada foi elaborado tendo em vista os objetivos propostos no trabalho e o referencial teórico. Para sua construção foram realizadas visitas ao campo com a finalidade de observar o bairro e conversar de maneira informal com os moradores. Dessas visitas, coletamos as informações que contribuíram para a feitura do roteiro.

Ele foi dividido em quatro tópicos relacionados aos objetivos do trabalho e dentro desses foram estruturadas questões ou temas que deveriam ser abordados.

1. Dados pessoais
2. Histórico do bairro
3. Lugar
4. Espaço vivido

No primeiro tópico foram tratados os seguintes temas: a idade do participante e a sua origem. Então foi perguntando sobre a residência anterior e o local de nascimento; caso a resposta fosse Juiz de Fora, qual o bairro de residência anterior. Também foi perguntado: “Há quanto tempo mora no Cesário Alvim? Porque mudou para esse bairro?”

No segundo tópico, o objetivo foi traçar um histórico do bairro a partir das vivências dos participantes da pesquisa. Assim foram abordadas questões relacionadas às mudanças que vêm ocorrendo no bairro. “Como o bairro era quando o senhor (a) veio morar aqui? O que mudou? O que melhorou? O que piorou?”

No terceiro tópico foram abordados os sentimentos de **topofilia** e **topofobia** relacionado ao lugar onde vivem os participantes da pesquisa e o valores e significados que eles atribuem ao lugar onde vivem. Foram levantadas as seguintes questões: “O Senhor (a) gosta do Cesário Alvim? Gostaria de mudar para outro bairro? O que Senhor (a) gosta no Cesário Alvim? O que o Senhor (a) não gosta no Cesário Alvim? O que o senhor (a) acha que precisa melhorar no Cesário Alvim?”.

No último tópico as questões sobre as vivências dos moradores em outros locais foram tratadas. Portanto, esse item teve como finalidade abordar o espaço vivido dos sujeitos da pesquisa. Elaboramos as seguintes perguntas: “Qual o local do seu trabalho? Quais os locais de Juiz de Fora costuma frequentar?” Destaca-se que essas questões apenas nortearam as nossas entrevistas e que outros temas surgiram e foram incorporados ao diálogo. Esses temas contribuíram para o desenvolvimento do trabalho. Por exemplo, o aumento do tráfego de entorpecentes no Cesário Alvim não foi tema da entrevista, mas foi abordado pela maioria dos participantes da pesquisa.

As perguntas não foram feitas na ordem em que se encontra o questionário, elas eram introduzidas no transcorrer da conversa, e quando outros temas eram levantados, mesmo que não tivessem sido abordados anteriormente, eram considerados como dados para o trabalho, visto que essas informações nos ajudam a compreender o lugar e a desvelar o mundo vivido dos moradores do Cesário Alvim.

Neste tipo de pesquisa: “é necessário que o entrevistador deixe a conversação transcorrer livremente, não interferindo, mas selecionando apenas as respostas que lhe convier” (ROSA e ARNOLDO, 2008, pg.23).

As entrevistas não foram gravadas por entendermos que esse procedimento inibiria o participante e assim não falaria livremente. Usamos um caderno bem discreto, assim anotávamos apenas as falas literais que chamavam mais a nossa atenção. Enceradas as entrevistas, íamos para outro local mais reservado onde fazíamos anotações sobre ela. Dessa forma, já fazíamos uma primeira análise dos dados em campo quando refletíamos sobre a entrevista que acabara de ocorrer. Essas informações foram fundamentais na análise final dos dados apresentados no próximo capítulo.

As entrevistas se constituíram dos seguintes passos: apresentação, desenvolvimento do diálogo e encerramento. A apresentação ocorre nos casos em que não havia se estabelecido contato prévio entre a pesquisadora e o participante. Nesses casos se fez necessário uma apresentação formal tanto do trabalho como da entrevistadora. Posteriormente, era questionado se a pessoa gostaria de participar do trabalho, tinha disponibilidade de tempo ou

se gostaria que voltássemos em outro momento mais propício. Quando o participante já nos conhecia previamente, informávamos sobre a pesquisa e perguntávamos se ele aceitaria participar dela. Também informávamos que o seu nome não seria revelado no trabalho.

O contato inicial com os participantes foi feito através das visitas informais ao Cesário Alvim e propiciaram um conhecimento prévio de muitos dos sujeitos da pesquisa, o que aumentou a confiança na pesquisadora e contribuiu para o sucesso da entrevista.

Segundo inúmeros pesquisadores renomados, é imprescindível, para que as respostas dos entrevistados sejam reais, que haja acolhimento ou um contato inicial entre entrevistado - entrevistador, fora do contexto da Entrevista, para que ambos adquiram afinidade e confiabilidade” (ROSA e ARNOLDO, 2008, p.40).

No encerramento da entrevista nos agradecemos. Em muitos casos depois ocorriam conversas informais que ajudaram na construção da pesquisa.

Em pesquisa qualitativa é o pesquisador que decide qual será a amostra a ser considerada, quantas entrevistas serão realizadas. Não há, portanto, um número predefinido de participantes da pesquisa, mas uma forma muito utilizada para se definir a quantidade de entrevistas é o ponto de redundância ou ponto de saturação. Como apontado por Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (1998, p.163):

A partir de certo momento, observa-se que as informações já obtidas estão suficientemente confirmadas e que o surgimento de novos dados vai ficando cada vez mais raro, até que se atinge um “ponto de redundância” a partir do qual não mais se justifica a inclusão de novos elementos.

Nesse tipo de trabalho as entrevistas são encerradas quando as respostas começam a se tornarem repetitivas, quando não surge mais nenhuma novidade durante as entrevistas. No nosso trabalho pudemos atingir o ponto de saturação com 11 entrevistas. Nelas começaram as respostas a se tornarem muito próximas e sem o aparecimento de novas questões.

É preciso ressaltar que não se atinge completamente o ponto de saturação, pois enquanto houver morador no local que não participou, sempre haverá algo novo a acrescentar, mas as respostas se tornam próximas e não surgem mais muitas novidades. Além disso, os dados disponíveis já respondiam as questões propostas na pesquisa, podendo encerrar as entrevistas.

Não se assustem os críticos por haver uma arbitrariedade na decisão do pesquisador em interromper a coleta de dados em um momento que ele próprio determina, pois na realidade conta com parâmetros que são: avaliação de que os elementos colhidos darão conta de satisfazer à discussão para atingir os objetivos apontados no projeto (TURATO, 2003, pg.363).

As técnicas usadas durante as atividades em campo nos forneceram um considerável material e a maneira como analisamos esses dados será tema do próximo subcapítulo.

2.3.1 Participantes da pesquisa

Em pesquisa qualitativa os participantes são escolhidos de forma intencional de acordo com os objetivos da pesquisa. Para o nosso trabalho foram escolhidos aqueles que moram há mais tempo no bairro, em primeiro lugar porque a história do bairro é um tópico da nossa pesquisa. Como ressalta Tuan (2013, p.224), conhecer um lugar e desenvolver sentimentos sobre ele leva tempo. Assim sendo esse foi o nosso primeiro critério. Nas palavras do autor:

Mas “sentir” um lugar leva mais tempo: isso se faz de experiências, em sua maior parte fugazes e pouco dramáticas, repetidas dia após dia e através dos anos. É uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais, como a hora do Sol nascer e se pôr, de trabalhar e brincar.

Sentir um lugar, compreender sua dinâmica, seus cheiros e cores, se familiarizar com as ruas e esquinas leva tempo e ocorre devido aos acontecimentos mais triviais. Por isso é necessário o tempo para desenvolvermos os sentimentos mais profundos relacionados ao lugar e esses ocorrem a partir de vivências.

Um segundo ponto importante foi o interesse em participar da pesquisa. Com aquele morador que não se mostrava interessado em participar da pesquisa, nós procuramos não insistir. Outro fator foi a disponibilidade de tempo para o diálogo, pois a entrevista era demorada.

Para a escolha dos sujeitos da pesquisa contamos com o nosso conhecimento prévio do Cesário Alvim, em especial de muitos moradores das Ruas C e D. As conversas anteriores e as visitas da pesquisadora a uma prima residente na Rua C nos ajudaram na escolha dos sujeitos da pesquisa. Esse fato contribuiu para diminuir a resistência do participante devido ao conhecimento prévio.

A permanência em campo foi fator muito importante, pois possibilitou que a pesquisadora pudesse conhecer os moradores do Cesário Alvim. Assim, a atividade em campo foi relevante, pois o contato e a vivência junto aos sujeitos da pesquisa possibilitaram maior confiança na pesquisadora e, portanto, maior abertura no momento da entrevista.

Já nas demais ruas, contamos com a técnica da “bola de neve” quando um participante indica o outro até se conseguir atingir o ponto de redundância da pesquisa. Em outras palavras: “Essa técnica consiste em identificar uns poucos sujeitos e pedir-lhes que indiquem outros, os quais, por sua vez, indicarão outros e assim sucessivamente, até que atinja o ponto de redundância” (ALVES-MAZZOTTI e GEWANDSZNAJDER, 1998, p.163).

Nas demais ruas, no início da pesquisa, nós ainda não conhecíamos nenhum morador. Nas visitas, através de conversas informais buscamos conhecer aqueles que viviam há mais tempo no bairro e pudemos identificar aqueles que poderiam ser os participantes da pesquisa. Posteriormente, um participante foi indicando o outro através da técnica da “bola de neve”, como descrita anteriormente, até chegarmos a todos os sujeitos da pesquisa.

Todas as entrevistas foram utilizadas para construção da nossa análise, pois todos os participantes da pesquisa responderam as questões de forma completa e não se negaram a tratar de nenhum dos itens.

Quando questionados sobre um tema e quando gostaríamos que o participante continuasse dissertando sobre o assunto, reforçávamos com uma frase: “Fale mais sobre isso”, “Como o senhor dizia, ou”como o senhor havia dito anteriormente” ou “Continue falando sobre isso”.

Dos onze sujeitos da pesquisa, 10 foram mulheres porque elas se mostraram mais solícitas para participar da pesquisa. Elas geralmente permanecem mais tempo em casa por isso tinham mais disponibilidade para nos atender. Outro fator importante é que elas vivenciam mais o bairro por ficarem mais tempo em casa e, tendo mais contato com os vizinhos, conhecem melhor os outros moradores.

Todos os sujeitos da pesquisa têm mais de dezoito anos porque para que um menor pudesse participar da pesquisa seria necessário uma autorização específica dos responsáveis. E, além disso, moradores com mais tempo de moradia no Cesário Alvim foi um critério importante para seleção dos participantes. Todos têm mais de cinquenta anos e alguns já vivem há meio século no bairro.

Ressaltamos que para mantermos preservadas as identidades dos sujeitos da pesquisa não revelamos os seus verdadeiros nomes. Assim os nomes aqui mencionados são fictícios e dados de maneira aleatória.

Dessa maneira, o sujeito residente na rua C, de 52 anos, foi chamada de Ana; o residente na Rua D, de 72 anos, de Júlia; a residente da Rua C, de 71 anos, de Carmem; o residente na Rua de Todos os Santos, de 55 anos, de Luiza; o residente na Rua Palmira Pessoa, de 55 anos, de Maria; o residente na Rua Arminda França Mendes, de 82 anos, de

Clara; o sujeito do sexo masculino residente na Rua Cesário Alvim, de João; o residente na Rua Arminda França Mendes, de 81 anos, de Mariana; o residente na Rua Cesário Alvim, de 78 anos, de Cristina; o residente na Cesário Alvim, de 76 anos, de Natália; o residente na Rua Arminda França Mendes, de 71 anos, de Flávia.

Participaram da pesquisa, moradores de seis ruas do bairro Cesário Alvim, sendo que três deles moram na Rua Cesário Alvim. Essa foi a rua que teve mais entrevistados por ser antiga e, portanto, ter moradores que residem ali há muito tempo e ser muito extensa. A Rua de Todos os Santos teve apenas uma participante, as demais, dois participantes.

As ruas C, D e Arminda França Mendes estão mais próximas ao bairro Santa Cândida e estão localizadas na área mais elevada do bairro apresentando a infraestrutura deficitária, sendo que as casas são mais simples. As Ruas Cesário Alvim e Palmira Pessoa estão mais próximas à Avenida Brasil. Essas ruas apresentam melhor infraestrutura e foi onde encontramos as residências com padrão mais elevado. A Rua de Todos os Santos tem pequena extensão, está próxima ao bairro Santos Anjos e apresenta um padrão mais parecido com o das primeiras ruas citadas.

2.4 Compreendendo a fala dos moradores do Cesário Alvim

Construídos os dados, a última parte do trabalho constitui a sua análise. Essa etapa da pesquisa é fundamental para garantir o sucesso do trabalho. Tendo em mãos as entrevistas, as anotações do diário de campo e das análises preliminares construídas em campo, buscamos os significados das falas dos sujeitos da pesquisa.

Nessa etapa, há a busca de uma apreensão profunda de significados nas falas, nos comportamentos, nos sentimentos, nas expressões, interligados ao contexto em que se inserem e delimitados pela abordagem conceitual do entrevistador, trazendo à tona, por intermédio da fala, do relato, uma sistematização baseada na qualidade (ROSA e ARNOLDO, 2208, pg.41).

Nessa fase do trabalho se busca a compreensão da fala dos sujeitos da pesquisa. Através das entrevistas se produziu um significativo material para ser analisado. Buscou-se interpretar a fala dos sujeitos da pesquisa através do referencial teórico adotado no trabalho, tendo como base a Geografia Humanista.

A fala dos sujeitos da pesquisa só pode ser compreendida se contextualizada ao processo sócio-histórico em que estão inseridos os sujeitos. A fala está permeada por ideais que são construídas socialmente. A fala não tem sentido único, por isso, pode ser apreendida através da interpretação, contendo o seu plano material e simbólico.

Através da interpretação da fala dos sujeitos da pesquisa se pode desvelar além daquilo que foi dito no momento da conversa, buscar pelo que está por trás da construção da fala, mas que não aparece de forma explícita; por isso o contexto do sujeito da pesquisa é relevante como a cultura e as relações socioeconômicas.

A interpretação da fala dos sujeitos da pesquisa ajuda a compreender o mundo vivido, buscando o seu significado, revelando os sentimentos, o valor que eles atribuem ao lugar onde vivem.

Em pesquisa qualitativa não há uma forma única para obtenção dos dados, uma forma mecânica. Todavia, isso não quer dizer que não haja rigor científico. Dessa forma, Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (2002) apontam alguns critérios para maximizar a confiabilidade da pesquisa, sugeridos por Lincon e Guba (1985):

- a) credibilidade
- b) transferibilidade
- c) consistência
- d) confirmabilidade

Para atender a primeiro critério, a credibilidade, adotamos como sugerido por Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (2002), a permanência prolongada em campo.

Como já apontamos anteriormente, esse foi um ponto importante na construção do nosso trabalho; a atividade em campo foi de agosto de 2012 a maio de 2013. O local de estudo já faz parte do espaço vivido da pesquisadora e muitos dos moradores já são seus conhecidos. A permanência em campo permitiu apontar questões relevantes para o trabalho e isso possibilitou verificar e corrigir interpretações equivocadas e identificar distorções. Então, acreditamos que a pesquisadora esteve em campo tempo suficiente para atender a esse critério.

A transferibilidade é um dos problemas em pesquisa qualitativa, visto que a generalização dos resultados obtidos em campo é difícil. Entretanto, é preciso ressaltar que a pesquisa qualitativa se baseia em uma lógica em que as interpretações são válidas para determinados contextos. Portanto, é fundamental a “descrição densa” do contexto da pesquisa. Segundo, Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (2002), essa “descrição densa” é um critério de transferibilidade.

De acordo com, Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (2002), sobre a constância, uma maneira de atender a esse critério é o “diário reflexivo”, onde o pesquisador anota as

reflexões, pensamentos, impressões e sentimentos que ocorrem durante a atividade em campo. Nesse caso, usamos o diário de campo e, como já apontamos, esse é semelhante ao “diário reflexivo”.

Para a compreensão dos resultados, a descrição minuciosa dos procedimentos adotados na construção do trabalho é relevante.

O último critério se refere à confirmabilidade. A checagem dos resultados é obtida discutindo com os participantes da pesquisa para constatar se não há nenhuma interpretação equivocada. Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (2002) ressaltam a importância de retornar os dados aos sujeitos da pesquisa “Considerando-se que a abordagem qualitativa procura captar os significados atribuídos aos eventos pelos participantes, torna-se necessário verificar se as interpretações do pesquisador fazem sentido para aqueles que forneceram os dados nos quais essas interpretações se baseiam”.

Não pudemos retornar a interpretação dos resultados a todos os sujeitos da pesquisa por uma questão de tempo. Não dispúnhamos de um lugar para tal. Todavia, em conversas informais com os participantes, pudemos levantar pontos que nos suscitavam dúvidas, para confrontar a nossa interpretação e constatar se estava correta. Acreditamos que dessa forma atendemos a esse último critério.

Os caminhos da nossa pesquisa tiveram início em visitas ao Cesário Alvim e termina retornando ao bairro através da compreensão dos significados que os sujeitos participantes da pesquisa atribuem ao lugar onde vivem.

III - AS VIVÊNCIAS COM O LUGAR DOS MORADORES DO CESÁRIO ALVIM

Nosso objetivo principal nesse capítulo é analisar o discurso dos sujeitos da pesquisa. Inicialmente abordamos o conceito lugar a partir de dois autores, Milton Santos e Yi-Fu Tuan. Essa discussão teórica será necessária para embasar a análise da fala dos participantes da pesquisa.

Assim, pretendemos reconstruir a história do Cesário Alvim a partir da narrativa dos sujeitos da pesquisa para, posteriormente, desvelar o lugar dos sujeitos da pesquisa a partir de suas falas, de como expressam os sentimentos pelo lugar.

3.1 Análise do lugar a partir de Milton Santos e Yi-Fu Tuan

O bairro Cesário Alvim é experimentado por seus moradores, ele é o foco do nosso trabalho como foi exposto anteriormente. Na busca pela compreensão do bairro a partir das vivências dos seus moradores, o conceito de lugar será uma referência importante. Portanto, lugar é um conceito chave nesse trabalho. O conceito é uma representação, é a forma como organizamos os conhecimentos e ele nos ajuda a compreender o mundo. Um dos conceitos fundamentais da Geografia é o lugar. “O conceito vem basicamente de nossa relação lógico-intelectiva com o mundo. Num ato de racionalização dos dados sensíveis” (MOREIRA 2010; pg. 108).

Autores da Geografia Humanista, em especial, Yi-Fu Tuan e Edward Relph têm desenvolvido uma teoria sobre o lugar. Mas, antes de discutirmos o conceito em questão, se faz necessário tecer breves considerações sobre a Geografia Humanista e sua principal influência filosófica, a fenomenologia.

A Geografia Humanista procura compreender o mundo humano através das idéias e os sentimentos que os indivíduos e a coletividade têm a respeito do lugar. Ela surgiu no mesmo momento em que a Geografia Crítica, na década de 70 do século passado. Esse movimento nasce num contexto de renovação da Ciência Geográfica. Concordamos com Mazetto que, apesar de terem influências filosóficas distintas, hoje as duas correntes de pensamento se aproximam:

Na verdade, a Geografia Humanística hoje se aproxima da Crítica após esta abandonar alguns princípios marxistas radicais que vinculavam a produção do espaço apenas ao processo econômico, sem valorizar os aspectos culturais da sociedade. Ambas partilham da independência em relação ao *status quo* vigente e não defendem a neutralidade científica, contrapondo-se ao neopositivismo. (MAZETTO, 2007, p.6)

As duas correntes nascem num contexto de mudanças na Geografia. No início, seguem caminhos muito diferentes, mas quando abandonam princípios radicais acabam se aproximando. Elas podem dialogar porque têm alguns princípios em comum como o de não defenderem a neutralidade científica.

Segundo Tuan (1976, p.2), para compreendermos a Geografia Humanista é preciso colocá-la num contexto mais amplo que é o Humanismo. O Humanismo tem origem no final da Idade Média, no Renascimento, quando o homem passa a ser o objeto central do conhecimento. Esse movimento critica a visão reducionista de Homem que passa a ser entendido como um todo em seus múltiplos aspectos: filosófico, artístico, psicológico, de racionalidade, subjetividade, etc.

A Geografia Humanista, como o Humanismo, entende o homem no seu todo. O foco da Geografia Humanista é a experiência humana de habitar e os significados e valores nela envolvidos. “A Geografia Humanística procura um entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico, bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar” (TUAN, 1976, p.1).

A corrente humanista não é homogênea, pois abarca várias orientações epistemológicas. No entanto, a fenomenologia vem sendo apontada, por muitos, como a matriz de pensamento mais influente do movimento humanista. Aqui não caberia uma discussão sobre os fundamentos fenomenológicos; destacaremos apenas alguns pontos no que se refere a sua eminente contribuição com a Geografia Humanista. Essa já foi apresentada anteriormente, destacando a sua influência para a construção da metodologia do nosso trabalho.

A fenomenologia ajuda a compreender as experiências a partir dos significados atribuídos a elas, assim “(...) a fenomenologia poderia ser definida como um modo filosófico de reflexão a respeito da experiência consciente e uma tentativa para explicar isso em termos de significado e significância.” (BUTTIMER, 1976, p.170). A fenomenologia contribui com a Geografia Humanista porque ajuda a desvendar o mundo vivido pleno de significados, pois rompe a barreira entre ciência e mundo vivido. “No bojo desse contexto, a Geografia Humanística, a partir dos preceitos fenomenológicos, critica o obstáculo entre o mundo da

ciência e o mundo vivido pleno de geografias existenciais e coletivas ou intermúndio” (MELLO, 2005, p.3)

A Geografia Humanista e a fenomenologia serão uma referência importante no nosso trabalho, visto que ambas ajudam a compreender o mundo vivido. Dessa forma, elegemos o conceito de lugar para a compreensão das vivências e dos sentimentos que os moradores do Cesário Alvim atribuem ao local onde vivem. Um dos autores-chaves nessa análise, Yi-Fu Tuan, é um dos representantes mais eminentes dessa corrente de pensamento e sua abordagem foi influenciada pela fenomenologia.

Este conceito será um instrumento importante na nossa análise, visto que lugar é o espaço que conhecemos e, por isso, lhe atribuímos significados, assim como lhe direcionamos nossos afetos, sejam eles positivos ou negativos. O lugar é o nosso foco porque lhe atribuímos significados e essa é uma questão importante no nosso estudo, assim como a subjetividade e os sentimentos relacionados à área de estudo. Portanto, este é o conceito que permite trabalhar estas questões.

O bairro e principalmente a nossa rua são locais que conhecemos e que vivenciamos diariamente, por isso são lugares que fazem parte de nossa história. A ele (o lugar) atribuímos valores e direcionamos nossas atitudes, sendo que “as rotas, a casa, o bairro, bem como os seus componentes mais diversos, como as pedras do caminho, integram a expressão e alma dos lugares” (MELLO, 2012, p. 40).

O lugar é esse espaço conhecido nosso, próximo, no qual se desenrola nosso cotidiano com os diversos caminhos que percorremos. O bairro e, principalmente, a rua são lugares centrais na nossa existência porque nós os habitamos e é neles que se desenvolvem muitas de nossas experiências de convivência, de solidariedade; encontramos o nosso próximo e estabelecemos laços, isso é uma assertiva para os bairros periféricos. Tuan contribuiu para o nosso entendimento de lugar na medida em que ressalta o significado que atribuímos a esse, já que ele é colorido pelos sentimentos e pelas vivências.

Para Tuan (2013), com o tempo, o espaço se torna lugar, isso ocorre na medida em que esse vai sendo conhecido e ganhando significado. Por isso, permanência é um elemento importante na ideia de lugar. Portanto, os sentimentos simples, com o tempo, podem se transformar em um sentimento profundo pelo lugar.

Com o tempo, o lugar vai adquirindo significado devido aos acontecimentos simples do cotidiano. Então, pequenos detalhes remetem a fatos marcantes do passado, como uma cadeira, que pode lembrar um ente querido que já se foi. “O lugar pode adquirir profundo significado para o adulto mediante o contínuo acréscimo de sentimento ao longo dos anos.

Cada peça dos móveis herdados, ou mesmo uma mancha na parede, conta uma história” (TUAN, 2013, p.47). Contudo, para que um lugar seja importante para alguém não é necessário nenhum acontecimento arrebatador.

O sentimento para com o lugar tem a ver com a permanência e a intensidade da experiência. Devido a acontecimentos repentinos, o lugar passa a ter outro valor, isto é, a ser colorido de outra forma. O lugar não é estático, pois muda o tempo todo, assim como os sentimentos relacionados a ele.

O lugar é um objeto, pois tem valor, mas não pode ser facilmente manejado. “O lugar é uma classe especial de objeto. É uma concreção de valor, embora não seja uma coisa valiosa, que possa ser facilmente manipulada ou levada de um lado para o outro; é um objeto no qual se pode morar” (TUAN, 2013, p.22). Então, o lugar tem valor para aquele que o vivencia, mas não valor monetário, mas é valioso porque tem importância para aqueles que têm afeto por ele.

Há uma categoria especial de lugares que são os lugares íntimos. “Os lugares íntimos são lugares onde encontramos carinho, onde nossas necessidades fundamentais são consideradas e merecem atenção sem espalhafato” (TUAN, 2013, p.168). Esses lugares são pausa no movimento, onde nos recuperamos, onde as nossas necessidades são atendidas e encontramos abrigo e proteção.

É preciso ressaltar que, sob o prisma das filosofias da existência, mesmo com as mudanças técnicas, o lugar é o fundamento espacial da existência. “(...) então é nesta situação atual, nesta possibilidade, que o lugar deve ser entendido: no centro do mundo circundante da cotidianidade, enquanto fundamento espacial da existência” (MARANDOLA JUNIOR, 2012, p. 244).

Vale dizer que o conceito aqui analisado tem sido questionado, pois com os avanços nos meios de transporte e de comunicação, aumentou muito a circulação de pessoas e principalmente de informações. Sob o prisma da economia, a relevância do lugar também foi questionada, pois na atualidade o modo de produção capitalista caminha para uma economia cada vez mais internacional. Com o aumento dos fluxos, sobretudo, de mercadorias e capital, acirraram-se as discussões sobre o lugar e foram levantadas questões como: nessa economia global ainda faz sentido falar de lugar? Santos (2008) responde que o papel do lugar foi reforçado e é cada dia mais importante, pois esse garante a existência da mais valia global. A reprodução do capital ocorre no lugar e os atores hegemônicos ainda dependem dos seus atributos.

Para a discussão do conceito em questão, primamos também pela obra de Santos (2006 e 2008b). Em suas obras selecionadas, o lugar é compreendido nas suas relações com o espaço globalizado do meio técnico-científico-informacional. Essa abordagem poderá contribuir com a nossa análise, já que o Cesário Alvim não está isolado, ele está inserido numa cidade e, de forma mais ampla, é influenciado por um contexto global. O que pretendemos desenvolver é uma análise que não se furta da subjetividade sem perder de vista a materialidade.

No lugar, atuam ordens que são dadas em locais distantes, essas ordens são dadas pelos atores hegemônicos, elas chegam como exógenas e alheias ao lugar. São ordens que visam uniformizar e têm como princípio a técnica, a racionalidade matemática e tem como objetivo a reprodução do capital. Essas ordens são dadas por aqueles que não vivenciam o lugar diretamente, apenas o concebem de fora. Essa ordem técnica se contrapõe à ordem local que se baseia na vizinhança.

A ordem global funda as escalas superiores ou externas à escala do cotidiano. Seus parâmetros são a razão técnica e operacional, o cálculo de função, a linguagem matemática. A ordem local funda a escala do cotidiano e seus parâmetros são co-presença, a vizinhança, a intimidade, a emoção, a cooperação e a socialização com base na contiguidade (SANTOS: 2008, p 161).

Milton Santos concebe o lugar como uma totalidade que expressa o mundo de forma única. É, portanto, uma manifestação do global, com as contradições do modo de produção vigente. Entretanto, é uma forma particular, diferente dos outros lugares. Assim, “Os lugares são, pois, o mundo, que eles reproduzem de modos específicos, individuais, diversos. Eles são singulares, mas também globais; manifestações da totalidade-mundo, da qual são formas particulares.” (SANTOS, 2006, p. 112).

Como uma totalidade, uma manifestação do mundo, no lugar está presente a racionalidade do poder hegemônico. Todavia, é no lugar que se manifestam as contra racionalidades. Nele está presente a ordem distante, mas ao mesmo tempo se contrapõe a essa devido aos valores e racionalidades próprias do lugar. “Mas a conformidade com a razão hegemônica é limitada, enquanto a produção plural de “irracionalidades” é ilimitada. É somente a partir de tais irracionalidades que é possível a ampliação de consciência” (SANTOS, 2006, p. 115).

Quando o mundo muda, o lugar também se transforma, pois é no lugar que a ordem distante se realiza e é nele e através dele que percebemos o mundo. “Muda o mundo e, ao

mesmo tempo, mudam os lugares. Os eventos operam essa ligação entre os lugares e uma história em movimento. O lugar, aliás, define-se como funcionalização do mundo e é por ele (lugar) que o mundo é percebido empiricamente” (SANTOS, 2008b, p.158).

O lugar revela o mundo, pois é através dele que se manifesta a perversidade da globalização comandada por uns poucos poderosos; no lugar as contradições se revelam. Por isso, ele é consciência de mundo. “Hoje, certamente mais importante que a consciência do lugar é consciência do mundo, obtida através do lugar” (SANTOS, 2008b, p 161).

É através do lugar que desvendamos o mundo. Nele as contradições aparecem, pois essas se materializam ali; é nele que as injustiças do sistema sócio econômico se tornam visíveis. Dessa forma, o “lugar, nosso próximo, restitui-nos o mundo: se este pode se esconder pela sua essência, não pode fazê-lo pela sua existência” (SANTOS, 2008b, p. 163).

Nesse aspecto, bairros periféricos, como o Cesário Alvim, garantem a reprodução da mão-de-obra para o capital. Além disso, através de sua infraestrutura deficitária, a cidade se mostra desigual e assim revela as contradições do sistema vigente. Mas também é vivido e apreendido pelos moradores.

O lugar é revelador sobre o mundo porque é vivido e, por isso, cheio de valores e de significados.

Ele não é apenas um quadro de vida, mas um espaço vivido, isto é, de experiência sempre renovada, o que permite, ao mesmo tempo, a reavaliação das heranças e a indagação sobre o presente e o futuro. A existência naquele espaço exerce um papel revelador sobre o mundo (SANTOS, 2006, p.114).

Na Geografia Humanista, o lugar também é o nosso próximo que nos restitui o mundo. É através desse que conhecemos o mundo, mas nele estão presentes nossos sentimentos, é a ele que dirigimos nossas afeições, é nele que temos vivido. Assim, “Conhecemos o mundo pré-conscientemente através e a partir dos lugares nos quais vivemos e temos vivido, são os lugares que chamam nossas afeições e obrigações” (RELPH, 1979, p.16).

Na análise de Santos, o lugar é um híbrido de ordem local e global, por isso ele é revelador do mundo. Para Tuan, o lugar é revelador das vivências e das experiências, é rico em sentimentos, cantigas, poesia, subjetividade; assim é pleno de significados.

Para Tuan e Santos a escala não define o lugar. Dessa forma, uma casa ou até mesmo um quarto podem se tornar um lugar e, por outro lado, um país também pode ser um lugar. Para Tuan, o que define o lugar são as vivências que lhe dão significado e para Santos o lugar se refere ao espaço do cotidiano formado pela contiguidade. Portanto, para os dois autores as vivências são fundamentais para a constituição do lugar. “O lugar existe em escalas

diferentes. Em um extremo, uma poltrona preferida é um lugar; em outro extremo, toda a Terra” (TUAN: 2013, p. 183).

Optamos por autores com definição de lugar distinta porque buscamos um entendimento de lugar nas suas múltiplas relações, compreendendo o lugar na sua dialética com o global e como parte do espaço vivido cheio de significados. Para isso, procuramos dialogar com as duas abordagens.

Devido ao que foi dito anteriormente, concordamos com Chaveiro (2012, p. 275) ao afirmar que “Contra o monolitismo e o ecletismo, as reflexões advogam por uma visão plural. (...) por meio de um diálogo com diferentes campos do saber, interseccionam uma filosofia da existência com o paradigma da totalidade social e histórica”.

Para a construção do trabalho, abordaremos o lugar nos seus dois entendimentos que não se contradizem, mas se complementam. Essas duas abordagens contribuem para a compreensão do lugar com múltiplos significados que, ao mesmo tempo em que é a concretização das contradições do sistema socioeconômico, é o espaço da reprodução da vida. Lugar que é pleno de significados, vivido, experimentado, construído no cotidiano. O lugar é rico de vivências, é nele que experimentamos o estar no mundo e estar com o outro, nele se desenrola a vida e, por isso, construímos valores e significados sobre o mesmo. Dessa forma, numa análise sobre o lugar não poderíamos deixar de fora a subjetividade, o valor simbólico, as riquezas das experiências de estar no lugar. Vale ressaltar que percepção, atitude e valor estão entre as palavras chaves do trabalho. Aqui está uma definição para as duas primeiras:

Percepção é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados. Muito do que percebemos tem valor para nós. (...) Atitude é primeiramente uma postura cultural, uma posição que se toma frente ao mundo (TUAN, 1980, p. 4).

Topofilia e topofobia se referem aos sentimentos direcionados ao lugar. Topofilia quer dizer amor pelo lugar e está relacionado com tudo o que traz uma sensação agradável. Já topofobia é a aversão pelo lugar, diz respeito a tudo que remete emoção desagradável.

Topofilia está relacionada aos sentimentos de afeto do homem para com o meio ambiente. “A palavra “topofilia” é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão” (TUAN: 1980, p. 107). Portanto, topofilia e topofobia são opostos sob muitos aspectos. “Os componentes de topofilia, ambientes de atração persistentes, o prazer ganho nos encontros diretos com a

natureza ou o conhecimento do mundo através de boa saúde e familiaridade, tudo tem um equivalente topofóbico” (RELPH, 1979, p. 20). Topofilia é vivenciada e está relacionada com as experiências. “Topofilia é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vivido e concreto como experiência pessoal” (TUAN, 1980, p.5).

Os conceitos de lugar, topofilia e topofobia contribuiriam para construção da análise da fala dos sujeitos da pesquisa. As vivências expressas através do discurso dos participantes da pesquisa estão relacionadas ao lugar onde vivem. Assim, na nossa pesquisa procuramos desvelar como o Cesário Alvim é vivido e apreendido por seus moradores, colorido por emoções. Mas, também tentamos compreender o Cesário Alvim, como bairro periférico de Juiz de Fora, cuja materialidade expressa as contradições do sistema socioeconômico.

3.2 Desvelando a história do lugar: a partir dos sujeitos da pesquisa

O primeiro tópico do nosso roteiro para entrevista semiestruturada foi sobre a identificação dos sujeitos da pesquisa e teve como finalidade conhecer um pouco da história de vida dos participantes da pesquisa. O segundo tópico do roteiro foi sobre a história de construção do Cesário Alvim. Assim, tentamos resgatar o passado do Cesário Alvim a partir das lembranças dos sujeitos da pesquisa. Eles vivenciaram muitas transformações no bairro e são partes desse processo de mudanças que vêm ocorrendo no lugar onde moram.

Esse item tem como finalidade desvelar um pouco da história do bairro analisado a partir do discurso dos sujeitos da pesquisa. Mas começaremos por discorrer sobre os sujeitos da pesquisa, apresentando suas trajetórias de vida até o momento da mudança para o Cesário Alvim. Isso é importante porque contribui para uma melhor compreensão da fala dos participantes da pesquisa.

É preciso ressaltar que em Juiz de Fora não há uma delimitação precisa dos bairros, como discutimos no capítulo dois, pois mesmo entre os órgãos governamentais, como a Prefeitura, não há consenso sobre a demarcação dos limites entre os bairros. Assim, as diversas Secretarias têm divisões distintas da cidade. No que se refere ao Cesário Alvim isso é ainda mais acentuado, por ser um bairro pequeno, localizado entre muitos outros bairros. Ele está entre duas zonas urbanas distintas, que são o Centro e a Zona Leste.

A maior parte dos sujeitos da pesquisa diz que mora em outro bairro e não no Cesário Alvim. Os três participantes residentes nas ruas C e D, dizem que vivem no bairro Cesário Alvim. Mas uma informante nos contou que na sua casa chega correspondência com endereço do bairro Santos Anjos. O participante que mora na Rua de Todos os Santos disse que sua rua

faz parte do bairro Santos Anjos. Dessa forma, Maria que mora na Rua Palmeira Pessoa, disse que essa rua está no bairro Santos Anjos, mas ressalta: “acho isso um erro porque aqui não tem nada a ver com o Santos Anjos, está mais próximo do Cesário Alvim; aqui deveria ser Cesário Alvim”. Contudo, quando fornece o seu endereço, coloca Santos Anjos. Assim também Flávia e Mariana consideram a Rua Arminda França Mendes como parte do bairro Santos Anjos.

João reside no início da Rua Cesário Alvim e considera o bairro como sendo o Centro. Sua casa está no início da rua, próxima a Avenida Sete de Setembro. Já Natália, que mora na mesma rua, também considera que a sua residência está localizada no Centro. Nas suas palavras: “muitas pessoas acham que aqui é bairro Cesário Alvim, mas eles confundem. Aqui é a Rua Cesário Alvim e o bairro é Centro; eles acham que é Cesário Alvim, porque aqui é passagem para o bairro Cesário Alvim”. Cristina diz que mora no bairro São Bernardo, mas: “deveria ser centro, aqui não tem nada a ver com São Bernardo, está mais perto do Centro”. Ressalta-se que a proximidade do limite com um bairro ou área mais valorizada econômica e socialmente, sem dúvida, influencia para que os moradores se considerem integrantes dela.

Consideramos bairro Cesário Alvim, como destacado anteriormente, a divisão feita pela Secretaria de Assistência Social. A confusão presente no discurso dos sujeitos da pesquisa relacionada ao bairro em que residem reflete, em primeiro lugar, a falta de uma única delimitação de bairro e também a questão aventada há pouco de o morador “valorizar” seu lugar no contexto urbano.

Há na fala dos sujeitos um ponto que precisa ser ressaltado: refere-se à questão de valorização de um bairro em detrimento de outro. Assim, dizer que mora no Centro, em uma área mais valorizada que o Cesário Alvim, confere mais prestígio. Já o bairro Cesário Alvim é relacionado com as ruas onde estão localizadas as casas mais humildes. O Santos Anjos é um bairro valorizado, de classe média. Nele está localizado o Hospital João Felício e um colégio tradicional da cidade, a saber, o Colégio Santos Anjos. Portanto, é um bairro mais conhecido e onde as residências são mais caras.

Percebemos que os sujeitos da pesquisa relutavam em se identificar como moradores do Cesário Alvim. Há um preconceito em relação a esse bairro e seus moradores. Os sujeitos da pesquisa identificam como ruas do referido bairro, apenas as ruas C e D, ou seja, aquelas ruas que estão na parte mais elevada da encosta composto por residências mais modestas.

Depois do que foi dito, percebemos que não há uma identificação dos moradores com o bairro Cesário Alvim, o que dificulta a formação de uma possível liderança que pudesse reivindicar mudanças para beneficiar aos moradores. Não há uma idéia de pertencimento ao

bairro, como veremos quando tratarmos da história do bairro. Na sua construção, houve muitas diferenças entre as diversas ruas.

No que se refere aos sujeitos da pesquisa, para identificarmos melhor, faremos uma breve descrição das suas trajetórias de vida relacionada ao Cesário Alvim. Isso é importante para conhecermos o seu contexto, o que vai ajudar na compreensão de suas falas.

O primeiro sujeito da pesquisa foi a Ana. Ela reside há aproximadamente 18 anos na Rua D, sendo uma das primeiras moradoras dessa rua. Já residiu em outros bairros de Juiz de Fora, como o São Mateus, antes do atual: “um amigo informou sobre esse terreno, construímos e viemos para cá”. Ela passou sua infância no Estado de São Paulo, mas veio para Minas Gerais ainda muito jovem. Apesar de ter 70 anos, ainda faz faxina para completar a sua renda e a do marido. Na laje da sua casa, ela construiu outra moradia para alugar, mas sua casa ainda precisa de acabamento e sempre que pode está realizando melhorias nela.

A Carmem veio para rua a C há aproximadamente 12 anos. Também foi uma das primeiras moradoras. Anteriormente, residia numa casa de aluguel na Rua São José, no Vitorino Braga, bairro localizado também na Zona Leste de Juiz de Fora e próximo ao Cesário Alvim. Nasceu em Juiz de Fora e antes de se casar morava no bairro São Sebastião.

A outra participante da pesquisa, Júlia, reside na rua C há aproximadamente 14 anos. Hoje é aposentada e anteriormente morava nos fundos da casa de uma tia: “A casa era muito ruim, não tinha janela, só porta, dava muito mofo. Quando morava lá tive duas pneumonias”. Então, seu marido e a sua tia compraram o lote na Rua C.

Luiza, a participante da pesquisa residente na Rua de Todos de Santos, mora há 50 anos no local. Foi para lá juntamente com seus pais e doze irmãos quando ainda era criança. Sua casa foi a primeira da rua e ela conhece todos os vizinhos, principalmente os moradores mais antigos do bairro.

Maria, residente na Rua Palmira Pessoa, quando criança morou na Rua Cesário Alvim. Posteriormente, seus pais construíram uma casa na rua onde reside atualmente e lá ela passou a adolescência, mas quando se casou mudou para o bairro São Mateus. Depois voltou para o bairro Cesário Alvim a fim de cuidar da mãe que estava doente. A mãe faleceu e atualmente ela mora no apartamento em que os pais moravam. Seu pai construiu um prédio e deu um apartamento para cada filho. Ela é a única participante da pesquisa que tem curso superior; é psicóloga e trabalhou em escola até se aposentar. Sua residência foi uma das primeiras construções da rua. “Quando viemos para cá só havia uma casa branca em frente”. Ver no anexo 2 o mapa com a delimitação das ruas do bairro Cesário Alvim.

Clara nasceu em Aracitaba, município da Mesorregião da Zona da Mata Mineira. Sua mãe faleceu quando ela ainda era criança, então veio para Juiz de Fora com o pai e os irmãos. Morava no bairro Bandeirantes. Já vive há 51 anos na Rua Arminda França Mendes.

João nasceu em Sarandira, distrito de Juiz de Fora. Mora há 63 anos na mesma residência na Rua Cesário Alvim, mas já morou em outra casa na Avenida Sete de Setembro, onde tem uma pequena mercearia que atualmente é administrada por uma filha. Quando veio para o Cesário Alvim, trabalhava numa fábrica localizada onde atualmente é o Espaço Mascarenhas. Essa área da cidade teve início como um local onde moravam os operários das fábricas de tecido localizadas no centro. Contudo, João trabalhou por pouco tempo na fábrica e abriu um bar próximo a sua residência.

Mariana mora há 30 anos na Rua Arminda França Mendes. Em Juiz de Fora já morou nos bairros São Bernardo e Fábrica (Zona Norte), mas nasceu no município de Aracitaba (próximo a Juiz de Fora) onde passou a sua infância e adolescência.

Cristina já mora há 61 anos na rua Cesário Alvim, desde que se casou. Em sua casa atual mora há 58 anos. Teve dez filhos e hoje, do lado da sua casa, há sete residências onde moram seus filhos. Ela nasceu na Vila Marianinha onde hoje é o Jardim do Sol, bairro da zona Leste de Juiz de Fora, próximo ao Cesário Alvim. Quando estudava, Cristina passava pela Rua Cesário Alvim para ir para a escola.

Natália mora há 20 anos na Rua Cesário Alvim, contudo ela também nasceu na Vila Marianinho e foi colega da Cristina quando eram crianças. Quando casou foi morar com o marido no bairro Grajaú. 40 anos depois compraram uma casa na Rua Cesário Alvim.

Flávia já morou na Rua Espírito Santo, depois na Rua Cesário Alvim e finalmente pôde construir uma casa na Rua Arminda França Mendes, onde mora há 43 anos.

Assim, podemos constatar que todos os sujeitos da pesquisa moram há pelo menos 12 anos no bairro Cesário Alvim. Os moradores que estão lá há menos tempo vivem nas áreas que foram construídas num período mais recente. Todavia, o Cesário Alvim já fazia parte do espaço vivido de duas das participantes da pesquisa residentes das ruas C e D, a saber, Julia e Carmem, pois elas viviam em bairros próximos, localizados na zona Leste de Juiz de Fora.

Para Tuan, a permanência é importante na idéia de lugar porque para sentir um lugar e desenvolver sentimentos relacionados ao mesmo leva tempo, por isso “a familiaridade é uma característica do passado” (2013, p.171). Os sujeitos da pesquisa vivem há bastante tempo no Cesário Alvim. Assim, o bairro e especialmente a rua em que se mora é familiar, faz parte da sua história de vida.

“A consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar” (TUAN,1980, p.114). O significado que os sujeitos da pesquisa dão ao lugar onde vivem vem do tempo de permanência no lugar, vem também das mudanças que ocorrem e estão ocorrendo no bairro.

É através da memória que os acontecimentos que foram vividos há décadas são trazidos à tona novamente e são revelados através da fala dos sujeitos da pesquisa. “Eis aqui um paradoxo aparente: o pensamento cria distância e destrói a proximidade da experiência direta; é, no entanto, por meio do pensamento reflexivo que os momentos fugidios do passado são trazidos para perto de nós na realidade presente e ganham permanência” TUAN (2013, p.181). A trajetória do Cesário Alvim ganha permanência através dos relatos.

Como a história do bairro teve vários períodos, sua construção teve início nos locais planos, mais próximos ao rio Paraibuna. A rua construída há mais tempo foi a Rua Cesário Alvim, uma via larga e local de passagem tanto para o bairro Cesário Alvim, como para outros bairros próximos. Portanto, no bairro Cesário Alvim, essa é a rua com maior fluxo de pedestre e de veículos. Nela há um trânsito intenso de veículos pesados como caminhão e principalmente de ônibus. Começaremos a nossa análise por essa rua que, por ser a mais antiga, foi a partir dela que teve início a construção das demais ruas do bairro. Na Figura 9 da Rua Cesário Alvim na década de 1960 é possível observar do alto da encosta o centro da cidade, já com inúmeros edifícios construídos.

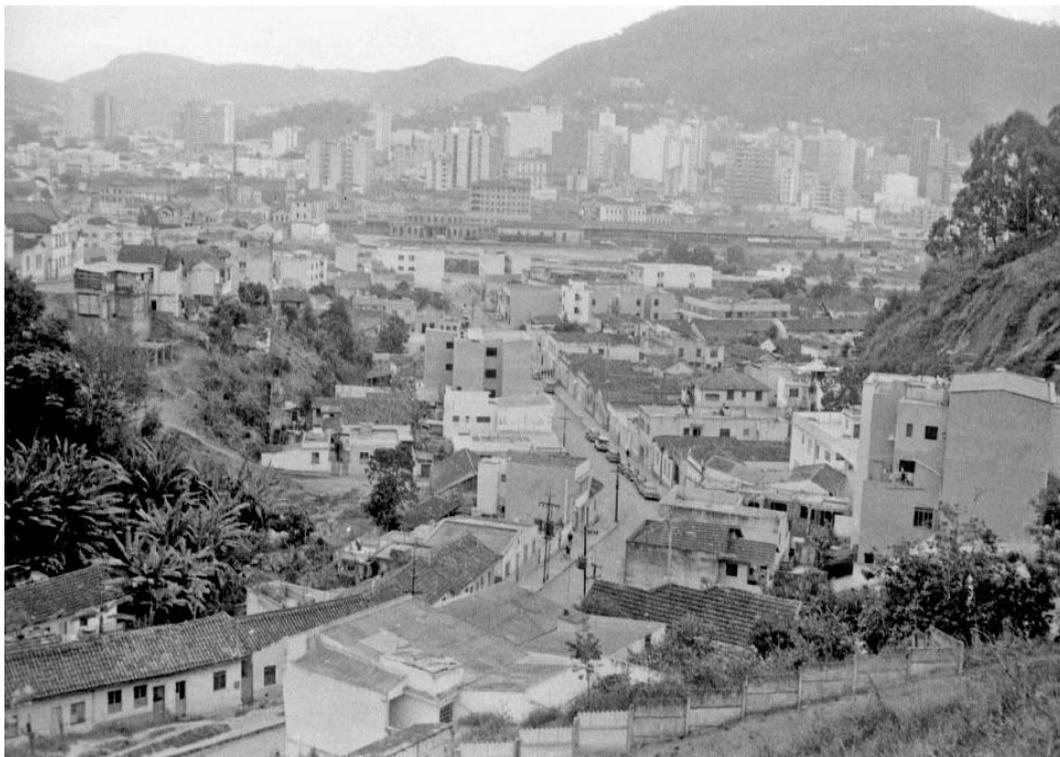


Figura 9

Rua Cesário Alvim na década de 1960

Fonte: Foto da internet enviada por uma participante da pesquisa

Segundo João, quando veio morar na Cesário Alvim, o lugar era muito movimentado, pois havia um clube de dança no início da rua: “Nos fins de semana, o clube ficava cheio”. Próximo à Avenida Sete de Setembro, também havia dois campos de futebol: “Depois do jogo o meu bar ficava cheio, aqui era muito animado. João ainda relata sentir saudades daquele tempo. A zona Leste de Juiz Fora é densamente povoada, sua ocupação começou a se intensificar desde meados do século XX.

Ainda, segundo João, na década de 1950 havia duas fábricas de calçados localizadas na Rua Cesário Alvim. O bonde circulou até que o transporte urbano passou a ser feito por ônibus. “O bonde vinha do Vitorino Braga e ia até a Rua Espírito Santo, no centro”.

Hoje, como dissemos anteriormente, a Rua Cesário Alvim tem função predominantemente residencial. Não há mais fábrica, nem casa noturna, embora permaneçam algumas casas comerciais e oficinas de automóveis, pois a área que recebe o maior volume de investimentos em Juiz de Fora, como analisamos na Capítulo 1, é a zona Oeste. A zona Leste vem sendo desprestigiada, tanto pelo poder público, quanto pelo capital privado. Os investimentos têm sido direcionados a outras áreas da cidade. Assim, concordados com Santos (2008, p.28): “A localização dos homens, das atividades e das coisas no espaço

explica-se tanto pelas necessidades “externas”, aquelas do modo de produção “puro”, quanto pelas necessidades “internas”, representadas essencialmente pela estrutura das classes, isto é, a formação social propriamente dita”.

Dessa forma, os objetos estão localizados no espaço de acordo com os interesses das classes dominantes. Assim, o Cesário Alvim como bairro periférico, é reflexo dessa dinâmica do capital que privilegia uma área em detrimento de outra.

A infraestrutura da rua Cesário Alvim era deficitária, pois já havia calçamento, asfalto, eletricidade e iluminação pública no centro, mas a rua era de terra. “Não havia asfalto, a rua era de terra vermelha, depois calçaram e depois veio o asfalto” (Natália). De acordo com João, a rua foi asfaltada quando “tiraram o bonde, aí o asfalto veio”. Nenhum dos participantes da pesquisa sabe a data em que a rua foi asfaltada.

Juiz de Fora tinha uma infraestrutura deficitária. “A partir dos anos de 1950, Juiz de Fora enfrentou sérias deficiências de infraestrutura (energia, transporte, telefonia, abastecimento de água e saneamento)” (CHAVES, 2013, p.41). Portanto, a Rua Cesário Alvim, não era uma exceção, mas a regra. Eram poucos os bairros que tinham todos os equipamentos urbanos e, de maneira geral, a população vivia em condições precárias. Dessa forma, também não havia distribuição de água tratada nas casas. Segundo seu João, as moradias contavam com água encanada nas torneiras, mas “a água da torneira era suja e vinha lá do Linhares (Zona Leste), mas havia quatro minas na rua”. Então, para beber e cozinhar, era preciso ir até uma dessas minas em busca de água “limpa”.

As maiores mudanças estão relacionadas às construções que havia na rua que eram, sobretudo, sobrados e casas onde havia quintal; algumas eram cortiços, como pudemos observar na Figura 9. Esse fato foi lembrado pelos sujeitos da nossa pesquisa. “Antes só tinha casa, não tinha prédio na rua como tem hoje” (Natália). Nesse sentido, segundo João, “na Cesário Alvim tinha muita casa velha e as casas velhas foram substituídas por prédios”.

Muitas residências antigas foram substituídas por novas ou até mesmo por pequenos prédios, como o condomínio vertical, com vários blocos de apartamentos. De acordo com Cristina, “o prédio, aqui atrás eram casinhas que a chuva derrubou”. Na parte de trás do prédio era um terreno úmido que acabou desabando, colocando em risco dois blocos de apartamentos. Então, segundo um informante, os moradores tiveram que construir o muro de arrimo que custou R\$ 1.000.000. Esse valor foi dividido entre os proprietários dos imóveis. Podemos observá-lo na Figura 10 a seguir.



Figura 10
Condomínio na rua Cesário Alvim.
Foto: Tânia de Oliveira Amaral, 2014.

Como a Rua Cesário Alvim está no fundo do vale, eram comuns inundações no período chuvoso. O alagamento da rua é preocupação dos sujeitos da pesquisa, assim, Cristina relata: “quando chovia eu não podia sair de casa”. O que diminuiu a acumulação de água na rua foi a construção de uma galeria de água pluvial, feita pelo poder público municipal. Dessa maneira, a água pluvial segue direto para o Rio Paraíba. No entanto, o problema ainda não foi totalmente resolvido. Segundo Cristina: “a galeria ajuda a diminuir a inundação, mas vem muita água lá de cima, a água quase entra dentro de casa, dá medo da água, ela vem com muita velocidade”. Como a encosta foi ocupada devido ao crescimento do bairro, esses locais foram impermeabilizados, não tem mais terra, mas casa e asfalto, assim o volume de água que desce da parte alta do bairro é grande.

O tempo vai imprimindo marcas no lugar. Nesse período analisado, a Cesário Alvim passou por muitas transformações, tanto na infraestrutura que foi melhorando, como nas habitações que foram modificadas. Ainda há algumas casas antigas no bairro, mas a maior parte são residências construídas num período recente, outras moradias uni-familiares se tornaram prédios. Com relação à função do lugar também mudou; onde havia fábricas hoje é uma rua residencial.

A construção da Rua de Todos os Santos foi um pouco mais recente que a Cesário Alvim. Quando Luiza ainda criança foi morar lá, o imóvel construído por seus pais foi o primeiro da rua e do entorno. Segundo Luiza “a rua era sem infraestrutura, aqui não tinha nada”. Não havia água; era necessário ir até a Rua Cesário Alvim e trazer a água no balde. Nas palavras da participante: “foram dois anos subindo a rua Cesário Alvim com balde de água, mas havia muitos filhos para o trabalho. Éramos 13 irmãos”. Era uma vida difícil, mas que a participante lembra com bom humor, fazendo referência ao número de crianças que havia para ajudar no trabalho de buscar a água.

A água e a luz, assim como a coleta de esgoto não demoram muito. O pai de Luiza solicitou esses itens junto aos órgãos responsáveis e foi atendido, mas o que demorou mais para se conseguir foi o asfalto; esse foi um fato marcante no processo de construção da rua que foi asfaltada apenas na década de 1990. As fotos abaixo mostram os moradores na rua pouco tempo depois de ser asfaltada. “Tiramos as fotos de tão felizes que ficamos com o asfalto”. A participante permitiu que fizéssemos uma cópia da sua fotografia. No momento só tínhamos em mãos o celular, por isso a imagem perdeu em qualidade. Ver Figura 11 a seguir.



Figura 11

Rua de Todos os Santo depois do asfalto

Fonte: Arquivo da participante da pesquisa.

A rua foi se constituindo a partir da residência do pai da Luiza, pois essa foi a primeira moradia do lugar. Assim, com o tempo, as melhorias foram ocorrendo, novas casas foram construídas e formando uma rua. A parte alta do bairro não existia como podemos ver na Figura 12.



Figura 12

Rua de todos os Santos no início da sua construção
Fonte: arquivo pessoal da participante da pesquisa

Assim, no início, era no chão de terra batida que as brincadeiras de criança ocorriam, mas elas ficaram na memória de quem vivenciou esses momentos, de quem passou a infância brincando com os irmãos na rua. Dessa maneira, o lugar do passado ganha permanência. “Não se trata de uma simples forma ou de uma máquina para habitar, como consignou Le Corbusier” (MELLO: 2012, p. 60). Para Luiza, a rua em que vive remete ao abrigo, à proteção.

A Rua Arminda França é uma rua muito extensa, apesar de seu traçado curvo. A sua localização é paralela à Rua Cesário Alvim, se estendendo até a rua C. É um local de passagem ligando a parte baixa do bairro até a parte alta. A trajetória da rua não se difere

muito da trajetória das duas últimas analisadas, começou sem infraestrutura e com poucas casas.

Na palavra do sujeito da pesquisa, “Quando mudei para cá não tinha ninguém na rua, só tinha umas duas casas, tudo era pasto, a rua era de terra batida, para ter água tinha que ir buscar na mina que havia na Rua Cesário Alvim, também não havia luz e tinha uma fossa no terreno” (Clara). Como nas outras ruas, aos poucos foi ocorrendo a transformação e a primeira mudança foi a chegada da água encanada.

A mobilidade dos moradores dessa rua também melhorou, pois atualmente a linha de ônibus 422, do Santa Cândida, passa pela rua analisada. Esse fato foi lembrado por Flávia: “quando vim morar aqui não tinha o ônibus Santa Cândida, a rua não tinha passagem para o ônibus; hoje tem ônibus na porta de casa”. A rua teve que ser modificada para permitir passagem para o ônibus. O transporte público é um fator importante porque muitos dos moradores dessa rua são idosos e, mesmo estando próximo ao centro, é difícil se deslocar até lá caminhando.

O número de residências também aumentou. Atualmente, há muito pouco espaço sem construção na rua. Mariana ressaltava que anteriormente a rua era muito pouco ocupada. Nas suas palavras, “o que mudou foi que aumentou o número de casas na rua”. Com o tempo, a rua quase deserta, na qual não passava ônibus, foi recebendo infraestrutura e transformando numa rua típica de um bairro periférico.

As ruas foram se formando e transformando e dessa forma constituindo o bairro Cesário Alvim. Assim, por último, já em meados da década de 1990, foi se formando as ruas C e D. Elas surgiram a partir de um loteamento irregular, onde foram demarcados os lotes a serem vendidos, mas sem nenhuma preocupação com a construção de infraestrutura no local.

A sua ocupação foi mais rápida e em poucos anos ela estava tomada por casas e com os equipamentos urbanos presentes. Nas palavras do sujeito da pesquisa: “Quando cheguei aqui tudo era mato e podia contar as casas. Não havia nem rua, nem asfalto, nem água e nem luz. Só passava carroça, carro não conseguia transitar” (Júlia). A ausência de infraestrutura marcou muito esse momento inicial de construção da rua, assim como podemos perceber na fala acima. É a descrição de uma área sem características urbanas. A conquista da infraestrutura é a integração da rua na cidade.

O asfalto foi a última conquista dos moradores dessas ruas, sendo esse item muito importante. Ana relembra as dificuldades enfrentadas antes do revestimento da via: “Os taxistas se recusavam a trazer até à porta de casa, eles vinham até a rua de cima e a gente tinha que chegar a pé. Uma vez minha filha teve febre e quando voltei do médico o taxista me deixou na

rua de cima, tive que descer com ela no colo e chovia muito”. As dificuldades geradas pela falta de infraestrutura foram vividas pelos moradores dessas ruas. Eles experimentaram os percalços no cotidiano, por isso as conquistas que eles obtiveram através de mobilização dos moradores da rua C e D para a conquista da infraestrutura ainda são muito valorizadas.

Quando Carmem veio morar nessa rua, faltava apenas o asfalto. “Era horrível, o táxi não vinha até a rua quanto tinha barro”. Continua: “A roupa no varal ficava sempre suja de poeira”. Portanto, o asfalto foi uma melhoria muito importante para Carmem também.

A fala dos três sujeitos da pesquisa que moram nessas ruas é marcada pelas lembranças do período em que não havia o asfalto e entendem essa conquista como muito tardia, mas que melhorou muito a rua. “Antes na rua não passava carro, hoje está uma beleza; é carro para lá e para cá” (Júlia). Todavia, Ana cita um ponto negativo que veio com o revestimento da rua com o asfalto, pois: “O asfalto teve um lado negativo que foi o aumento do movimento na rua, o que diminuiu a liberdade das crianças”. Como na rua praticamente não tinha movimento, as crianças brincavam mais livremente, pois hoje a via é muito estreita e há carros que passam por ali em alta velocidade. Mesmo assim, ainda é possível ver crianças brincando na rua. Alguns moradores colocam suas cadeiras na calçada e ficam conversando no final da tarde, lembrando uma cena que acontece nas cidades menores do interior. Nesse lugar, a rua ainda é uma extensão da casa, um local de socialização entre vizinhos.

A luta pela sobrevivência acontece no lugar, através do encontro entre as pessoas. “Assim, junto à busca da sobrevivência, vemos produzir-se, na base da sociedade, um pragmatismo mesclado com a emoção, a partir dos lugares e das pessoas juntos” (SANTOS, 2006, p. 114). Se o poder público não atende as demandas da classe baixa, essa consegue avanços e têm algumas das suas reivindicações atendidas quando ocorre mobilização.

Vale dizer que a organização dos moradores das duas ruas, encontrada na nossa primeira pesquisa e apontada na introdução desse trabalho, já não encontramos mais; mesmo tendo reivindicações não há mais mobilização. A luta por melhorias no lugar só ocorreu até a construção da infraestrutura na rua.

O desvelar da história nas ruas C e D num período recente e nas demais ruas num período mais distante mostra a construção da periferia sem o planejamento. Ruas vão se formando sob a omissão do poder público. As necessidades da classe trabalhadora de habitação e de infraestrutura são atendidas de forma precária e segundo os interesses políticos do momento. Nesse ponto, a história do Cesário Alvim é semelhante à história de tantos outros bairros periféricos de Juiz de Fora e de outras cidades do Brasil.

Os investimentos do poder público privilegiam, sobretudo, a classe dominante. Citando Peter Marris(1962) , Santos (2013, p.81) afirma que: “Em nome do progresso e à custa de uma injustiça cada vez maior, uma importante parcela dos recursos nacionais são distribuídos de maneira a beneficiar aqueles que já são ricos”. Em Juiz de Fora, como vimos no Capítulo 1, isso vem ocorrendo atualmente. Algumas áreas vêm recebendo investimentos e outras continuam sendo desprestigiadas. O Cesário Alvim como um bairro periférico desde a sua formação até a atualidade vem sendo pouco atendido pelo poder público. As suas carências, como o caso do asfalto, são atendidas de forma pontual e momentânea.

As transformações ocorridas no bairro são vividas por seus moradores, fazem parte da história coletiva deles, são marcadas por emoções, por alegrias nas conquistas, por saudade, como no caso do João e por acontecimentos que mudaram o lugar onde vivem e, portanto influenciaram nas suas vivências.

Todos os sujeitos da pesquisa percebem o lugar onde vivem melhor atualmente depois das mudanças ocorridas. Mas também citam alguns pontos negativos dessas transformações. Passaremos a analisar as falas dos sujeitos sobre essas transformações.

Na fala dos sujeitos da pesquisa que moram nas ruas C e D, está presente a conquista do asfalto. Anteriormente, a passagem de carro era dificultada porque a rua era de terra e, assim, Júlia afirma que: “hoje está uma beleza é carro para lá e para cá”. Para Carmem, “o asfalto melhorou tudo... a infraestrutura muda tudo”. O asfalto representa o progresso, a transformação da rua no urbano, além disso, torna mais fácil a mobilidade dos moradores, tornando o acesso a outras partes da cidade mais fácil.

Como discutido anteriormente, essa foi a mudança mais importante para os moradores dessas ruas, pois antes enfrentavam muitas dificuldades para se chegar em casa. O asfalto foi muito aguardado por eles que, por várias vezes, esperavam que naquele dia começasse o asfaltamento da rua, mas não acontecia, era apenas uma promessa não cumprida.

A melhoria da rua com o asfaltamento também foi lembrada por moradores das demais ruas como por Mariana: “Antes não tinha asfalto. Acho que melhorou um pouquinho”. Cristina: “Melhorou porque antes a rua era de pedra”. Ela também se lembra da construção da galeria para captação de água pluvial como uma melhoria. No mesmo sentido afirma João: “Melhorou porque quando chove não entra mais água em casa”. Flávia lembra o ônibus que hoje passa na porta de casa. E, por último, Natália ressalta a construção de novos bairros: “Fez muito bairro novo, o Jardim do Sol era sítio. Lá em cima era pasto nunca fui lá em cima, lá melhorou”.

Entre os demais sujeitos da pesquisa não houve um único tema como uma mudança positiva, isso porque não existiu nenhuma mudança recente significativa. Na Rua Cesário Alvim se destaca a construção da galeria e com isso a diminuição da inundação na rua.

Com relação ao que piorou no Cesário Alvim, as respostas foram muito homogêneas, pois tivemos apenas duas respostas distintas. Cinco dos sujeitos da pesquisa disseram que nada piorou, só houve melhoras, já os seis restantes destacaram o aumento da violência, essa relacionada ao tráfico de drogas e a assaltos que vêm ocorrendo na Rua Cesário Alvim. Destaca-se que é mais difícil apontar um ponto negativo do lugar onde vive, pois segundo Tuan (2013, p. 11) lugar é segurança. Portanto, associar o lugar com a violência, nem sempre, é uma tarefa fácil. É preciso ressaltar que, mesmo não sendo tema da nossa pesquisa, não pudemos deixar de lado o tema da violência, pois ele esteve muito presente no discurso dos sujeitos da pesquisa.

Segundo Ana, ela acompanhou o crescimento de muitos dos adolescentes que acabaram se envolvendo com o tráfico de drogas e, por isso: “fico muito chateada ao ver aqueles que conheci quando eram crianças vender drogas ou ser preso”. Chama-nos a atenção no seu discurso a emoção quando fala desses adolescentes que há pouco estavam brincando na rua com sua filha e foram aliciados pelo tráfico de drogas.

Em todas as visitas feitas às ruas C e D, quando subimos de ônibus, encontramos com adolescentes na “boca”. Júlia convive muito de perto com as consequências do tráfico no bairro, pois: “quando a polícia chega, eles fogem e jogam a droga na frente da minha casa”. Sua casa está num nível abaixo da rua, por isso na frente tem um espaço e uma escada e é nesse local que a droga é jogada. O tráfico, portanto, afeta as duas participantes acima mencionadas. Há uma sensação de insegurança gerada pela ação dos meninos de jogarem o entorpecente no quintal e a tristeza da outra participante em vê-los nessa situação de criminalidade, visto que ela tem carinho por eles por conhecê-los há muito tempo.

Já para participante que mora na Rua de Todos os Santos, “O que piorou foi o tráfico, são moradores de outros bairros. Não é daqui... isso começou depois que surgiram as ruas lá de cima” (Luiza referindo-se às ruas C e D). No seu discurso, há uma clara associação da área mais humilde do bairro com a criminalidade, o que não é verdadeiro. A venda de drogas ocorre perto da escola, mas quem está indo lá comprar e vender, não são apenas os moradores dessas duas ruas, pois, se assim o fosse, não existiria o comércio ali, mas provavelmente o comércio presente nesse local abastece a consumidores das demais ruas do bairro e outros bairros.

Na fala anterior, há uma associação entre pobreza e criminalidade, o que é comumente mostrado pela mídia nos jornais e telejornais, nos noticiários em geral que sempre destacam casos que reforçam essa associação preconceituosa. Todavia, os mais pobres são as maiores vítimas da violência urbana e os bairros pobres são os locais com os maiores índices de violência. “As áreas mais violentas são aquelas em que predomina uma conjunção de determinados indicadores: baixa renda, baixa taxa de escolaridade, maior taxa de desemprego, maior número de moradores de favelas, piores condições de moradia e urbanísticas” (MARICATO, 2001, p.34). No entanto, a pobreza não é a causa da violência, mas é a desigualdade social que contribui para o aumento da violência. “Muito tem sido escrito sobre isso e muitas são as teorias que tentam desvincular a violência da pobreza (o que é correto), da desigualdade e do desemprego (o que não é)” (MARICATO, 2001, p.33). Todavia, são os mais pobres os mais atingidos pela violência.

O discurso da Maria vai ao encontro do que foi dito por Luiza: “Aqui tá ficando perigoso devido à boca no Cesário Alvim”. Segundo Maria, a rua em que mora é passagem, pois para ir até o centro, vindo da parte alta do bairro, pode-se passar por essa rua, e assim estão aparecendo muitas “pessoas estranhas” no local. Há nesse discurso um preconceito, pois julga pela aparência daquele que está transitando pela via; o medo se transforma em preconceito.

Na fala dos sujeitos da pesquisa o tráfico está presente em todos os lugares. Nas palavras de Mariana: “O problema é as drogas, mas está em todo lugar”. Nessa fala, existe uma associação, nem sempre verdadeira, entre droga e violência. Isso ocorre porque muitas vezes o usuário é confundido com o bandido.

Há uma banalização da violência que se deve, principalmente, aos meios de comunicação de massa. Assim, comumente se diz que a violência está em todos os locais. Mas como afirma Santos (2006, p.55), essa violência vivida nas ruas é apenas uma violência secundária, pois é gerada pela violência estrutural que deriva da ditadura do dinheiro, comandada pelos detentores do capital. Nas palavras do autor:

Fala-se, hoje, muito em violência e é geralmente admitido que é quase um estado, uma situação característica do nosso tempo. Todavia, dentre as violências de que se fala, a maior parte é sobretudo formada de violências funcionais derivadas, enquanto a atenção é menos voltada para o que preferimos chamar de violência estrutural, que está na base da produção das outras e constitui a violência central original.

Entendemos, portanto que essa violência que ocorre no Cesário Alvim, está relacionada com a perversidade do sistema socioeconômico, que é gerador de desigualdade.

Isso ainda é mais grave, no caso brasileiro, devido à sua condição de semi-periferia, que nunca teve as injustiças históricas produzidas pela colonização resolvidas, mas essas injustiças sociais, com o tempo foram se perpetuando.

Na Rua Cesário, segundo o seu João, “de vez em quando tem assalto”, fato esse que é lembrado por dona Cristina: “Já não tem aquela tranquilidade, tem assaltos na rua.” Por ser uma rua de passagem tanto para os moradores do próprio bairro como para os de outros bairros, a rua é mais movimentada e alguns assaltantes têm se aproveitado desse fato para agir. Os próprios moradores tentam agir e correm atrás do assaltante a fim de reaver o que foi roubado.

Ana relaciona o aumento da criminalidade com a sociedade de consumo, segundo ela, “o consumismo tem levado esses meninos para o mau caminho, eles querem coisas caras, de marca, para ter status”. Como analisado anteriormente, não é possível apontar um único fator como causa da violência, mas concordamos que o consumismo, a busca por ser aceito devido ao que se tem é um fator que pode influenciar para que alguns busquem esse caminho. Nesse sentido, o discurso é bastante crítico e relaciona o crime com a sociedade desigual e, portanto, excludente. O consumo hoje é influenciado pelos meios de comunicação, as demandas são geradas pelos donos dos meios de produção através do marketing. Portanto: “o consumo, imposto atualmente à população, é ditado pelo sistema de produção” (SANTOS, 2013, p.83).

É preciso ressaltar, que o fenômeno da violência urbana na dimensão em que é encontrada hoje nas cidades brasileiras é um fato novo. “A violência social sempre foi características das zonas rurais, consideradas atrasadas diante do universo urbano, que se pretende moderno. Dadas as suas dimensões, trata-se de um fenômeno inédito na sociedade brasileira e desconhecido anteriormente aos anos 80” (MARICATO, 2001, p.31).

Uma análise mais detalhada sobre a violência urbana foge dos objetivos do nosso trabalho. No que se refere ao tema da violência, nos interessa principalmente como essa sensação de insegurança vai influenciar na relação dos moradores com o lugar e como isso pode determinar o sentimento de topofobia pelo lugar. Essa questão será analisada no próximo subcapítulo, quando discutiremos sobre os sentimentos dos sujeitos da pesquisa relacionados ao lugar.

3.3 Discursos dos moradores do Cesário Alvim sobre o lugar onde vivem

Os sujeitos da pesquisa conhecem o lugar onde vivem através da experiência diária de estar ali. A fala deles sobre esse lugar é marcada pela emoção e também pelo pensamento sobre suas vivências, pois a experiência é colorida pelas emoções e pelo pensamento.

Experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras por intermédio das quais uma pessoa constrói e conhece a realidade. (...) As emoções dão colorido a toda experiência humana, incluindo os níveis mais altos do pensamento. (...) O pensamento dá colorido a toda experiência humana, incluindo as sensações primárias de calor e frio, prazer e dor (TUAN, 2013, p.17).

Comumente, objetividade e subjetividade são consideradas separadamente e a experiência como marcada pelas emoções. Mas ambas, subjetividade e reflexão (pensamento), estão presentes nas experiências do cotidiano. “É uma tendência comum referir-se ao sentimento e pensamento como opostos, um registrando estados subjetivos, o outro se reportando à realidade objetiva. De fato, estão próximos às extremidades de um *continuum* experiencial, e ambos são maneiras de conhecer” (TUAN, 2013, p. 19).

Vale dizer, que os sentimentos referidos pelos sujeitos da pesquisa se referem principalmente à rua onde vivem.

A rua como centro e quadro da vida cotidiana, onde o homem é passante, habitante, artesão; elemento constitutivo e permanente, às vezes quase inconsciente, na visão de mundo e no desamparo do homem; realidade concreta, imediata, que faz do cidadão “um homem da rua”, um homem diante dos outros (DARDEL, 2011, p. 28).

A rua é um lugar privilegiado; se todo o bairro não é vivenciado a rua sim. É o lugar onde se encontra com o outro com vizinho e na con-vivência, muitas vezes, são estabelecidas relações de solidariedade. No que se refere a essa pesquisa, é preciso ressaltar que o discurso dos sujeitos da pesquisa nem sempre se refere ao bairro como um todo, para alguns participantes há locais no bairro que é desconhecido.

Com relação aos sentimentos de topofilia e topofobia pelo lugar onde vivem, no discurso dos sujeitos da pesquisa o primeiro está mais em evidência. E vários fatores positivos sobre Cesário Alvim foram lembrados. Todos os sujeitos da pesquisa disseram que gostam do lugar onde vivem.

Nas palavras da Júlia: “Gosto daqui, gosto das pessoas, são muito receptivas. Conheço todo mundo da rua, conheço várias pessoas no bairro”. O sentimento de topofilia, de

pertencimento ao lugar, neste caso, está vinculado à relação que tem com os vizinhos próximos e com outros moradores do bairro onde vive. A topofilia é enriquecida quando está presente o encontro com o outro e as relações humanas vão influenciar nesse sentimento.

O discurso de Ana vai ao encontro do discurso da outra participante. Nas suas palavras: “O Cesário Alvim é bom, porque gosto dos vizinhos e é próximo ao centro, mesmo sem dinheiro para condução dá para ir até lá caminhando.” Ser próximo ao centro é uma amenidade para o bairro em questão. A maior parte da periferia está afastada do centro urbano e a localização do Cesário Alvim próximo ao centro de Juiz de Fora é um dado importante para os moradores aqui analisados. Numa cidade como Juiz de Fora em que o centro concentra os serviços de saúde, comércio, etc. morar perto do centro torna mais fácil o deslocamento mais rápido e mais econômico, porque nem sempre é preciso ter gasto com a passagem de ônibus.

Segundo Dardel (2011, p. 10) a distância é experimentada como uma qualidade em que longe exige mais esforço e perto menos esforço para se chegar ao local desejado. Nas palavras do autor: “A distância é experimentada não como uma quantidade; mas como uma qualidade expressa em termos de perto ou longe”. Estar perto do centro, significa que não é necessário muito esforço para ir até lá, no caso do Cesário do Alvim numa caminhada de aproximadamente 20 minutos.

Foi o discurso de Carmem que expressou com mais ênfase o sentimento de topofilia pelo lugar: “Gosto daqui, amo esse lugar... meu sonho era morar aqui, achei que não iria realizar, mas consegui... não quero mais sair daqui, só quando morrer”. Ela já morava próxima da rua D, lugar onde reside atualmente, quando trazia as filhas para brincar ali e já tinha vontade de ter uma casa naquele local, mas não sabe explicar porque gosta tanto dali, disse “aqui a vista é bonita”, mas não aponta outra razão, ela simplesmente gosta do lugar onde vive.

“As experiências íntimas, com pessoas ou coisas, são difíceis de comunicar. As palavras apropriadas são evasivas” (TUAN, 2013, p.179). Nem sempre é possível verbalizar essas experiências, como no caso da Carmem; ela não consegue explicar o sentimento pelo lugar onde vive.

O discurso de Luiza não diverge muito dos primeiros analisados. Nas suas palavras: “Amo aqui, os vizinhos são ótimos. É perto do centro e tem tudo”. Ela cita vários equipamentos urbanos encontrados próximos a sua residência, como Hospital João Felício, a UPA Regional Leste, mercado na Avenida Sete de Setembro. Além disso, é próximo à Praça da Estação e têm várias linhas de ônibus que passam na Rua Cesário Alvim. Assim, nessa

fala, como nos discursos já analisados, os vizinhos e a localização do bairro próximo ao centro são ressaltados.

Para Maria, o sentimento de topofilia pelo lugar está mais relacionado à casa onde vive: “Gosto do Cesário Alvim porque é perto do centro. Mas gosto mais do apartamento que eu moro porque é amplo e arejado, se pudesse levava o imóvel para outro lugar. Não se fazem mais apartamentos assim. Mas a rua não é barulhenta e gosto dos vizinhos”. Ela gostaria de mudar do bairro, pois não se sente mais segura lá devido ao aumento da violência; mesmo assim lembrou aspectos positivos, como os vizinhos e a proximidade com o centro. Todavia, devemos destacar do seu discurso a fala sobre seu lar, que é uma referência importante e um lugar privilegiado. “Uma casa é um edifício relativamente simples. No entanto, por muitas razões, é um lugar. Proporciona abrigo; a sua hierarquia de espaços corresponde às necessidades sociais; é uma área onde uns se preocupam com os outros, um reservatório de lembranças e sonhos” (TUAN, 2013, p.202).

O lar é onde se tem abrigo e suscita proteção, onde os objetos nos lembram de momentos vividos que já se foram. No caso de Maria, sua casa foi construída pelo pai e ela passou uma parte importante da infância e da adolescência nela.

Já para Clara, o sentimento de topofilia está relacionado ao papel desempenhado pelos vizinhos, estabelecendo uma relação de solidariedade; no seu discurso: “Gosto daqui porque me acostumei, moro aqui há muitos anos e me dou bem com todos os vizinhos. Sempre que fiquei sozinha os vizinhos me ajudaram no que precisei. Os vizinhos são maravilhosos e a rua é silenciosa”. Como Clara já é uma senhora com mais de 70 anos, os vizinhos a ajudam a trazer as compras do mercado e quando se sente sozinha, ela vai à casa de algum deles para conversar. Há uma relação de proximidade com os vizinhos e na sua fala ela ressalta outro ponto importante que é o tempo em que mora no lugar. Tanto que a familiaridade com o lugar e as pessoas leva tempo, como já apontamos anteriormente. Outro dado que encontramos no seu discurso se refere à rua ser silenciosa. Ela nasceu em uma área rural, onde é mais silencioso que a cidade e o silêncio a remete a maior tranquilidade, por isso considera esse fato como um ponto positivo do lugar onde vive. Mesmo tendo um filho que mora perto e uma neta, os vizinhos são importantes para o sentimento de topofilia dessa participante da pesquisa. Contudo, esse sentimento não está relacionado a sua casa “Aqui é um lugar ótimo. Mas mudaria dessa casa feia, queria poder melhorar a casa”. Sua casa apesar de antiga, não tem acabamento, por isso gostaria de reformá-la. A casa também tem muita escada, o que atrapalha devido a sua mobilidade reduzida.

Para João, a relação com os vizinhos também é um fator importante. “Gosto de morar aqui, os vizinhos, quase todos, são bacanas. Se alguém usa droga eu não conheço”. João conhece bem os vizinhos devido ao bar na Avenida Sete de Setembro. Lá acaba encontrando os amigos do bairro. Na fala desse sujeito da pesquisa há um entendimento do usuário de droga como delinquente. O que ocorre é que se confunde o traficante com o usuário. O dependente na verdade precisa, se assim o quiser, de tratamento para se libertar do vício. Portanto, é uma questão de saúde pública.

No discurso de Mariana há uma comparação entre sua cidade natal e o Cesário Alvim. “Gosto mais daqui do que de Aracitaba, principalmente depois que meus pais morreram.” O local de nascimento é um lugar, as brincadeiras, os sons são recordações que estarão presentes por toda vida, mas acontecimentos como a perda de um ente querido pode mudar esse sentimento pelo lugar. Dessa maneira: “Na ausência da pessoa certa, as coisas e os lugares rapidamente perdem significado, de maneira que sua permanência é uma irritação mais do que um conforto” (TUAN, 2013, p. 171). Portanto, para Mariana, agora o Cesário é um lugar mais importante que Aracitaba. Seu marido está construindo uma casa nessa cidade, mas ela não quer se mudar para lá porque se sente mais segura em Juiz de Fora, pois o seu plano de saúde atende nessa cidade. Como esteve internada há um mês antes da entrevista, tem medo de ir para cidade menor e passar mal, visto que lá tem menos recursos na área de saúde.

Segundo Cristina: “Gosto porque aqui é calmo, sossegado e tem tudo perto”. Ela se sente segura no bairro, pois tem muito tempo em que ela mora ali. “Um tipo de afeição profunda, embora subconsciente, pode se formar simplesmente com a familiaridade e a tranquilidade” (TUAN, 2013, p. 195). Enquanto outros acreditam que a violência está aumentando, Cristina sente o bairro um lugar seguro e isso ocorre devido as suas experiências e à familiaridade com o lugar; dessa forma, seu sentimento de topofilia pelo lugar está relacionado com a familiaridade.

O discurso de Flávia vai ao encontro da fala que acabamos de analisar: “Gosto, gosto muito porque é um bairro tranquilo e tem acesso a tudo”. O acesso a tudo está relacionado, principalmente, à proximidade com o centro.

O discurso de Natália não difere dos anteriores. Nas suas palavras: “Gosto daqui porque é perto do Centro”. A valorização do lugar devido a sua localização próxima ao centro.

Em resumo, todos os sujeitos da pesquisa gostam do lugar onde vivem. Para alguns o sentimento de topofilia está mais direcionado à casa, para outros à rua. Também a relação de solidariedade com os vizinhos foi um fator importante e muito lembrando, mas a localização

do bairro próximo ao centro foi lembrando pela maioria dos sujeitos da pesquisa. Sobretudo, esse amor pelo lugar está relacionado aos acontecimentos comuns do cotidiano que fazem com o lugar se torne familiar. “Com o tempo nos familiarizamos com o lugar, o que quer dizer que cada vez mais o consideramos conhecido. Com o tempo uma nova casa deixa de chamar a atenção; torna-se confortável e discreta, como um velho par de chinelos” (TUAN, 2013, p.224).

O lugar não desperta apenas sentimentos positivos de afeição, mas também pode despertar sentimentos de aversão, de medo e de repulsa. Por isso, também buscamos compreender o sentimento de topofobia que os sujeitos da pesquisa sentem em relação ao Cesário Alvim. O sentimento de topofilia pelo lugar foi muito enfatizado pelos participantes da pesquisa.

A topofilia aparece relacionada apenas ao sentimento de insegurança relacionada com a violência. Mas, a maior parte dos sujeitos da pesquisa disse que não há nada que não goste no Cesário Alvim. Eles lembram mais facilmente de aspectos que gostam no lugar onde vivem. Contudo, a percepção da violência afeta a sensação de segurança e liberdade no lugar. Isso se pôde perceber no discurso de quatro sujeitos da pesquisa. “Gostaria de voltar para São Paulo, aqui tá ficando perigoso, não volto porque meu marido é mineiro e não quer ir para São Paulo, ele gosta muito daqui” (Júlia). Apesar dela também gostar do lugar onde vive, gostaria de mudar porque sente medo.

Segundo Tuan (2013, p. 14), o lugar evoca segurança e instabilidade, pois o lugar é familiar, por isso, se tem vontade de ir para outro lugar, quando sente insegurança no local onde vive. O lar e a rua devem suscitar o sentimento de segurança.

Para Ana, “o que é ruim aqui é o aumento da violência, isso me entristece”. Essa fala expressa um sentimento de tristeza, pois gosta do lugar onde vive e fica triste em ver a violência se instalando nesse lugar. Esse sentimento negativo também se refere aos conhecidos que acabaram se envolvendo com o tráfico.

Luiza salienta: “o que está ruim é o tráfico”. Ela associa o aparecimento do tráfico ao crescimento do Cesário Alvim. Para ela, o tráfico não ocorre na sua rua e nem no seu bairro que seria para ela Santos Anjos. Assim, o “outro” o de “fora” que estaria trazendo a instabilidade e a insegurança.

Maria já não se sente tão segura na rua onde mora. Nas suas palavras: “Aqui tá ficando perigoso... antes aqui era um lugar bom. Não posso mais voltar para casa a qualquer hora, a gente não sabe quem tá na rua e fico com medo”. A insegura afeta os seus hábitos como a

hora de voltar para casa. Sente-se insegura na rua onde mora e para chegar ao seu apartamento há três portões que ficam trancados durante a noite.

A sensação de insegurança, nesses casos acima mencionados, vai influenciar no sentimento de topofobia que passa a estar presente nos sujeitos da pesquisa. Alguns sentem até vontade de ir morar em outro lugar. Sentem-se inseguros em casa, mas principalmente na rua, pois tem receio em sair e voltar na hora desejada.

No que se refere ao que poderia melhorar no lugar onde vivem, a fala dos sujeitos da pesquisa está relacionada à rua onde vivem, pois as demandas, em alguns casos são diferentes devido à diversidade do bairro. É preciso ressaltar que nem todos os participantes da pesquisa apontaram algo que precisa mudar na rua ou no bairro. Alguns, como Mariana: “gosto de tudo e não mudava nada”. Percebemos que em alguns dos sujeitos da pesquisa o envolvimento com o lugar é tão profundo que é difícil pensar sobre o lugar de forma crítica e apontar problemas.

Na rua D o serviço de limpeza urbana não tem sido eficiente, pois lá o lixo não é recolhido e os moradores têm que deixá-lo na rua de cima. Esse fato é lembrado por Júlia: “Melhorou muito, mas ainda falta o lixeiro passar nessa rua”. O poder público não garante o atendimento nem dos serviços mais básicos, como a coleta do lixo. Além disso, outra reivindicação dessa participante se refere ao transporte público, pois gostaria que o ônibus passasse na sua rua. Porém, isso não seria possível porque a rua é muito estreita o que inviabiliza a passagem o ônibus.

O poder público, como já discutido anteriormente, vem dotando os bairros periféricos de infraestrutura, mas de forma precária e incompleta deixando uma boa parte da cidade em más condições. Nas palavras da Maria:

A rua não tem infraestrutura, que é deixada de lado. Tem boca de lobo vazando, a rua não foi preparada para passar tantos veículos, como ocorre hoje, o asfalto é fino e mal feito, sempre tem buraco. O terreno vazio do lado, o dono não capina, foram os moradores da rua que tiveram que pagar a capina. O passeio está danificado, isso é perigoso. A minha mãe quando era viva se machucou no passeio. Sei que não é função da prefeitura fazer o passeio é o dono que deve cuidar disso, mas a prefeitura deveria fiscalizar.

O asfalto não foi bem feito, a manutenção que deveria ser feita nas bocas de lobo não ocorre e a calçada se tornou um risco para os pedestres que passam pela rua. A participante da pesquisa lembra bem da função do poder público municipal que deveria fiscalizar as condições das calçadas. A sua fala reforça o descaso do poder público. A desigualdade se revela no lugar através da ação do poder público que atende, em primeiro lugar, a demanda dos mais ricos, dotando os bairros de classe média alta de total infraestrutura.

Natali, que mora na via com maior fluxo de veículos no bairro, acha que deveria melhorar o trânsito. “É preciso transformar a rua em mão única, com tanto carro tá ficando difícil atravessar aqui”. Essa dificuldade em atravessar a rua ocorre, principalmente, porque a Natália e o seu esposo têm dificuldade de locomoção devido à idade avançada. O Cesário Alvim é um bairro que tem bastante idoso e, por isso, o bairro deve ser pensado de maneira a facilitar o trânsito deles.

Com relação à segurança, seu João se lembrou da falta de policiamento: “Melhorar só se a polícia passar aqui toda hora e mais nada, a rua tá bem asfaltada e eles apanham o lixo”. O posto policial mais próximo fica na praça da estação. João nos relatou que ele já foi assaltado por duas vezes no bar, por isso, gostaria que a polícia passasse na rua mais vezes. O Estado não está presente nem mesmo no que se refere à segurança pública. Por outro lado, como analisamos anteriormente, não é o aparelho repressor do Estado que vai resolver o problema da violência, é preciso estudar e agir, em primeiro lugar, as causas da violência.

Em resumo, o lugar dos moradores do Cesário Alvim é colorido principalmente pelo sentimento de topofilia. O bairro e, principalmente, a rua são experimentados na co-vivência com o outro, a relação com os vizinhos é relevante para que os sujeitos da pesquisa expressem esse sentimento. A proximidade com o centro da cidade é muito significativa para os participantes da pesquisa. O sentimento de topofobia, como expresso na fala dos sujeitos da pesquisa, está ligado ao sentimento de insegurança no bairro. Mas as experiências não ocorrem apenas no lugar, elas também ocorrem no espaço vivido, por isso, esse será o tema do nosso próximo capítulo.

IV O ESPAÇO VIVIDO DOS MORADORES DO CESÁRIO ALVIM

Esse capítulo tem como finalidade desvelar o espaço vivido dos sujeitos da pesquisa, assim nosso principal objetivo aqui é compreender as trajetórias dos participantes da pesquisa. Essas ocorrem entre o Lugar (Cesário Alvim, especialmente a rua que habitam) e o Espaço Vivido (Juiz de Fora). Dessa maneira, iniciamos o capítulo abordando o conceito em questão e, no segundo tópico discutimos o espaço vivido dos sujeitos da pesquisa.

4.1 Abordagem do conceito: Espaço Vivido

Os sujeitos da pesquisa não vivenciam apenas o lugar (rua e bairro) onde habitam, mas suas experiências se estendem até outros locais, como o local do trabalho, o local do lazer, ou seja, aos locais por onde se desenrolam as vivências do cotidiano. Essas vivências ocorrem, sobretudo, em Juiz de Fora, mas não é toda a cidade que faz parte do espaço vivido dos sujeitos da pesquisa. Por isso, se faz necessário identificar os locais do espaço vivido e quais valores a eles são atribuídos pelos sujeitos da pesquisa.

Em primeiro lugar, é necessário apresentar uma discussão sobre o conceito abordado nesse capítulo, o espaço vivido. Este será abordado a partir do referencial teórico pautado na Geografia Humanista. Esse conceito foi desenvolvido por autores dessa corrente de pensamento.

Na Geografia Humanista, o Espaço não é um dado abstrato que pode ser apreendido através da quantificação, também não é um simples receptáculo onde estão localizados os objetos, mas ele é vivido e, por isso, o espaço é dinâmico, nele está presente a trajetória de cada sujeito; dessa maneira atribuímos significados a ele.

Para os moradores do Cesário Alvim, o bairro faz parte do espaço vivido de cada um, pois o bairro todo não pode ser considerado um lugar individualizado como se discutiu no capítulo anterior. Todavia, faz parte do espaço vivido daqueles que moram no bairro analisado, mas também há outros locais na cidade que fazem parte do espaço vivido dos participantes da pesquisa.

Vale dizer que, para os sujeitos da pesquisa, a rua em que vivem é um lugar, um lugar íntimo, mas suas trajetórias os levam para outros lugares, dentro e fora da cidade onde moram, esses caminhos fazem parte do espaço vivido, que são os locais por onde transitam.

Muitos desses locais são apenas de passagem, não demoram nele, como o percurso que fazem comumente entre o bairro e o centro da cidade.

Na nossa pesquisa consideramos o lar e a rua como lugar, pois eles são lugares centrais. Esses locais são experimentados e coloridos por emoções, diariamente, pelos sujeitos da pesquisa. Os locais que frequentam na cidade, consideramos como espaço vivido, aqueles locais onde os sujeitos da pesquisa inscrevem suas trajetórias, por onde permanecem por um tempo, como local de trabalho, lazer, Igreja etc. Portanto, não há uma fronteira precisa entre lugar e espaço vivido; nós consideramos como espaço vivido os locais que fazem parte da trajetória de vida dos sujeitos da pesquisa, que se estendem além do lugar privilegiado onde se desenvolve suas existências, ou seja, a rua.

Lugar é um conceito que tem sido comumente mais trabalhado na Geografia Humanista, este princípio foi desenvolvido a partir do conceito mundo vivido da fenomenologia. Como aponta Mello:

O lugar surge como conceito-chave na Geografia Humanística advindo da noção fenomenológica do mundo-vivido emocionalmente modelado, introjetado e revestido de eventos, pessoas, itinerários, lutas, ambiguidades, envolvimento, sonhos, destinos, “canções que minha mãe me ensinou”, base territorial e toda sorte de elementos que permite à pessoa se sentir em casa ou, por outro lado, distanciada em meio a um estranhamento tofóbico. (MELLO, 2005, p.34)

Espaço vivido e mundo vivido não são sinônimos e é no lugar (mundo vivido) onde ocorrem as vivências mais íntimas, onde se direcionam nossos afetos. Lugar tem origem no termo: mundo vivido, noção da fenomenologia. Mas o espaço vivido não é apenas um palco, mas é um espaço material como aponta Dardel, espaço modificado pelo trabalho humano, espaço vivido: “Espaço onde se desenvolve a existência, porque ela é, em essência, extensão, porque ela procura um horizonte, direções, existências que dela se aproximam, porque a vida lhe oferece percursos a seguir, fáceis ou acidentados, seguros ou incertos” (DARDEL, 2011, p. 13).

No espaço vivido, as trajetórias se encontram, mas os caminhos nem sempre são fáceis ou seguros. Todavia, é onde a vida se desenvolve, onde é possível construir o caminho, onde ocorrem os conflitos.

Se o espaço vivido é material, ele é, sobretudo, uma obra do homem. Portanto, é um espaço construído pelo trabalho humano, criação de um momento histórico, que demonstra o desenvolvimento técnico do período, mas também comunica as relações sociais. No caso da

sociedade capitalista, é a divisão de classes que se expressa no espaço através da divisão espacial que proporciona a separação entre ricos e pobres.

Além disso, a construção do espaço é dotada de intencionalidade refletindo a cultura daqueles que o construíram; esse espaço material é obra humana e, portando, dotado de significados. “Os espaços que encontramos em nossos mundos-vividos são, acima de tudo, espaços construídos - feitos pelo homem e, conseqüentemente, comunicando intenções e significados humanos” (RELPH, 1979, p11).

O espaço que habitamos é, em primeiro lugar, uma criação humana, ele é o resultado da transformação da natureza realizada através do trabalho. A ação do homem sobre o espaço é feita a partir de intencionalidade, a intervenção no espaço é inicialmente projetada na mente e é posteriormente que ocorre a sua construção material. Por isso “permanece o fato de que os espaços em que vivemos são definidos primeiramente por superfícies circundantes, formas e cores das estruturas criadas pelo homem” (RELPH, 1979, p12).

O espaço material construído pelo trabalho é vivido, por isso atribuímos significados a ele, é nele que a existência se realiza, ele é vivido e apreendido pela experiência diária.

A vida não ocorre além do espaço, a realização da existência só pode ocorrer no espaço. Não existe o homem e além do homem o espaço, ele não é exterior ao homem.

Quando se fala do homem e do espaço, entende-se que o homem está de um lado e o espaço de outro. O espaço, porém, não é algo que se opõe ao homem. O espaço nem é um objeto exterior é nem uma vivência interior. Não existem homens e, além deles, espaço (HEIDEGGER, 2012, p. 136).

O espaço não pode ser compreendido apenas pelos sentidos, mas ele é vivido. “Nós não somente apreendemos espaço (...) através de nossos sentidos, mas vivemos nele, nele projetamos nossa personalidade e a ele somos ligados por limites emocionais. Espaço não é exatamente perceptível, sensorial ou representacional: ele é vivido” (MATORÈ, 1962, p. 22-23 apud RELPH, 1979, p.8).

Habitamos no espaço, o que envolve nosso corpo e as nossas ações. Assim, a trajetória de vida de cada um de nós ocorre no espaço e deixamos marcas no espaço: “A referência do homem aos lugares e através dos lugares aos espaços repousa no habitar. A relação entre homem e espaço nada mais é do que um habitar pensando de maneira essencial” (HEIDEGGER, 2012, p. 137). Assim, de acordo com o filósofo alemão a relação homem-espaço ocorre pelo habitar que é um traço fundamental dos mortais, pois só o homem habita; habitar quer dizer ser estar sobre a Terra, é maneira como eu e tu és. Ser homem quer dizer

habitar. É preciso ressaltar que o pensamento do filósofo em questão influenciou os autores da Geografia Humanista.

O espaço vivido diariamente é constituído por objetos construídos pelo homem. “Os espaços que percorremos diariamente são “arrumados” pelos lugares, cuja essência se fundamenta nesse tipo de coisas que chamamos de coisas construídas” (HEIDEGGER, 2012, p. 135). Para o autor em questão o homem constrói porque habita e, ao construir produz espaço e lugar.

A geografia íntima que cada um vai escrevendo no espaço é pouco expressada, ela é mais vivida, numa experiência nem sempre consciente. “A “geografia” permanece, habitualmente, discreta, mais vivida que exprimida” (DARDEL, 2011, p.34). As emoções, os sentimentos, as trajetórias nem sempre são transformadas em discurso, mas permanece no interior de cada um modificando o ser.

O Espaço Vivido não é estático, pois ele é transformado constantemente, através das ações do cotidiano. Sendo dinâmicos os significados e os valores atribuídos ao espaço, com o tempo também se transformam. Portanto, o espaço não sugere estabilidade como o lugar, antes é construção e reconstrução. Modificações que são empreendidas pelos sujeitos, mas que ao transformá-lo, na medida em que atua no espaço, também se modifica. Dessa maneira, “do ponto de vista fenomenológico, entretanto, o espaço é um conjunto contínuo dinâmico, no qual o experimentador vive, desloca-se e busca significado. É um horizonte vivido ao longo do qual as coisas e as pessoas são percebidas e valorizadas” (SCHARG, 1965, p.55 apud BUTTIMER, 1976, p. 174). O espaço é rico em significados porque é vivido e experimentado.

O Espaço Vivido é um espaço social, onde ocorre o encontro com o outro, a co-presença, assim a apreensão do espaço não é um dado individual, mas uma construção social, construída no encontro entre diferentes subjetividades. O espaço vivido é o espaço da intersubjetividade.

É no espaço vivido que ocorre o contato com o outro e com os objetos construídos pelo homem. “O mundo-vivido social é o da intersubjetividade, linguagem comum, contato com outras pessoas, instrumentos, edifícios e obras de arte, tudo o que não é meramente pré-determinado, mas usado, transformado e manipulado” (RELPH, 1979, p.6).

Portanto, o espaço vivido não é apreendido de forma individual, dessa maneira, as representações e os significados atribuídos ao espaço vivido são elaborados no convívio com o outro, assim são uma construção social, mas essa construção também é individual porque a subjetividade de cada pessoa também está presente.

Enquanto o modo subjetivo concentra-se na experiência individual única, e o modo objetivo procura a generalização e proposições testáveis acerca da experiência humana agregada, o modo “intersubjetivo” ou o modo fenomenológico esforçar-se-ia para elucidar um diálogo entre pessoas individuais e a “subjetividade” do seu mundo (BUTTIMER, 1976, p. 1745).

Há, dessa maneira, uma intersecção entre a social e o individual, ambos se encontram e se influenciam. A construção cultural coletiva vai influenciar na subjetividade de cada pessoa, mas essa não determina o pensamento, ou a forma de apreender o espaço; por sua vez, a subjetividade de cada sujeito vai dialogar com a construção cultural.

O espaço é vivido de forma coletiva, pois é um espaço social, construído, apreendido e vivido por grupos sociais, é um espaço partilhado, mas ao mesmo tempo é vivido de maneira distinta por cada um que tem sua trajetória única naquele espaço.

As experiências e os pensamentos humanos são expressos de forma a serem compreendidos por seus pares, os vínculos sociais se sobressaem sobre os individuais. “As experiências dentro de um grupo humano se superpõem o suficiente para que vínculos individuais não pareçam notórios e incompreensíveis para os seus pares” (TUAN, 2013, p. 180).

No espaço são inscritas as geografias íntimas, marcadas por lugares que atraem ou repelem nossa presença, marcadas por lutas. O espaço vivido diariamente na cidade através das trajetórias no bairro, no centro e nas ruas que são parte do caminho diário, é a realidade geográfica de cada sujeito.

A realidade geográfica é, para o homem, então, o lugar onde ele está, os lugares de sua infância, o ambiente que atrai sua presença. Terra onde ele pisa ou onde ele trabalha, o horizonte de seu vale, ou a sua rua, o seu bairro, seus deslocamentos cotidianos através da cidade (DARDEL, 2011, p. 34).

Em resumo, o espaço vivido é um espaço material construído pelo trabalho humano, por isso é atribuído valor e significado a ele, é nele que habitamos. O espaço é apreendido de forma coletiva através da intersubjetividade.

Na Geografia Humanista se desenvolveu o conceito de Espaço Vivido, assim ele (o espaço) deixou de ser compreendido apenas como um substrato para se tornar parte da trajetória humana. Vale dizer que anteriormente Lefebvre já compreendia o espaço como uma construção social, assim mudando a concepção de espaço como um simples receptáculo.

É preciso ressaltar que: “Há um conflito que se agrava entre um espaço local, espaço vivido por todos os vizinhos, e um espaço global, habitado por um processo racionalizador e um conteúdo ideológico de origem distante e que chegam a cada lugar com os objetivos e as

normas estabelecidas para servi-los” (SANTOS, 2008b, p. 142). Por isso, Santos prefere o termo espaço banal, que seria o espaço de todos. Nele estão presentes a razão técnica como uma ordem distante e as múltiplas racionalidades que surgem da contiguidade e da convivência.

Esse conceito é importante para construção do nosso trabalho, pois contribui para compreensão das trajetórias dos sujeitos da pesquisa, seus caminhos dentro de Juiz de Fora, pois as vivências dos moradores do Cesário Alvim não se restringem ao bairro, mas uma parte importante do seu dia-a-dia ocorre em outros locais da cidade.

O Cesário Alvim é um bairro pequeno e para encontrar diversos serviços é preciso recorrer a locais próximos ou um pouco mais distantes. Por isso é importante entendermos os caminhos, os lugares que fazem parte do espaço vivido dos sujeitos da pesquisa.

4.2 Desvelando o Espaço Vivido dos sujeitos da pesquisa

A cidade é um lugar porque construímos símbolos sobre ela, assim Juiz de Fora, por exemplo, já foi conhecida como a Manchester Mineira. “A cidade é um lugar, um centro de significados, por excelência. Possui muitos símbolos bem visíveis. Mais ainda, a própria cidade é um símbolo” (TUAN, 2013, p. 211). Todavia, nem todo o espaço da cidade é efetivamente vivido, isso quando se trata de cidades médias e grandes. Em Juiz de Fora há uma concentração de serviços no centro. Por isso, a área central é muito movimentada, essa área faz parte do espaço vivido dos moradores de Juiz de Fora.

Dessa maneira o centro de Juiz de Fora faz parte do espaço vivido de todos os sujeitos da pesquisa e, como o Cesário Alvim é um bairro localizado próximo ao centro, as idas ao centro fazem parte do cotidiano dos sujeitos da pesquisa. Entretanto, as razões que motivam essas idas ao centro são variadas, como analisaremos a seguir.

O bairro Cesário Alvim faz parte do espaço vivido dos sujeitos da pesquisa. Para aqueles que moram nas ruas mais afastadas do bairro, principalmente nas ruas C e D e são obrigados a transitar por diversas ruas do bairro em seu caminho até o centro, elas são conhecidas e já são parte do espaço vivido deles.

Com o tempo, o bairro se torna conhecido, os pontos mais expressivos do local são apreendidos, ele se torna familiar. “Aprender a conhecer o bairro exige a identificação de locais significantes, como esquinas e referenciais arquitetônicos, dentro do espaço do bairro. Objetos e lugares são núcleos de valor. Atraem ou repelem em graus variados de nuances” (TUAN, 2013, p. 28).

A figura 13 é uma foto tirada na rua C. Nela é possível visualizar parte da área central da cidade e outras ruas do bairro. Essa é a vista panorâmica mais bonita do bairro e nessa foto também podemos perceber como o centro está próximo.



Figura 13

Centro de Juiz de Fora, vista da rua C.
Foto de Tânia de Oliveira Amaral, 2014.

Por outro lado para os sujeitos da pesquisa que residem em outras ruas do bairro, especialmente na Cesário Alvim, nem todos transitam por todo o bairro, especialmente nas ruas localizadas na área mais alta. Assim, o bairro é mais um panorama distante, eles percebem as mudanças, o adensamento do bairro, veem o surgir novas ruas. Mas, contudo não passam por elas e não vivenciam o seu cotidiano.

Vale dizer que com a idade e o aumento da dificuldade para caminhar, os trajetos dos moradores vão diminuindo. Assim, o espaço vivido vai sendo encurtado, pois aumenta a dependência em relação a outras pessoas. Alguns dos sujeitos da pesquisa já não saem tanto de casa, outros já saem apenas acompanhados de familiares, pois precisam de carro particular ou de táxi. Assim passam a depender do tempo e da boa vontade de outras pessoas.

O mundo percebido se encolhe com o declínio, tanto da visão como da audição. A diminuição da mobilidade restringe ainda mais o mundo do velho, não somente no óbvio sentido geográfico, mas também pelo fato dos encontros háptico-somáticos com o meio ambiente (escalar montanhas, correr, caminhar) se tornam menos freqüentes (TUAN,1980, 66).

Como a maior dos sujeitos da pesquisa são idosos, esse foi um fator relevante para a nossa pesquisa. Assim, Clara que gostava muito de passear por Juiz de Fora hoje vai apenas ao Centro: “antigamente eu gostava de passear por lugares que não conhecia, entrava no ônibus que ia para um bairro desconhecido e ia até o ponto final”. Atualmente vai ao centro de ônibus e passeia pela rua que mora, mas fica a maior parte do tempo em casa. Já Mariana, para sair de casa depende de táxi ou de um dos irmãos que moram em outros bairros da Zona Leste de Juiz de Fora.

Feita essa observação, então passemos para discussão sobre o espaço vivido dos sujeitos da pesquisa.

Para Júlia, o Centro faz parte do espaço vivido como um local de trabalho, pois faz faxina numa residência localizada na Avenida Barão do Rio Branco, próxima ao bairro Bom Pastor. No Cesário Alvim conhece várias pessoas da sua rua e das demais ruas. Ela gosta muito de andar pelo bairro. Nos finais de semana frequenta uma Igreja Evangélica localizada no bairro São Sebastião (Zona Leste).

Ana trabalha na Santa Casa de Misericórdia e, também, passa pelo centro todos os dias para ir ao trabalho. O trajeto do centro até a Santa Casa costuma fazer caminhada pela avenida mais movimentada da cidade, a Barão do Rio Branco. Habitualmente visita a irmã que mora no bairro Marumbi. Esse bairro já não fica próximo à sua casa. Nos finais de semana vai ao culto de uma Igreja Evangélica localizada no bairro Manuel Honório, também distante de sua casa, mesmo sendo um bairro da Zona Leste.

Carmem que já morou no bairro São Sebastião, vai lá passear para rever as amigas e também gosta de ir ao centro.

Luiza gosta de visitar os irmãos que moram em outros bairros; são eles: Furtado de Meneses, São Mateus e Marumbi. Nesse caso, as relações familiares é o fator que vai ampliar o seu espaço vivido, visto que comumente se desloca para bairros distantes a fim de se encontrar com os irmãos.

Maria se aposentou há pouco tempo e sai de casa para levar os netos para Escola Santos Anjos, localizada no bairro de mesmo nome. Também gosta de ir à Casa Espírita da

Rua Cesário Alvim, ou da Rua Sampaio no centro. Vai muito ao centro, frequenta o bairro Cascatinha com a finalidade de visitar uma irmã que mora lá.

Clara, como apontamos anteriormente, já não sai muito de casa devido à idade e à dificuldade de locomoção. Hoje diz “só vou até o centro”. Agora seu espaço vivido se tornou mais restrito, pois ficou limitado ao centro.

João vai muito ao centro e ao bairro Ipiranga. Neste bairro da zona Sul de Juiz de Fora mora um filho, por isso gosta de ir até lá. Mas sempre que sai de casa para outro bairro ou até centro é acompanhado por um dos seus filhos. Mora com uma filha e com a esposa.

Mariana tem o costume de ir à missa, mas precisa que um dos seus irmãos que moram próximo a leve de carro. Por sorte, seus irmãos moram na Zona Leste de Juiz de Fora, ou então necessita chamar um táxi. Também vai com frequência ao centro para consultar o médico ou fazer exames.

Cristina gosta de passear pela cidade de automóvel com um dos filhos; ela vai muito aos mercados Carrefour e Bahamas, não gosta de caminhar, para ir a pé, só a distâncias menores e pelo bairro.

Natália prefere ficar em casa, quando sai é para ir à Igreja ou até o centro da cidade, costuma ir à missa no centro. Nas suas palavras: “Não saio muito, mas vou ao centro ou à Igreja”. Ela sempre sai acompanhada do marido que também gosta de ir à Igreja.

Flávia é aposentada e tem uma vida muito ativa, sai muito de casa. Ela faz artesanato e vende numa loja na Rua São Sebastião, importante rua comercial de Juiz de Fora. Ela trabalha na loja três dias por semana, no restante da semana é sua sócia que vende as mercadorias. Também frequenta a Igreja Melquita. Essa Igreja está localizada no bairro Santa Helena, próximo à área central de Juiz de Fora, mas do outro lado do centro. Por isso é bem distante de sua casa; para ir até lá é preciso passar pelo centro; também faz terapia no centro.

Como visto, o centro faz parte do espaço vivido de todos os sujeitos da pesquisa, mesmo para aqueles que têm problemas para se locomover. Mesmo que seja para consulta, ou para comprar algum item no comércio, o centro é um local que comumente é visitado pelos sujeitos da pesquisa.

Outros bairros são visitados para ir à Igreja. Os sujeitos da pesquisa ou saem para ir ao culto ou à missa. Não há Igreja nem Evangélica e nem Católica no bairro Cesário Alvim, por isso é preciso se deslocar para outro local. A Igreja Católica mais próxima é a Cristo Rei localizada no bairro Jardim do Sol.

Os laços de amizade ou de parentesco também levam os sujeitos da pesquisa a se deslocarem para outros bairros de Juiz de Fora. Muitos deles têm parentes que vivem em bairros distantes.

O deslocamento em alguns casos só pode ser feito de carro ou acompanhado, pois, como discutimos anteriormente, com o avanço da idade o espaço vivido pode ser reduzido. Aumenta a dependência em relação aos familiares, portanto sair passa a ser uma tarefa mais difícil. Mas, há casos como o da Flávia, que continua se mantendo muito ativa, nem sempre a aposentadoria precisa ser sinônimo de vida sedentária. Cada vez mais os idosos estão tendo uma vida ativa.

Destaca-se que para população local da Terceira Idade não há nenhuma opção de lazer próximo, essa seria importante para manter a disposição e a socialização e, assim, fazer novas amizades. O único local de encontro que os sujeitos da pesquisa frequentam são Igrejas.

É nos trajetos, nos caminhos traçados diariamente que o espaço vivido vai sendo definido, assim o centro, o bairro e outros locais da cidade vão sendo experimentados pelos sujeitos da pesquisa. “No ato de locomover-se, o espaço e seus atributos são experimentados diretamente” (TUAN, 2013, p. 28). Assim, a cidade passa a ser composta por locais que têm significados para os cidadãos.

4.3 Juiz de Fora e o Espaço vivido dos moradores do Cesário Alvim

Muitos lugares da área Leste de Juiz de Fora fazem parte do espaço vivido dos sujeitos da pesquisa, principalmente pela presença de familiares. Os sujeitos da pesquisa têm familiares que moram em algum dos bairros da Zona Leste, mas essa área da cidade carece de melhor infraestrutura e nela há poucos serviços disponíveis.

Não é apenas o Cesário Alvim que carece de serviços básicos. O comércio é muito deficitário, com pouca presença de bares, restaurantes e mercados. Entretanto, os moradores da Rua Cesário Alvim e das ruas mais próximas têm mais opções, pois há um mercado maior na Avenida Sete de Setembro, rua transversal à Cesário Alvim e lotérica no Jardim do Sol, bairro que fica próximo a Cesário Alvim. No Jardim do Sol, um bairro a cerca de um quilômetro acima na encosta, há uma pequena praça com uma quadra de futebol, alguns bancos para sentar, uma Igreja e alguns estabelecimentos comerciais como padaria, bar e um pequeno mercado. Mas os moradores das ruas mais afastadas têm que buscar esses serviços no centro ou andar até o Jardim do Sol. Frequentemente, preferem a primeira opção, pois vão

até lá para fazer uma atividade como, por exemplo, pagar uma conta na agência bancária e acabam comprando algum item que estava faltando em casa no mercado do centro.

Nesse sentido, a proximidade com o centro é um fator muito benéfico porque lá é possível encontrar o comércio mais variado da cidade, serviços em educação, saúde, bancos e etc. O centro faz parte do espaço vivido dos sujeitos da pesquisa, todos em algum momento acabam tendo que recorrer ao centro.

A cidade é um espaço que é produto da ação do homem sobre natureza, ela supõe trocas e o encontro de diversas pessoas. “A grande cidade é uma intervenção do homem sobre a Terra, um desenvolvimento circundando um ponto, um porto, um cruzamento, uma exploração mineral ou manufatureira (...). Em contrapartida, ela é por si só um certo horizonte geográfico” (DARDEL, 2011, p.27). Esse espaço, produto da intervenção do homem, dá possibilidades ou restringe a ação dos cidadãos, esse horizonte pode ser promissor, ou miserável.

No caso de Juiz de Fora, as possibilidades da cidade se concentram, sobretudo no centro. O centro de Juiz de Fora é muito denso em serviços e ainda tem um papel central na vida urbana da cidade. Há um contingente de pessoas que passam pelo centro durante os dias úteis no horário comercial. O centro urbano dessa cidade ainda concentra uma quantidade enorme de serviços, o que acaba atraindo um grande número de pessoas.

A Zona Leste, em especial o Cesário Alvim, é um local em que o comércio e a oferta de serviços são escassos e também, devido à proximidade com o centro, segundo uma informante da pesquisa: “não dá certo o comércio na Rua Cesário Alvim”, nessa rua já foram abertos diversos estabelecimentos que acabaram fechando. Qualquer estabelecimento que for aberto nessa rua terá que concorrer com o comércio presente no centro, devido à proximidade com a área central; essa é uma das razões pela qual o comércio é tão escasso no bairro Cesário Alvim e entorno.

O centro de Juiz de Fora atrai moradores de todos os lugares de Juiz de Fora e até de cidade vizinhas, os serviços concentrados no centro são atrativo importante.

O centro de Juiz de Fora tem uma vida intensa em todos os dias do ano e atrai uma população diversificada em faixas etárias e de renda e com diferentes objetivos, seja a população juizforana ou a que vem da Zona da Mata Mineira ou de alguns municípios do Rio de Janeiro devido à proximidade com a cidade. O comércio em geral e as atividades de serviços se espalham por lojas e edifícios, estão presentes também nas galerias térreas, atendendo à população crescente (CHAVES, 2013, p. 90)

O centro também é um local de encontro para muitas pessoas que se deslocam até lá com a finalidade de encontrar amigos ou familiares.

A área central também é uma área de passagem de uma região da cidade para outra. Os ônibus urbanos levam até o centro de lá é preciso tomar outro ônibus para ir até um bairro mais distante.

No centro também se destacam os serviços de saúde oferecidos nas diversas clínicas, laboratórios, consultórios médicos; por esse motivo um dos sujeitos da nossa pesquisa se desloca sempre até o centro. É também é o local de trabalho de muitos dos moradores da cidade de Juiz de Fora, que atuam no comércio ou em outra atividade, três dos sujeitos da nossa pesquisa trabalham no centro de Juiz de Fora.

A partir da segunda metade do século XX as áreas centrais tem perdido importância devido ao aparecimento de subcentros. Mas em Juiz de Fora o núcleo central continua tendo um papel relevante. O núcleo central de Juiz de Fora forma um triângulo com o encontro das três principais vias da cidade, são elas: Avenida Getúlio Vargas, Avenida Barão do Rio Branco e Avenida Presidente Itamar Franco.

A cidade é um lugar apreendido através de símbolos, mas a cidade como um todo não faz parte do Espaço vivido dos cidadãos. No caso da nossa pesquisa o núcleo central é o espaço vivido por todos os sujeitos da pesquisa.

O espaço vivido dos sujeitos da pesquisa se restringe, sobretudo, ao bairro-centro isso se deve, primeiramente, a proximidade do Cesário Alvim com o centro, isso ocorre também devido a funcionalidade histórica do centro de Juiz de Fora que vem concentrando uma série de serviços. Dessa maneira, para os que participaram desse trabalho o centro é um local importante, tanto que para eles um fator positivo do bairro em que moram é a sua localização próxima ao centro.

É preciso ressaltar que os sujeitos da pesquisa falaram mais sobre o lugar (o bairro), o espaço vivido é lembrado apenas a partir do centro, das Igrejas e das relações de parentesco, ou de amizade. Assim, acreditamos que o lugar é mais relevante nas suas vivências. O espaço vivido (centro) tem se tornado significativo devido aos serviços encontrados ali.

Devido às vivências na cidade, ela vai se tornando conhecida, assim ela vai adquirindo significado vai sendo apreendida através das experiências do cotidiano. “Eventualmente o que foi uma cidade estranha e desconhecida se torna um lugar familiar. O espaço abstrato, carente de significados exceto pela estranheza, torna-se um lugar concreto, cheio de significado. Muita coisa é apreendida, mas não por meio da instrução formal” (TUAN, 2013, p. 243).

Juiz de Fora e, sobretudo, o centro da cidade fazem parte do espaço vivido dos sujeitos da nossa pesquisa, por isso a cidade é apreendida por eles e adquire significados.

4.4 Trajetórias dos moradores do Cesário Alvim: entre o Lugar e o Espaço vivido

O discurso dos sujeitos da pesquisa deve ser analisado a partir daquilo que foi dito e do que não esteve presente na fala. Dois pontos importantes não foram lembrados pelos participantes da pesquisa. O primeiro deles é com relação à falta de área verde no lugar onde vivem. Não há próximo ao Cesário Alvim uma praça, parque ou qualquer outra área verde. O segundo ponto se refere ao risco ambiental e de desastre presente nas ruas C e D.

No que se refere ao primeiro item, a zona de Leste é muito povoada e não há nenhuma área verde próxima ao Cesário Alvim. Há a reserva Biológica de Poço D' Antas, mas além de ser distante, nela é proibida a visitação. Por isso, não é uma área de lazer. Portanto, não há nenhum espaço público onde possa ocorrer a socialização dos moradores do bairro em questão e em nenhum ponto de entorno. Há apenas um campo de areia no bairro Santa Cândida. Nele, vários garotos se divertem jogando futebol. Todavia, falta um local de lazer onde as outras faixas etárias possam participar. Assim, falta uma área que possibilite o lazer e a socialização dos moradores da Zona Leste.

Nos bairros onde reside a população com maior renda per capita são construídas as praças. Essas se tornam um importante ponto de referência do bairro. As casas mais próximas são mais valorizadas, nelas as crianças se divertem enquanto as mães conversam e também têm o seu momento de lazer e os idosos se reúnem para conversar e jogar. Então, as praças são importantes como ponto de encontro e de socialização.

No Cesário Alvim, a praça mais próxima fica na área central que é a Praça da Estação, nela há um espaço para as crianças brincarem. Há também, como citamos anteriormente, uma praça no bairro Jardim do Sol, um bairro de classe média.

Não faz parte do Espaço Vivido dos sujeitos da pesquisa nenhum espaço público de lazer, não existe nenhum ponto comum de encontro. Esse fato não foi lembrado por nenhum dos sujeitos da pesquisa. Ninguém disse que a construção de uma praça seria importante. Também não lembraram a falta de área verde. Como já foi apontado por diversas pesquisas, essas são importantes para a saúde pública, pois ajudam a manter a qualidade do ar, entre outros benefícios.

Vale destacar que os parques e as praças são associados comumente como ambiente natural, mas esse é um ambiente projetado e construído pelo trabalho humano. As árvores são

dispostas de acordo com os elementos estéticos e de conforto para os usuários do parque, formando uma geometria. Nele os elementos da natureza estão dispostos de acordo com o interesse humano, é uma natureza projetada artificialmente. Esses ambientes que atualmente fazem parte do espaço urbano nem sempre foram considerados como uma construção benéfica para as cidades. Por isso, se faz necessário uma breve consideração sobre a construção dos parques urbanos e os valores a ele relacionados.

A valorização da natureza ocorreu em um período recente da história da humanidade, teve início no século XVIII, no início da era moderna, no século XV. Aquilo que não era objeto construído pelo trabalho humano era visto com desdém e os artefatos produzidos pelo homem eram exaltados. Assim, os ambientes naturais eram vistos como atrasados e os ambientes “antrópicos” eram vistos como modernos.

Essa mudança de valor com relação ao que remete a natureza ocorreu com o início da Revolução Industrial, sobretudo, devido a insatisfações com o ambiente urbano. Num primeiro momento o que orientou a construção dos parques urbanos foi o processo de higienização da cidade.

Segundo (COSTA, 2012, p.71):

A introdução da vegetação na cidade correspondeu a uma preocupação com a salubridade, derivada da teoria miasmática que orienta o processo de higienização da cidade. Essa preocupação desencadeou uma série de projetos urbanísticos direcionados à implantação da arborização, sejam nas vias públicas, parques, praças ou jardins. E estava também atrelado a uma afeição pela natureza, real ou imaginária, no final do século XVIII ligada ao sentimento de saudade e amor pelo campo, pelo selvagem (COSTA, 2012, p.71).

O sentimento de topofilia pela natureza começou no ocidente ao mesmo tempo em que houve um maior desenvolvimento urbano. Portanto, foi um sentimento de retorno ao natural e ao selvagem. Também atrelado a esse sentimento foi o aumento da construção de parques urbanos, o que teve início na Inglaterra e se espalhou para todo ocidente. Hoje, são uma amenidade nas cidades movimentadas, propiciam uma fonte importante de lazer e de socialização para os cidadãos e o que é mais importante é que os parques e as praças são uma fonte democrática de lazer, pois são gratuitas, ajudando a promover a saúde e a qualidade de vida.

A construção de parques e praças deve ser considerada no planejamento urbano, por isso concordamos com Costa:

Para nós, o culto da natureza orientada pela ideia dos jardins e a demanda por lazer e recreação, derivam de experiências íntimas com esses espaços, e constituem uma dimensão da subjetividade humana que orienta o uso desses espaços. E por esse motivo devem ser compreendidas enquanto importante informação para serem conhecidas e consideradas no planejamento de espaço livre da cidade. (COSTA, 2012, p.71).

A valorização desses lugares está relacionada com as experiências e com a subjetividade, portanto é benéfica a construção de praças e parques para promover uma relação com esses espaços. Os sujeitos da pesquisa não citaram em nenhum momento de suas falas a necessidade de construção de parque ou praça.

No espaço vivido deles essas construções não estão presentes. Elas não foram lembradas porque não fazem parte das experiências dos sujeitos da pesquisa. A relevância que é dada a esses espaços ocorre também devido às vivências neles. Por outro lado, devemos lembrar que existem as necessidades básicas no Cesário Alvim que ainda não foram atendidas, como a coleta de lixo e limpeza urbana; assim outras reivindicações não são lembradas.

A construção de espaços públicos destinados à convivência, ao lazer, á melhoria estética do ambiente são importantes para ressaltar o sentimento de topofilia pelo lugar. Ajuda a ver o lugar onde está a residência de maneira ainda mais positiva.

A construção de uma praça ou de um parque é a construção de um lugar, é a transformação do espaço em lugar. A partir do momento em que esse espaço passa a ser frequentado e experimentado pelos moradores próximos, essa se tornar lugar porque a ela passa a ser atribuído significado, e ali ocorre o encontro e a con-vivência com vizinhos que não moram tão próximos, o que é importante para criar uma maior identificação com o bairro.

Por isso, nós acreditamos que a construção de espaços públicos nas áreas periféricas deve ser planejada pelo poder público. Os bairros nobres e os condomínios já contam com esses espaços de convivência, mas nas periferias ainda são deficitários. Esses são justamente os locais onde eles seriam mais necessários porque ali faltam opções de lazer para os moradores e a renda nem sempre permite fazer outras atividades alternativas.

A construção do espaço ocorre devido aos anseios da classe dominante, que visa a reprodução do capital, mas também corresponde as anseios da sociedade como totalidade, assim a construção das cidades e da infraestrutura urbana ocorre através da disputa entre essas duas forças.

Dessa maneira, é licito dizer que a mobilização das classes menos favorecidas é a forma pela qual podem conseguir ver valer os seus direitos e terem as suas demandas

atendidas. No que se refere ao nosso local de estudo, é necessário que haja uma organização comunitária para que os moradores do bairro possam ser mais atuantes na política municipal e, assim, possam participar mais ativamente da construção do espaço urbano.

É preciso ressaltar que as ruas localizadas na parte mais alta do bairro apresentam risco de deslizamento de encosta, a rua C está localizada num corte da encosta. Todavia, esse risco ocorre devido à forma como foi se estruturando a construção da rua e das casas. As casas são construídas sem a devida orientação técnica, na sua maior parte, sem a construção do muro de arrimo, para conter a encosta. A construção dessa proteção encarece a obra.

A abertura da rua e a construção das moradias ocorreram sem o licenciamento da prefeitura. Somente depois da rua estruturada que a prefeitura oficializou as ruas C e D, como mostramos anteriormente. O que demonstra que não houve em juiz de Fora um planejamento urbano que realmente atendesse às áreas periféricas. Aqueles que não têm renda suficiente para morar em áreas já estruturadas acabam por construir nessas. A desigualdade social se materializa no espaço, na diferença da moradia dos ricos e dos menos abastados. Essa desigualdade poderia ser amenizada se houvesse uma política pública de habitação que atendesse a todos e, como vimos, isso ainda não ocorreu.

O espaço vivido e construído pelo homem reflete a sociedade. Dessa maneira, a desigualdade se materializa no espaço, como no caso da construção dos bairros periféricos. “O espaço reproduz a totalidade social na medida em que essas transformações são determinadas por necessidades sociais, econômicas e políticas” (Santos, 2008, p.33).

Assim, a falta de estrutura dessas ruas se refletiu em risco ambiental e social. Todavia, nenhum dos sujeitos da pesquisa falou sobre esse fato. Uma das nossas entrevistas ocorreu após uma noite de chuva em Juiz de Fora. Na rua D caiu uma pequena parte de uma escada que dá acesso a uma residência. Nesse dia, a entrevistada que mora na referida residência, não se referiu ao ocorrido. Apenas uma informante disse que caiu uma pequena parte da escada, mas não foi nada grave.

Para os moradores dessas ruas, o maior receio é terem que se mudar devido ao risco ambiental, como percebemos na primeira pesquisa realizada nessas ruas em questão. Há um discurso que busca negar o risco na sua residência; mesmo que reconheçam que há casas que estão em risco, é sempre a do outro e não a sua própria. O lugar remete à proteção e, por isso é difícil reconhecer que o lar, um lugar privilegiado, está numa situação de risco.

Outra razão para esse assunto não ser tratado abertamente é o medo de serem forçados a se mudarem de suas residências. O acidente fatal ocorrido no primeiro dia de 2010 repercutiu e o bairro se tornou conhecido porque o caso foi divulgado no jornal e na televisão

local. A Defesa Civil do município passou a estar presente no local com mais frequência. Os moradores passaram a sentir que a permanência no bairro poderia estar ameaçada. Mas a mudança forçada do lugar onde se vive é ser retirado do seu lugar, onde foi investido seu tempo e seu afeto.

Além da roupa, uma pessoa no transcurso do tempo, investe parte de sua vida emocional em seu lar e além do lar, em seu bairro. Ser despejado, pela força, da própria casa e do bairro é ser despido de um invólucro, que devido à sua familiaridade protege o ser humano das perplexidades do mundo exterior. Assim como algumas pessoas são relutantes em abandonar um velho casaco por um novo, algumas pessoas - especialmente as idosas - relutam em abandonar seu velho bairro por outro com casas novas. (TUAN, 1980, p. 114)

Por isso o receio dos sujeitos da pesquisa em tratar de um tema tão delicado para eles, a permanência no lugar onde vivem e desejada por eles. É um assunto que eles estão cientes, sobretudo depois do acidente, mas que preferem não mencionar.

É preciso ressaltar que as vivências ocorrem também no espaço vivido onde os sujeitos da pesquisa transitam diariamente ou não. Assim, as trajetórias são inscritas entre o espaço vivido da cidade onde o lazer, a fé, o trabalho, a busca por serviços de saúde ocorrem e é no lugar, no lar, na rua, onde as necessidades mais íntimas são atendidas.

No final do dia, terminado o trabalho é para proteção da casa e para o convívio com os familiares que retornamos. Se o cotidiano é desgastante é no lar que repousamos. Mas, no espaço vivido estão os caminhos onde são encontradas novas possibilidades, onde também ocorre nossa existência.

As relações entre espaço e lugar se confundem, os trajetos diários ocorrem no espaço vivido, mas com o tempo esse vai se tornando lugar à medida que ganha sentido e se torna conhecido. Portanto, mesmo o espaço sendo mais abstrato que lugar, não há uma fronteira precisa entre o que seja lugar e espaço vivido. “As relações de espaço e lugar. Na experiência, o significado de espaço frequentemente se funde com o de lugar. “Espaço” é mais abstrato do que “lugar”. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e dotamos de valor” (TUAN, 2013, p. 14).

As experiências dos sujeitos da pesquisa ocorrem entre o lugar e o espaço vivido, assim suas trajetórias vão sendo inscritas em Juiz de Fora, ao mesmo tempo em que o lugar e o espaço vão adquirindo significado e vão sendo coloridos por emoções.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como finalidade pesquisar o lugar e o espaço vivido dos moradores de um bairro periférico, localizado na Zona Leste de Juiz de Fora. O bairro, a rua e o lar são lugares privilegiados e, por isso, ricos em significados. As trajetórias dos sujeitos da pesquisa levam ao espaço vivido, experimentado e apreendido no cotidiano dos habitantes do bairro em questão.

A busca por descobrir as vivências dos moradores do Cesário Alvim tendo como referencial teórico a Geografia Humanista e autores que trabalham numa perspectiva crítica e, em especial, Milton Santos, foi um desafio, pois são duas abordagens com foco distinto. A primeira visa compreender a construção dos significados e valores atribuídos ao lugar, a segunda, trabalha a produção material do lugar, revelando as injustiças advindas do modo de produção vigente.

Tentamos construir uma ponte entre as duas abordagens para compreendemos o Cesário Alvim como um lugar rico em significados e valores, onde os sentimentos, as cores dadas ao lugar estão presentes na fala dos sujeitos da pesquisa. Mas, ao mesmo tempo, como um bairro periférico, cuja construção foi marcada pelo descaso do poder público e esse fato mostra a materialização no lugar da desigualdade social.

Como um bairro cujos moradores pertencem a classe trabalhadora mais humilde, o Cesário Alvim foi sendo relegado pela elite local e pelo poder público municipal a um segundo plano e o seu crescimento foi ocorrendo sem planejamento. As áreas da cidade onde vivem os mais ricos ao contrário, historicamente, em Juiz de Fora, vêm sendo planejadas e têm recebido investimentos públicos e privados, sendo constituídas, desde muito, com total infraestrutura.

As condições nem sempre favoráveis tem sido vividas pelos moradores do bairro em questão. As dificuldades com a falta da coleta de lixo, a falta de limpeza dos bueiros, o asfalto que sempre tem buracos e as calçadas mal construídas são experiências que fazem parte do cotidiano dos moradores do Cesário Alvim.

Todavia, o bairro analisado é um lugar que desperta sentimentos de topofilia e solidariedade, onde as relações com os amigos do bairro são um fator relevante para ressaltar o sentimento de topofilia. O Cesário Alvim é o lugar da infância para alguns dos sujeitos da

pesquisa, a rua o local onde aconteciam as brincadeiras. Para outros, é o lugar onde se conquistou uma moradia e onde depois de muita luta conquistaram a infraestrutura.

Vale dizer que a metodologia qualitativa e as técnicas como a observação e a entrevista semi-estruturada, são instrumentos de pesquisa que ajudaram na construção de um significativo material para ser analisado, a partir do referencial teórico. Entretanto, essa metodologia exige tempo para permanecer em campo e, além disso, é necessário domínio dos instrumentos de pesquisa qualitativa. É preciso ressaltar que no nosso trabalho tivemos um tempo considerável em campo e conhecíamos anteriormente alguns dos sujeitos da pesquisa. Mas, para um conhecimento mais profundo dos aspectos subjetivos dos sujeitos da pesquisa seria necessário uma Pesquisa Participante com a moradia da pesquisadora em campo. Isso possibilitaria maior abertura dos participantes da pesquisa, visto que tivemos dificuldade com a resistência deles em falar sobre os aspectos mais íntimos das suas vivências. Porém, não dispúnhamos nem de tempo e nem recursos para fazê-lo. Mas o material gerado buscou trazer apontamentos sobre as vivências na periferia.

Em pesquisa qualitativa o pesquisador precisa escutar o que os sujeitos da pesquisa estão dizendo, precisa se colocar como quem busca compreender as vivências dos moradores. É necessário também observar o que já é conhecido com curiosidade. Para compreender a fala dos sujeitos da pesquisa é importante buscar também por aquilo que não foi dito, mas que esteve implícito nas suas falas.

Portanto, o pesquisador é um instrumento muito importante na pesquisa, tanto na construção dos dados como na sua análise. Não há neutralidade que começa pela escolha do referencial teórico que vai definir a abordagem. No campo, além da técnica empregada, é a lente do pesquisador, a sua observação que vai definir o sucesso ou o fracasso do trabalho.

Em campo são muitos os desafios, como o de ganhar a confiança dos sujeitos da pesquisa; a presença em campo precisa se tornar um fato que não chame mais a atenção, se tornar comum para que os moradores do lugar não mudem de atitude na presença do pesquisador. É preciso ter persistência e buscar os informantes que conhecem bem o lugar e principalmente têm uma boa relação com os moradores do lugar.

No que se refere ao presente trabalho, o conhecimento anterior do bairro pela pesquisadora foi fundamental para estabelecer os primeiros contatos e para tornar o acesso ao lugar e às pessoas mais facilmente. Esse fato contribuiu de maneira decisiva para construção da pesquisa.

No trabalho de campo, na busca pelas vivências dos sujeitos da pesquisa é preciso estar atento aos detalhes do cotidiano. Nós não esperávamos que o lugar do nosso estudo

mudasse tão rapidamente e que houvesse uma diferença tão acentuada entre as diversas ruas do bairro. É importante ir a campo sem perguntas muito predeterminadas, mas observar e buscar por questões que ainda não se sabe muito bem quais são. As questões surgem mais nitidamente com o desenvolvimento da pesquisa. Nesse sentido, a fenomenologia é uma influência filosófica que dá o embasamento para esse tipo de pesquisa.

A questão do aumento do tráfico de drogas e o sentimento de insegurança foi algo inteiramente novo para nós que tentamos reforçar que a periferia não é simplesmente o local da violência. Mas nos deparamos com esse fato no Cesário Alvim e ele foi vivido pela pesquisadora em campo. Por isso, teve que fazer parte da nossa análise. Nesse momento, nos deparamos também com o sentimento de insegurança e com as nossas ideias preconcebidas sobre a violência urbana. Tivemos que buscar na literatura a base teórica para compreendermos esse fato. Nesse sentido, Milton Santos e a Ermínia Maricato contribuíram para o entendimento dessa nova questão. Nesse momento, o trabalho passou a ter um viés mais crítico.

É preciso ressaltar que o referencial teórico baseado na Geografia Humanista ofereceu subsídio para a compreensão do lugar vivido pelos sujeitos da pesquisa. Os conceitos Lugar e Espaço Vivido foram a base conceitual para leitura do Cesário Alvim. Os autores dessa corrente de pensamento contribuíram para interpretação do discurso dos sujeitos da pesquisa.

As técnicas da pesquisa qualitativa contribuíram para análise pautada na Geografia Humanista, pois propiciaram a construção de um material com relatos de vivências e experiências relacionadas ao lugar. Por sua vez, o geógrafo humanista contribui na interpretação das experiências humanas, ajuda a revelar o mundo vivido e as relações de proximidade e distanciamento que estão relacionadas ao lugar.

Quando foi necessário, buscamos como referência autores da Geografia com influência marxista, como na discussão que traçamos sobre a história do Cesário Alvim vivida pelos sujeitos da pesquisa. Foi necessário buscar referência sobre a construção das periferias que é marcada pelo descaso do poder público. Elas vão sendo construídas sem planejamento, enquanto as áreas onde vivem os privilegiados do sistema são dotadas de todos os equipamentos urbanos e amenidades disponíveis. Portanto, tentamos desenvolver uma compreensão do Cesário Alvim pautada nas vivências dos sujeitos da pesquisa, mas sem esquecer a influência do sistema sócio econômico vigente, produtor de desigualdades. Essas injustiças se materializam no Cesário Alvim e fazem parte das experiências dos sujeitos da pesquisa.

A história da construção do bairro é muito semelhante à história da construção de outras tantas periferias que estão presentes nas cidades brasileiras. Elas surgem e vão crescendo sem nenhum planejamento, são construídas a partir do esforço dos próprios moradores que constroem suas residências. As ruas são dotadas de infraestrutura depois da luta e das reivindicações dos moradores. E, posteriormente são reconhecidas como bairros.

No Cesário Alvim a desigualdade inerente ao sistema sócio econômico se revela através da falta de infraestrutura e equipamentos urbanos adequados, a construção das diversas ruas do bairro mostra o quanto essas áreas periféricas são deixadas em segundo plano. Dessa maneira, os primeiros moradores tiveram que reivindicar junto ao poder público municipal a melhoria da rua onde vivem. Assim, a construção do bairro também ocorre através da luta dos seus moradores, que buscam por melhores condições de existência. O bairro se transforma em local da luta por melhores condições de vida.

O lar e a rua são lugares íntimos que estão no centro das vivências de cada sujeito. A habitação precisa ser pensada e planejada pelo poder público como uma prioridade.

A construção material das cidades necessita ser pensada para atender as necessidades de todos os cidadãos e, não apenas de uma minoria que detém o capital e o poder político. Para que a cidade seja efetivamente de todos é necessário ouvir a voz de todos aqueles que a habitam e que no cotidiano de suas vidas constroem mais que casas, ruas, edifícios, pontes: constroem símbolos sobre a cidade.

A periferia é comumente lembrada pelas ausências de infraestrutura, pelo transporte público deficitário e pela violência. Assim, criam-se signos sobre a periferia relacionada a essas ausências e a violência. Por outro lado, na academia, o tema da produção do espaço urbano tem sido muito estudado e a produção da desigualdade tem sido bem compreendida. Todavia, aqueles que vivenciam a periferia não têm sido ouvidos por vezes pela própria academia, que do alto de suas teorias e convicções científicas, apresentam modelos e concepções já previamente definidas.

O que pudemos estudar através do presente trabalho são as vivências dos moradores de um bairro periférico, o relato de suas histórias de vida que revelou a construção do lugar onde vivem. Os sentimentos de topofilia presentes nos seus relatos mostraram que as experiências no bairro são positivas, que os vizinhos são uma parte importante dessas experiências.

Pudemos perceber que as relações de vizinhança e de solidariedade ainda estão muito vivas. O vizinho é aquele a quem, se necessário, é possível se recorrer. A con-vivência ocorre

através da ajuda mútua que acontece nas tarefas mais simples como trazer a criança da vizinha da escola, ou ajudar a levar as compras para casa.

Através das falas dos sujeitos da pesquisa pudemos compreender que as vivências no bairro são marcadas por uma relação de vizinhança pautada na solidariedade, pelo conhecimento do lugar que vem do tempo prolongado de convivência e que são construídos valores positivos sobre o lugar em que vivem.

Mas no Cesário Alvim não há uma identificação com o bairro delimitado como um todo. A identificação ocorre com a rua em que vive. Os moradores do lugar não se reconhecem como pessoas que co-habitam o mesmo espaço e que pertencem à mesma classe social. A atitude com o bairro é de negação e não de pertencimento. Não há uma compreensão que partilham da mesma realidade geográfica.

Assim, no nosso estudo pudemos compreender a periferia como o lugar da co-presença, onde ainda são fortes as relações de solidariedade entre os vizinhos mais próximos. No Cesário Alvim, um bairro pequeno e pouco populoso, verificamos uma grande diversidade entre as diversas ruas, tanto no que se refere à história de ocupação, no momento de construção, como também com relação à infraestrutura e aos tipos de habitação.

Acreditamos que seja necessário ouvir os moradores das áreas mais pobres para que possamos compreender suas experiências e os significados que atribuem ao lugar onde vivem. Esse tipo de trabalho pode ser desenvolvido nas periferias de outras cidades para estudar esses locais a partir daqueles que o vivenciam. Para construção de uma cidade mais justa é necessário que todos os cidadãos tenham voz.

Referências bibliográficas

ALVES-MAZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. “ O Planejamento de Pesquisas Qualitativas”. In: ALVES-MAZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O Método nas Ciências Naturais e Sociais**. São Paulo: ALVES-MAZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. “ O Planejamento de Pesquisas Qualitativas”. In: ALVES-MAZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O Método nas Ciências Naturais e Sociais**. São Paulo: Pioneira, 1998, p. 146-188.

ARANTES, Otilia Beatriz F. **Uma Estratégia Fatal: A cultura nas novas gestões urbanas**. In: ARANTES Otilia; VAINER Carlos; MARICATO Emínia; **A Cidade do Pensamento Único: desmanchando consensos**. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BECHER, Bertha K. e ENGLER, Cláudio A. G. **Brasil: Uma Nova Potência Regional na Economia-Mundo**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1998.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **“No Rancho Fundo”: espaços e tempos no mundo rural**. Uberlândia, MG: EDUFU , 2009. 244p

BORGES, Maristela Corrêa. **Da observação participante à participação observante: uma experiência de pesquisa qualitativa**. in **Geografia e pesquisa qualitativa: nas trilhas da investigação**. Julio César de Lima Ramires; Vera Lúcia Salazar Pessôa (organizadores) Uberlândia: ASSIS, 2009. p. 544

BUTTNER, Anne. Apreendendo o Dinamismo Do Mundo Vivido. (Trad.) Transcrito dos **Annls of Association of American Geographers**, 66 (2): 277-292, junho 1976. Título Original: “ Grasping the Dynamism of Lifeworld”.

CARLOS, Ana Fani. **A (Re)Produção do Espaço Urbano**. SP. EDUSP.2004.

CHAVEIRO, Eguimar F. **Corporeidade e Lugar: Elos da Produção da Existência**. In: **qual o espaço do lugar?** MARANDOLA Jr., Eduardo; HOLZER Werther; OLIVEIRA, Lívía (organizadores); São Paulo: Perpectiva, 2012.

CHAVES, Telma S.; **JUIZ DE FORA – MG: uma análise da reestruturação urbana – entre o discurso e a realidade**. 2013.154f. Dissertação (Mestrado em Geografia)- Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.2013.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 2.ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

COSTA, Renata G. da S.; **Valores, atitudes e simbolismos:** Estudo da percepção dos frequentadores do Parque Mariano Procópio, Juiz de Fora, MG. 2011.190f. Dissertação (Mestrado em Geografia)- Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais. 2011.

DARDEL, Eric. O homem e a terra: natureza da realidade geográfica; tradução Werther Holzer. – São Paulo: Perpectiva, 2011.

DARTIGUES, André. **O Que é a Fenomenologia?** Tradução de Maria José J. G. de Almeida Rio de Janeiro: Livraria Eldorado Tijuca LTDA, 1973

FILHO, Oswaldo B. A. A Evolução do Pensamento Geográfico e a Fenomenologia: Publicado in **Sociedade e Natureza**. Uberlândia 11 (21 e 22) 67-87,jan/dez. 1999.

GIL, Antonio C. Entrevistas. In: _____. **Métodos e Técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999. p.117-126.

HEIDEGGER, **Martin. Ensaios e Conferências.** Tradução de Emanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Maria Sá Cavalcante Schuback.-8.ed. – Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012.

IBGE. **Contagem da população:** 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

JUIZ DE FORA (MG).PREFEITURA, **Legislação Municipal**. [En línea]. 2014. <<http://www.jflegis.pjf.mg.gov.br> >.Acesso em: fevereiro 2014.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia;** Tradução Marie-Agnès Chauvel. São Paulo: Brasiliense, 2007.

LE FEBVRE, Henri. **A cidade do Capital. Rio de Janeiro, RJ: DPeA, 1999.**

_____ **A Revolução Urbana.** Tradução: Sérgio Martins. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. p. 178.

MARANDOLA Jr., Eduardo. Lugar enquanto circunstancialidade. In: **qual o espaço do lugar?** MARANDOLA Jr., Eduardo; HOLZER Werther; OLIVEIRA, Livia (organizadores); São Paulo: Perpectiva, 2012.

MARICATO, Ermínia Terezinha Menon. **Brasil, cidades : alternativas para a crise urbana.** Petrópolis, RJ : Vozes, 2001.

MATOS, Patrícia Francisca de.; PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. **Observação e entrevista: a construção de dados para a pesquisa qualitativa em geografia agrária.** in **Geografia e pesquisa qualitativa: nas trilhas da investigação.** Julio César de Lima Ramires; Vera Lúcia Salazar Pessôa (organizadores) Uberlândia: ASSIS, 2009. p. 544.

MAZETTO, Francisco de A. Penteadó. **A Geografia da Saúde e a Abordagem Humanística.** Anais do III Simpósio Brasileiro de Geografia da Saúde. Curitiba, 2007.

MELO, João Batista Ferreira de. “Valores em Geografia e o Dinamismo do Mundo Vivido na Obra de Anne Buttimer.” **Espaço e Cultura** , UERJ , RJ. N° 19-20. Jan./Dez.2005.

_____. **O triunfo do lugar sobre o espaço.** in: **qual o espaço do lugar?** MARANDOLA Jr., Eduardo; HOLZER Werther; OLIVEIRA, Livia (organizadores); São Paulo: Perpectiva, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza, SANCHES Odécio. Quantitativo- Qualitativo: oposição ou complementaridade? **Caderno de saúde pública** jul/ set 1993, vol. 9 no.3.

MIRANDA, Sonia Regina. **Cidade, capital e poder: Políticas públicas e questão urbana na velha Manchester mineira.** 1990. Dissertação (Mestrado em Historia) - Centro de Estudos Gerais, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1990.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em Geografia:** ensaios de história, epistemologia e ontologia do , espaço geográfico. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.

ROSA, Maria V.F.P.C.; ARNOLDI, Marlene A.G.C. **A entrevista na pesquisa qualitativa:** mecanismos de validação dos resultados. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. 1007p.

RELPH, Edward C.”As Bases Fenomenológicas da Geografia.” In **Geografia.** Rio Claro,SP, 4(7), abril de 1979.

SANTOS, Milton. **A Natrurezza do Espaço:** Técnica e Tempo. Razão e Emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008 a. p. 384.

_____. **Por Uma Outra Globalização:** do pensamento único à consciência universal. 13. ed. Rio de Janeiro-São Paulo: Editora Record, 2006 p.174.

_____. **Da Totalidade ao Lugar.** 1.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008 b.p.176.

_____. **Pobreza urbana.** -3.ed.,1.reimpr.- São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

_____. **A urbanização Brasileira.** -5.ed., 3 reimpr.-São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

SANTOS, Joelma Cristina dos.; PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. **A pesquisa de campo nos canaviais do Oeste paulista:** o universo dos trabalhadores entre a “sua forma de ser” e a exploração do seu “ser” in **Geografia e pesquisa qualitativa: nas trilhas da investigação.** Julio César de Lima Ramires; Vera Lúcia Salazar Pessôa (organizadores) Uberlândia: ASSIS, 2009. p. 544.

TRIVIÑOS, A.N.S. Pesquisa qualitativa. In: _____. Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TUAN, Yi-Fu. “Geografia Humanística.” (Trad.) Transcrito dos **Annls of Association of American Geographers**, 66: (2), junho1976. Título original: Humanistic Geography.

_____. **Espaço e Lugar: A Perspectiva Da Experiência.** Tradução de Livia de Oliveira. Londrina : EDUEL,2013. p. 248.

_____. **Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente.** Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo : DIFEL,1980. p. 288.

TURATO, Egberto Ribeiro. Métodos qualitativos e quantitativos na área de saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. **Revista de saúde pública**, 2005 vol. 39 no.3.

_____ Decidindo quais indivíduos estudar. In: _____. **Tratado da Metodologia da pesquisa clinico qualitativa.** Petrópolis: Vozes, 2003.p.351-368.

VALLE, Cristiane Nasser do. **Cidades Médias e crise urbana:** um estudo a partir do crescimento dos aglomerados de exclusão em Juiz de Fora. 2012. Dissertação (Mestrado em Serviços Social) Faculdade de Serviço Social, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.

VENÂNCIO, Marcela.; PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. **O diário de campo e a construção da pesquisa:** registros das emoções dos sujeitos envolvidos e a reconstrução de suas histórias de vida e do lugar. in **Geografia e pesquisa qualitativa: nas trilhas da investigação.** Julio César de Lima Ramires; Vera Lúcia Salazar Pessôa (organizadores) Uberlândia: ASSIS, 2009. p. 544

VIEIRA, Alexandre Bergamin; FURINI, Luciano Antonio; NUNES, Marcelo; LIBÓRIO, Maria Coimbra. **Exclusão social: a formação de um conceito.** In **Exclusão social em cidades brasileiras:** um desafio para as políticas públicas. Everaldo Santos Melazzo e Raul Borges Guimarães (organizadores) São Paulo: UNESP, 2010 p. 304.